

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA
MESTRADO E DOUTORADO PPGT - PUCPR**

AGILDO ALVES DE SOUZA

**UM ESTUDO MARIOLÓGICO SOBRE A NOVENA DE
NOSSA SENHORA DO PERPÉTUO SOCORRO EM MANAUS**

PORTO VELHO

2023

AGILDO ALVES DE SOUZA

**UM ESTUDO MARIOLÓGICO SOBRE A NOVENA DE
NOSSA SENHORA DO PERPÉTUO SOCORRO EM MANAUS**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Interinstitucional em Teologia, Faculdade Católica de Rondônia e Pontifícia Universidade Católica do Paraná – PUCPR, Área de Concentração Teologia Sistemático-Pastoral, Linha de Pesquisa Teologia, Evangelização e Diversidade Religiosa, como requisito parcial para a obtenção de título de Mestre em Teologia.

Orientador: Prof. Dr. Elias Wolff.

PORTO VELHO

2023

Dados da Catalogação na Publicação
Pontifícia Universidade Católica do Paraná
Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBI/PUCPR
Biblioteca Central
Margareth Jansson Zanetti – CRB 9/1117

S729e 2023	Souza, Agildo Alves de Um estudo mariológico sobre a novena de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro em Manaus / Agildo Alves de Souza ; orientador: Elias Wolff. – 2023. 151 fl. : il. ; 30 cm Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 2023 Bibliografia: fl. 149-151 1. Teologia. 2. Redentoristas. 3. Maria, Virgem, Santa. 4. Ícones. 5. Novenas. 6. Devoção. I. Wolff, Elias. II. Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Programa de Pós-Graduação em Teologia. III. Faculdade Católica de Rondônia. IV. Título. CDD 20. ed. – 230
---------------	---



Programa de
**PÓS-GRADUAÇÃO
EM TEOLOGIA
PUCPR**

**ATA DA SESSÃO PÚBLICA DE EXAME DE DISSERTAÇÃO N.º 002.2023
DEFESA PÚBLICA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO**

Aos quinze dias de fevereiro de dois mil e vinte e três, reuniu-se às catorze horas, por videoconferência, a Banca Examinadora constituída pelos docentes: Prof. Dr. Elias Wolff, Prof. Dr. José Aguiar Nobre, Prof. Dr. Márcio Luiz Fernandes, para examinar a Dissertação do mestrando **Agildo Alves de Souza**, ano de ingresso 2021, aluno do Programa de Pós-Graduação em Teologia, Área de concentração: Teologia Sistemático - Pastoral - Linha de Pesquisa: "Teologia, Evangelização e Diversidade Religiosa". O mestrando apresentou a dissertação intitulada "**UM ESTUDO MARIOLÓGICO SOBRE A NOVENA DE NOSSA SENHORA DO PERPÉTUO SOCORRO EM MANAUS**". O candidato fez uma exposição sumária da dissertação, em seguida procedeu-se à arguição pelos Membros da Banca e, após a defesa, foi APROVADA pela Banca Examinadora, com indicação de publicação. A sessão encerrou-se às 15:40. Para constar, lavrou-se a presente Ata, que segue assinada pelo presidente da Banca Examinadora e pela coordenação do Programa. Os avaliadores participaram da banca de Defesa de Dissertação por videoconferência e estão de acordo com termos acima.

Prof. Dr. Elias Wolff - Presidente/Orientador

Prof. Dr. José Aguiar Nobre - Convidado Externo

Prof. Dr. Márcio Luiz Fernandes - Convidado Interno



Prof. Dr. Rudolf Eduard von Sinner
Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Teologia
Stricto Sensu

Dedico a todos devotos de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro que participam das novenas, bem como, aos missionários redentoristas pelo zelo e a dinâmica de divulgar esta devoção.

AGRADECIMENTOS

Minha gratidão a Deus, que me encoraja a persistir e ilumina meus pensamentos. Mesmo que os caminhos pareçam difíceis, Ele me dá forças para superar qualquer desafio, acreditando que tempos melhores virão.

De maneira especial, agradeço à Congregação do Santíssimo Redentor, os Redentoristas, congregação da qual faço parte e que custeou todos os deveres financeiros desde minha chegada ao seminário, até a conclusão destes dois anos de Mestrado.

Ao Prof. Dr. Elias Wolff, que me orientou para a construção desta dissertação. Obrigado pela amizade, apoio, por compartilhar seu conhecimento e por ter paciência neste processo de acompanhamento.

Agradeço, de maneira especial, a todos professores que nos acompanharam e que fazem parte do Programa de Pós-graduação MESTRADO E DOUTORADO PPGT – PUCPR, pelos preciosos ensinamentos e dedicação, em especial, à Profa. Dra. Clélia Peretti pelo incentivo, cuidado, proximidade e acompanhamento nesta pesquisa, gratidão!

A todos os meus confrades, amigos (as), familiares, conhecidos, pessoas que me ajudaram, de uma forma ou de outra, na elaboração dessa pesquisa, de modo especial, agradeço à Profa. Dra. Andreza Weil por gastar seu tempo comigo, obrigado pelo carinho e pela amizade.

Minha gratidão eterna à Nossa Senhora Mãe do Perpétuo Socorro, mãe amável que jamais me abandonou e que sempre esteve ao meu lado direcionando os passos e, acima de tudo, mostrando os caminhos de Jesus.

Obrigado, mãe querida!

“O devoto de Maria nunca se perde.”

(Santo Afonso)

RESUMO

O estudo mariológico sobre a novena de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro é uma reflexão sobre Maria nas suas diversas formas de devoção inseridas no catolicismo popular. O objetivo desta pesquisa é revelar a origem de um ícone (quadro) milagroso de Nossa Senhora que era muito venerado, segundo a tradição, na ilha de Creta, trazendo presente a sua história até os tempos atuais. Além disso, ressaltaremos os responsáveis que implementaram a divulgação dessa devoção e como as novenas tomaram uma proporção gigantesca por onde os missionários redentoristas passaram, principalmente, no Santuário de Nossa Senhora Aparecida em Manaus. O estudo sobre a Novena de Nossa Senhora contribui para compreender os aspectos positivos e os desafios que esse modo de celebrar a fé pode trazer a Igreja Católica. As diversas expressões contidas nas celebrações da novena expõem o jeito singular dos fiéis e suas particularidades, muitas vezes, não atentando para a ritualística, à liturgia, à teologia ou até mesmo para a sua espiritualidade dentro dos padrões clericais, mas que conseguem, de um jeito próprio, manifestar a fé através das expressões devocionais. Sendo assim, através de uma metodologia desenvolvida a partir de pesquisas bibliográficas, documentais e a percepção holística do próprio pesquisador, que está inserido no ambiente da pesquisa, serão meios que facilitaram para que o leitor tenha uma melhor compreensão da temática. Dessa forma, o estudo mariológico sobre a novena procura revelar como a devoção é apresentada e celebrada na igreja de Manaus para a compreensão de uma fé madura na pessoa de Jesus. Diante disso o santuário de Aparecida é o lugar onde acontece, a partir das novenas, a ação pastoral, espiritual, teológico, litúrgica e devocional. Concluiu-se que essas ações têm sido um lugar referencial para a manifestação da fé, e as novenas têm ganhado espaço e encontram lugar em quase todas as paróquias da arquidiocese de Manaus.

Palavras-chave: Redentoristas; Nossa Senhora; ícone; novena; devoção.

ABSTRACT

The Mariological study about the novena of our Lady of Perpetual Help is a reflection about Mary in her various forms of devotion inserted into the popular Catholicism. The objective of this research is due to a miraculous icon (picture painting) of Our Lady that was highly venerated, according to tradition, on the island of Crete, and that brings its history to the present day. In addition, highlighting those responsible for implementing the spreading of this devotion and how the novenas took on a gigantic proportion wherever Redemptorist missionaries were present, in the Sanctuary of Nossa Senhora Aparecida in Manaus. Studying the Novena of Our Lady will help us to understand the positive aspects and the challenges that this way of celebrating the faith can bring to the Catholic Church. The various expressions contained in the celebrations of the novena explains the unique way of the faithful and their particularities, often not paying attention to rituals, liturgy, theology or even to their spirituality within clerical standards, but which manage, in a way manifest faith through devotional expressions. Thus, through a methodology developed from bibliographical and documentary research and through a holistic perception of the researcher who is inserted in the research environment, these will be means that facilitate the reader to have a better understanding of the theme. In this way, the Mariological study of the novena seeks to reveal how devotion is presented and celebrated in the church in Manaus for the understanding of a mature faith in the person of Jesus. In this case, the sanctuary of Aparecida is the place where the pastoral, spiritual, theological, liturgical and devotional action takes place for the manifestation of faith and the novenas have gained space and find place in almost all the parishes of the archdiocese of Manaus.

Keywords: Redemptorist; Our Lady; icon; novena; devotion.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1- Nossa Senhora do Perpétuo Socorro	20
Figura 2 - Primeiros Redentoristas em Manaus com Dom J. da Matta	49
Figura 3- Foto da primeira igreja de Nossa Senhora Aparecida.....	53
Figura 4 - Foto da capela Santa Luzia da matinha, primeira turma de 1ª Eucaristia.	56
Figura 5 - Igreja atual de Nossa Senhora Aparecida.....	62
Figura 6 e Figura 7- Caminhada de joelhos ao altar de Nossa Senhora.....	133
Figura 8 e Figura 9 - Depois da bênção da cabeça e toque na cruz	137
Figura 10 e Figura 11 - Altar de Nossa Senhora e entrega de flores	142

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CIC	Catecismo da Igreja Católica
CDC	Código do Direito Canônico
CNBB	Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
CSsR	Congregação do Santíssimo Redentor
DAp	Documento de Aparecida
DGAE	Diretrizes da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil
DM	Documento de Medellín
DP	Documento de Puebla
DPPL	Diretório sobre a Piedade Popular e Liturgia
EM	Evangelii Nuntiandi
EG	Exortação Apostólica Evangelii Gaudium
LG	Lumen Gentium
LS	Laudato Si Encíclica do Papa Francisco, Louvado Seja!
MC.	Marialis Cultus
MR	Missal Romano
QA	Querida Amazônia: exortação apostólica pós-sinodal
SC	Sacrosanctum Concilium

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	14
2 ASPECTOS HISTÓRICOS DO ÍCONE DE NOSSA SENHORA DO PERPÉTUO SOCORRO NA IGREJA DE MANAUS.....	18
2.1 O ÍCONE DE NOSSA SENHORA DO PERPÉTUO SOCORRO: HISTÓRIA E TRADIÇÃO.....	19
2.2 OS CAMINHOS DO ÍCONE: DESAFIOS ENCONTRADOS NA HISTÓRIA.....	24
2.3 A CONGREGAÇÃO REDENTORISTA E A DEVOÇÃO AO ÍCONE	28
2.3.1 O devoto mariano	32
2.3.2 A devoção a partir do olhar da Igreja.....	34
Conclusão	38
3 MISSIONÁRIOS REDENTORISTAS: EXPANSÃO E DESDOBRAMENTOS PASTORAL NA IGREJA DE MANAUS	40
3.1 MISSIONÁRIOS REDENTORISTAS EM MANAUS: HISTÓRIA E MISSÃO.....	41
3.1.1 A Congregação do Santíssimo Redentor	41
3.1.2 Trajetória da Congregação redentorista para o Amazonas.....	46
3.1.3 Presença dos missionários redentoristas em Manaus e a devoção ao “Perpétuo Socorro”	51
3.1.4 A chegada dos missionários Redentoristas em Manaus.....	51
3.1.5 Primórdios da missão dos missionários redentoristas em Manaus e a devoção.....	54
Conclusão	63
4 O LUGAR DA DEVOÇÃO MARIANA: A AÇÃO PASTORAL DO SANTUÁRIO DE NOSSA SENHORA APARECIDA	64
4.1 CONCEPÇÕES SOBRE PASTORAL, COMUNIDADE, PARÓQUIA E SANTUÁRIO	65
4.1.1 Pastoral.....	66
4.1.2 Comunidade	69
4.1.3 Paróquia	71
4.1.4 Santuário	74
4.1.5 Santuário de Nossa Senhora Aparecida: movimento histórico e adaptações pastorais	78
4.2 ORGANIZAÇÃO DO SANTUÁRIO DE APARECIDA.....	83

4.2.1 Ação missionária/pastoral.....	84
4.2.2 As liturgias e a paraliturgia	86
4.3 NOVENA PERPÉTUA.....	90
Conclusão	98
5 A NOVENA DE NOSSA SENHORA DO PERPÉTUO SOCORRO: SINGULARIDADES E HORIZONTES TEOLÓGICOS, PASTORAIS E ESPIRITUAIS	100
5.1 HORIZONTES TEOLÓGICOS	101
5.1.1 A novena como expressão da “Teologia da devoção” mariana	104
a) Dimensão cristológica.....	105
b) Dimensão eclesiológica	107
c) Dimensão mariológica.....	109
d) Dimensão espiritual.....	112
5.2 HORIZONTES LITÚRGICOS	114
5.2.1 O rito da novena	116
5.3 HORIZONTES DEVOCIONAIS	130
5.3.1 Expressões da devoção popular na novena perpétua.....	131
Conclusão	142
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	144
REFERÊNCIAS.....	149

1 INTRODUÇÃO

Apresentamos nesta dissertação um estudo mariológico sobre a novena de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro em Manaus, AM, a partir da realidade do Santuário de Nossa Senhora Aparecida. Manaus está situada na região norte do país, especificamente, no estado do Amazonas. A população manauara alcança uma estimativa de mais de 2 milhões e duzentos mil habitantes. Além dos povos nativos existentes, como os indígenas e afrodescendentes, ao longo de alguns anos, principalmente por conta da extração da borracha e, posteriormente, pela zona franca de Manaus, chegaram nesta região, cearenses, paraenses, maranhenses e outros povos de diversos lugares do Brasil.

A religiosidade predominante é o catolicismo e o protestantismo, além de outras religiões de origens africanas. Apesar das diversas expressões religiosas existentes nesta cidade, pesquisaremos sobre a devoção à Nossa Senhora com o título de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro dentro do catolicismo popular. Esta é a principal motivação que procuraremos enfatizar a devoção, tentando compreender esse universo devocional manifestado pelas novenas de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro e como ela tem sobrevivido por tanto tempo com a grande quantidade de pessoas todas terças-feiras ao Santuário de Aparecida.

Dessa forma, os caminhos metodológicos utilizados para garantir o alcance dos objetivos para melhor compreendermos esta pesquisa, usaremos os seguintes requisitos: **Pesquisa Bibliográfica** que contribuirá para construção e compreensão das categorias de análises que serão construídas teoricamente a partir das leituras de diferentes autores que dominam a temática; **Pesquisa Documental** que permite a investigação de determinada problemática, por meio do estudo das documentações que são produzidas e que colaboram para o conhecimento da realidade da temática a ser estudada; **Percepção holística do pesquisador** que consiste em conhecimento de causa pelo fato do pesquisador estar inserido no próprio local da realidade de pesquisa. Além disso, para melhor ilustrar e registrar as diversas expressões e momentos específicos da novena, será utilizado o **recurso fotográfico** para termos uma melhor visibilidade dos momentos celebrativos.

Sendo assim, esta dissertação está dividida em 4 (quatro) capítulos. O primeiro aborda alguns aspectos sobre o ícone de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, de acordo com a tradição, revelando sua origem e sentido devocional que nos mostra a

grande importância e os caminhos que percorreu para chegar até este solo de missão. Posteriormente, tentaremos revelar os desafios enfrentados pelo ícone ao longo do tempo, principalmente, por causa do furto que sofreu¹, ficando no anonimato por longos anos até chegar às mãos da Igreja. Os aspectos devocionais, que causaram influência na vida do povo, e o entendimento da Igreja sobre o lugar da devoção mariana na realidade popular. Esses fatores serão complementados quando refletirmos sobre o papel de Maria para o catolicismo.

No segundo capítulo, procuraremos refletir sobre a missão dos missionários redentoristas que, escutando a história e entendendo a tradição puderam assumir, de forma prática, o compromisso de torná-la conhecida pelo mundo inteiro. Sendo verdadeiros devotos de Maria, como era seu fundador (Santo Afonso), veem no ideal devocional uma proposta de tornar presente na vida do povo a “mãe do Perpétuo Socorro”.

O terceiro capítulo explicitará sobre o lugar da devoção mariana e a ação pastoral dentro do contexto do Santuário de Nossa Senhora Aparecida. Nesta reflexão, tentaremos compreender sobre o contexto pastoral, ou seja, o que se realiza pastoralmente na realidade do santuário de Aparecida com a intenção de melhor compreendermos a devoção mariana. Além disso, buscaremos clarear o conceito de comunidade, paróquia e santuário nas diversas formas em que acontece sua ação pastoral em nível de organização e sua funcionalidade. Destacaremos, também, as questões litúrgicas, ritualísticas e celebrativas da novena de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro que fazem parte de uma espiritualidade da manifestação pela piedade popular, intrinsecamente ligada à novena.

E, por fim, no quarto capítulo, serão apresentados os horizontes e as singularidades da celebração da novena. Dentro dessa perspectiva, buscaremos compreender o rito que culmina toda ação litúrgica e que determina sua real importância. Essas são maneiras de compreendermos as dimensões que estão enraizadas dentro da ação celebrativa, pois a novena não é apenas uma devoção que se resume ao um prestígio exclusivo à Nossa Senhora, mas busca, por meio dela,

¹ O quadro de Nossa Senhora que era muito venerado na Ilha de Creta chama a atenção de um ganancioso comerciante. Vendo que muitas pessoas recebiam graças quando se colocavam diante dele em veneração, chama a sua atenção e resolve roubá-lo e levá-lo para Roma com a intenção de ganhar algum benefício econômico.

identificar os aspectos próprios da teologia, cristologia, eclesiologia, liturgia e, conseqüentemente, da dimensão espiritual.

Todos esses elementos são caminhos que podem facilitar um entendimento das diversas expressões devocionais contidas na novena que, por vezes, tem seu valor, mas que precisa ser apurada a maneira de como esta devoção está sendo vivida.

Ao referirmo-nos a essa devoção, devemos sempre levar em conta sua finalidade para a vida do povo nesse processo de evangelização, tendo em vista o lugar de Maria na realidade social, eclesial e cristã, pois, muitas vezes, temos a tendência de limitar sua participação ao contexto cristão no seio da Igreja. Em decorrência disso, esquecemos de refletir que Maria faz parte da realidade do povo presente na vida de cada fiel. Esse contato torna cada vez mais expressiva a relação de Maria com os devotos.

Todavia, percebemos, por meio desta pesquisa, a existência de um sentimentalismo ou afeto muito forte por Maria. Isso pode ocultar determinadas situações práticas de uma fé racional dando abertura a um devocionismo que engradece a Maria e aos santos, enquanto a fé em Jesus torna-se “secundária” formando um grande risco proporcionado pela devoção. Diante disso, vale a pena pregar a devoção à Nossa Senhora, sabendo que ela pode causar incompreensões na vida do fiel que se limita a práticas devocionais (terços, novenas, ofícios de Nossa Senhora, etc.)?

Talvez essa pergunta possa incitar em nós uma postura que nos direcione a refletir o modo como estamos transmitindo ou orientando os fiéis na prática devocional caracterizada pela piedade popular. Por isso, a realidade de nossas igrejas ou santuários, que carregam em sua organização o nome dos santos, reforçam essa indagação que talvez torne visível essa incoerência catequética na forma de manifestar a fé.

Diante dessas considerações, refletiremos ainda sobre o lugar de Maria, na ação pastoral do Santuário, lugar onde referenciamos nossa pesquisa, pois, a partir disso, teremos uma melhor compreensão sobre as prerrogativas mencionadas anteriormente, que colocam em pauta o valor (ou não) dessa devoção de maneira celebrativa.

Portanto, a celebração da novena não é apenas um rito que se deslumbra na vontade do povo, mas que procura, por meio da sua ação pastoral, teológica e

espiritual proporcionar aos devotos uma forma de melhor compreender o ser Igreja através da devoção mariana. Sendo assim, estudar sobre esta temática nos proporcionará mecanismos que nos ajudarão a compreender por que a devoção tem ganhado muito espaço na vida do povo e como tem surgido diversos tipos de novenas, terços etc., que surgem da piedade popular ou dos meios de comunicação social.

2 ASPECTOS HISTÓRICOS DO ÍCONE DE NOSSA SENHORA DO PERPÉTUO SOCORRO NA IGREJA DE MANAUS

A história marca um início de uma época que se deslumbra ao longo do tempo. Diante da história nos deparamos com realidades que estão intimamente ligadas ao cotidiano das pessoas, principalmente quando nos referimos à realidade religiosa. Para isso, trazemos presente, no contexto do cristianismo, o ícone de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro que tem ganhado espaço na vida de milhares de pessoas desde sua origem.

Convém ressaltar que todo o conhecimento a respeito desse ícone deve-se à tradição e à oralidade, mas, acima de tudo, ao modo como os fiéis o veneram desde a ilha de Creta, desde o seu início até os tempos atuais. Todo o processo histórico culminou para que tivéssemos um melhor conhecimento do ícone e pudéssemos fazer uma melhor análise sobre o seu real significado, no entanto, sem perder de vista os diversos desafios encontrados em sua história e como sobreviveu a tantas situações que poderiam ter colocado um ponto final nesta forma de veneração à Nossa Senhora do Perpétuo Socorro.

Como já ressaltado, a grandeza dessa história poderia ter sido interrompida, como foi por um bom tempo, quando caiu nas mãos erradas, porém essa não era a vontade de Deus nem o desejo de Nossa Senhora, pois sua missão está ligada à vida do povo. Ele encarrega pessoas para dar continuidade à missão e à evangelização buscando conhecer da melhor forma os caminhos de Deus através da devoção a Maria. Para isso, entram os missionários redentoristas ou a Congregação do Santíssimo Redentor com o objetivo de resgatar a história e tornar viva a devoção à Nossa Senhora com o título de Perpétuo Socorro.

Por sua vez, como devotos marianos, os missionários redentoristas carregam essa devoção em seu coração a exemplo de seu pai fundador, Santo Afonso Maria de Ligório. A relação dos missionários com o ícone é posterior a sua origem, porém o que nos surpreende é a forma em que os fiéis o veneram desde a ilha de Creta até os tempos atuais, seja nas particularidades ou nos diversos santuários, igrejas espalhadas pelo Brasil e no mundo onde se encontra o fac-símile de Nossa Senhora.

A Igreja, por sua vez, toma consciência dessa veneração e abraça com fervor sua divulgação, tornando-a acessível na vida do povo nas diversas manifestações de piedade popular. Todavia, é certo que a devoção aos santos e à virgem Maria nasce

nas particularidades de cada pessoa, assim como ocorreu com a devoção a Nossa Senhora desde sua origem, tendo em vista que, nos primeiros séculos da Igreja, a devoção era apenas cristológica, voltada à pessoa de Jesus.

Todavia, a história do ícone não é algo meramente imposto, mas uma ação de Deus na vida do povo, assistido pela Igreja. Primeiramente, foi ocultado pelos desafios enfrentados no decorrer dos tempos e por onde passou e, posteriormente, desdobrado na ação missionária dos redentoristas que tomaram para si essa missão de conhecer sua história e divulgar essa devoção pelo mundo inteiro.

2.1 O ÍCONE DE NOSSA SENHORA DO PERPÉTUO SOCORRO: HISTÓRIA E TRADIÇÃO

A história do povo de Deus marca a relação do criador com sua criatura e os caminhos percorridos ao longo dos tempos. Com efeito, a caminhada carrega consigo valores, condutas, culturas, tradições, que os acompanham aonde forem ou estiverem, mesmo que apareçam, de maneira tímida, pelas novas formas de cultura, condutas, valores ou tradições que surgem no decorrer desse processo.

Como é difícil transportar, de maneira perene, uma cultura ou tradição com suas raízes ao longo dos séculos, é evidente que não conseguimos vivenciá-la na sua originalidade, mas obtemos informações através de escritos, documentos, tradições ou na oralidade. Entendemos como tradição as informações adquiridas e repassadas pelo povo de geração em geração. Sobre a tradição, o Catecismo da Igreja Católica, quando aborda sobre a Igreja e todo seu direcionamento, diz que:

Por meio da Tradição, 'a Igreja, em sua doutrina, vida e culto, perpetua e transmite a todas as gerações tudo o que ela é, tudo o que crê'. 'O ensinamento dos Santos Padres testemunha a presença vivificante desta Tradição, cujas riquezas se transfundem na praxe e na vida da Igreja crente e orante (CIC 78).

Na amplitude dessa temática, buscaremos trazer informações que visem proporcionar um conhecimento mais amplo sobre a devoção ao ícone de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro e como a tradição pode propiciar uma base de conhecimento conforme a realidade da vida e da fé de um povo. Este povo pode revelar o valor dessa tão ampla expressão devocional ao título mariano de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro.

Quando falamos de devoção mariana, devemos ter em mente sempre a figura de Maria com a expressão maior daqueles que recorrem às suas graças, ao mesmo tempo, no título de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro. Não poderíamos deixar de lado a referência que dá “corpo” a essa devoção que é o ícone de Maria. Esse ícone marca a origem dessa expressão de fé, enriquecida pela ação do povo, transmitida ao longo do tempo, tornando-a viva pela tradição no seio do catolicismo.

No que diz respeito à imagem, quadro ou ícone, estamos trazendo presente uma simbologia, pois visualizamos, através da gravura, algo que nos remete a uma memória, seja de algum símbolo ou de alguém. O direcionamento trazido para essa reflexão é o ícone de Maria.

Figura 1- Nossa Senhora do Perpétuo Socorro



Fonte: Santuário de Aparecida, Manaus, Am., 2022.

A confecção e a originalidade desse ícone são constituídas de maneira imemorial, visto que não há uma data que revele com exatidão o ano em que ele foi pintado e por quem foi pintado. No entanto, Parron (2013, p. 15) diz que esse ícone faz parte da “escola cretense”, isto é, de um grupo de monges que oravam e pintavam a pessoa de Jesus e de Maria.

No entanto, o ícone tem sua grandeza e finalidade. A grandeza é decorrente da sua gravura, da essência, da mensagem que ele quer transmitir. Ao mesmo tempo, sua representatividade quer colocar-nos diante de um mistério configurado e anunciado pela imagem de Nossa Senhora carregando no colo o Menino Jesus. A finalidade, por sua vez, de evangelizar áreas onde havia poucos missionários.

Para compreendermos, de maneira mais clara, sobre este quadro, precisamos dimensionar nossa reflexão sobre o seu real significado, o conceito e a finalidade do ícone. Grzywacz (2016) diz que ícone transmite uma mensagem de cunho religioso e tem sua origem em uma realidade particular, trazendo em sua raiz o seguinte significado:

A palavra 'ícone' deriva do termo grego '*eikon*', que significa 'imagem'. Todavia, na história da arte e também na linguagem comum, a palavra ícone é reservada a uma pintura, geralmente portátil, de gênero sagrado, executada sobre madeira, com uma técnica particular e segundo uma tradição transmitida pelos séculos. A pátria do ícone é o Oriente bizantino (GRZYWACZ, 2016, p. 9).

Esse conceito e origem revelam a finalidade de uma devoção que tem ganhado espaço ao longo da história e mostra-se, na vida do povo, inicialmente de maneira contemplativa e, posteriormente, de maneira devocional, pois retrata em sua pintura a imagem da mãe de Jesus.

Para o catolicismo brasileiro, a utilização de ícones não é muito comum, pois poucas representações utilizadas dessa forma são vistas em nossas igrejas. Na verdade, o que se observa é a constância de imagens ou quadros que trazem presente a memória dos santos para a devoção.

Convém ressaltar que, principalmente na Idade Média, a ornamentação das Igrejas era feita de maneira piedosa. A contrariedade poderia gerar determinadas consequências.

A oposição ao uso de imagens com críticas, debates e até mesmo morte, fez surgir, por outro lado, fortes razões que sustentaram seu uso. Principalmente em relação às imagens dos santos, que começaram a ser cultuadas de forma cada vez mais intensa. O maior desenvolvimento da devoção aos santos se deu fora do controle da Igreja oficial: embora ela enfatizasse essa prática, as proporções que essa religiosidade tomou foram além do conhecimento eclesial (MESQUITA, 2015, p. 164-165).

A devoção à Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, por sua vez, entra no catolicismo brasileiro, em meados de 1893, com a chegada dos missionários redentoristas em Minas Gerais. No entanto, essa devoção está intimamente ligada ao ícone e, em alguns casos, nas imagens, mesmo reconhecendo que a devoção mariana é vista de diversas formas: seja pela pintura, imagens, quadros que retratam Maria, a mãe de Jesus.

O título de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro surge após a criação do ícone que inicialmente foi chamado de “Nossa Senhora da Paixão”. A evidência das graças distribuídas e pedidos atendidos orientou a escolha do nome Nossa Senhora do Perpétuo Socorro. Buscar o socorro de Maria é entender que, pela sua intercessão, alcançaremos as graças necessárias que tanto suplicamos, pois encontramos nela o próprio Socorro que é Jesus.

O surgimento do ícone, alegado pela tradição, consta que foi São Lucas que o pintou na Ilha de Creta, constituindo nele a imagem de Maria carregando no colo o Menino Jesus e, ao lado, os arcanjos Miguel e Gabriel.

A história ensina que na Ilha de Creta, pertencente hoje a Grécia, houve uma produção muito forte de ícones representando a pessoa de Jesus Cristo e de Nossa Senhora. Também temos informações que o cristianismo na Ilha de Creta teve sua entrada nesta região, já no tempo dos Apóstolos, conforme atesta a carta de São Paulo a Tito: ‘Se te deixei em Creta, foi para que aí termine a organização e para que estabeleças em cada cidade presbíteros, de acordo com as instruções que te dei’ (Tt 1,5). Tem-se informação ainda que nesta região os ícones bizantinos eram muito venerados, de modo especial um ícone de Nossa Senhora. A tradição até diz que este ícone era uma cópia fiel de um ícone pintado pelo próprio evangelista São Lucas (PARRON, 2013, p. 15).

Essa região traz presente em sua forma devocional a iconografia para mostrar o exemplo, a vida, o testemunho de tantos homens e mulheres que se tornaram santos pela Igreja ao longo dos séculos e que a veneração concedida a eles é representada de maneira visível pelos ícones.

Não há, entretanto, exatidão dessa informação a respeito da confecção do ícone de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro ter sido pintado inicialmente por São Lucas, mas a localização, a realidade bizantina e a tradição informam-nos que ele era pintor, por isso tudo indica que esse quadro tenha vindo dessa região que hoje pertence à Grécia e que foi traçado pelas mãos de nosso evangelista.

É certo que o quadro pintado na ilha de Creta, como a tradição relata-nos, já não existe, pois, segundo alguns historiadores, há grande possibilidade que o ícone original tenha sido destruído no século XIV. Na obra intitulada: *À vossa proteção recorreremos, Mãe do Perpétuo do Socorro* do missionário redentorista Oliveira (s.d., p. 11) diz o seguinte: “Alguns historiadores acreditam que o primeiro quadro foi destruído na guerra de 1453, quando os turcos invadiram Constantinopla, mas a cópia do quadro (essa que temos até hoje) permaneceu protegida na ilha de Creta”².

A história do ícone não se limita à sua descoberta, visto que ela rompe o tempo e alcança os povos. A imagem do ícone não é apenas um pedaço de madeira com gravuras, mas contém uma mensagem, uma história, ou seja, mostra uma realidade. Com efeito, o ícone de Nossa Senhora revela-nos algo, chama-nos à atenção e mostra-nos Jesus.

É importante destacar que todo aspecto iconográfico revela-nos algo ou apresenta-nos uma mensagem. Essa mensagem vai ao encontro a realidade popular com todo seu teor teológico e espiritual. Entendemos que para um pintor confeccionar uma gravura não se resume apenas em pintar um quadro, pois sua construção vai além de uma ação humana, visto que ele carrega uma espiritualidade capaz de expor em cada traço de tinta uma mensagem significativa que revele seu real sentido.

O ícone de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro traz consigo não apenas a gravura de uma mulher carregando seu filho no colo, mas uma mensagem de salvação, pois exalta as simbologias da crucificação de Jesus no apogeu da redenção. “O ícone religioso nada mais é que a comunicação, através da pintura sagrada da pessoa de Jesus Cristo e das Graças de Nossa Senhora. O ícone religioso, de fato, é o anúncio dos mistérios da salvação através da pintura” (PARRON. 2013, p. 14).

No ícone, há uma mensagem simbólica que comunica o seu real significado vista de maneira contemplativa. Nesta contemplação, vemos, de maneira clara, o que o pintor quis revelar, pois a pintura mostra uma mensagem que conduz a uma reflexão capaz de obtermos um enriquecimento espiritual. Ademais, sua mensagem continua intacta mesmo que tenha vivido por muito tempo no anonimato em decorrência dos diversos episódios que poderiam ter colocado a sua existência em jogo.

² Este livro foi publicado pela editora Santuário, contudo, não há informações catalográficas precisas que possam identificar o ano de sua publicação.

2.2 OS CAMINHOS DO ÍCONE: DESAFIOS ENCONTRADOS NA HISTÓRIA

As grandes manifestações de devoção ao ícone de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro ganham evidência. No decorrer do tempo, muitos devotos recorrem à sua intercessão, principalmente nos momentos de aflição, suplicando à mãe de Deus o socorro necessário para os momentos difíceis de suas vidas.

No entanto, o processo histórico de mercantilização da fé tornou-se um grande desafio para as religiões, principalmente na dinâmica da devoção. A história do ícone marca esse processo comercial, quando há intervenção pessoal, egoísta e econômica do ser humano relacionada à história do quadro. Os desafios começam a surgir, os interesses pessoais e econômicos ganham destaque, e aquilo que é próprio da fé, enraizado em sua cultura religiosa, passa a ter outros interesses capitalistas, tomando um novo curso.

No que tange ao ícone de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, os processos comerciais ficaram evidentes quando, no final do século XV, um determinado comerciante que, visando trazer algum benefício pessoal e financeiro, “resolveu roubá-lo e transportá-lo para Roma” (PARRON. 2013, p. 14).

As evidências históricas mostram que o ícone transmitiu uma mensagem importante nos caminhos por onde passou. Mesmo aqueles que não eram devotos testemunharam situações “milagrosas” como, por exemplo, o comerciante e seus companheiros que levava aquele precioso quadro em seu navio.

Durante a travessia do Mediterrâneo, diz a tradição, o navio que transportava a preciosa carga foi atingido por uma forte tempestade, que ameaçava submergi-lo. Os tripulantes ignorando a presença da sagrada imagem, no auge do desespero recorreram à Virgem Maria e logo a tormenta amainou, permitindo que a embarcação ancorasse sã e salva em terras italianas (OLIVEIRA, s.d., p. 11).

A história desse episódio revela que mesmo diante da tormenta pelas necessidades da vida, a Mãe de Deus vem em auxílio de todos, sem distinção. É evidente que a presença de Maria não se resume a um ícone ou quadro, muito menos a uma imagem, pois Maria é uma pessoa que, pelo testemunho e doação, torna-se uma mulher singular na vida da Igreja.

A Igreja faz sua caminhada ao longo de muitos anos, e durante toda sua história, no projeto divino, testemunhado e vivido, Maria é uma referência de suma

importância que participa de maneira pessoal do plano da salvação que vem Deus na vida e na história do povo cristão. Ela abre-se à novidade divina para atender as necessidades humanas. Da mesma forma em que ela acolheu o pedido do anjo Gabriel para ser a Mãe de Deus, ela também, acolhe os pedidos da humanidade.

Devemos entender que Deus tem seus caminhos. Ele age na vida humana, seja através dos acontecimentos que envolvem a fé, seja por meio da devoção na dimensão apostólica da ação cristã. Deus mostra seu valor nos acontecimentos e, principalmente, através do testemunho e a indicação da mãe de seu Filho: “fazei tudo o que ele vos disser” (Jo 2,5).

Talvez aquele comerciante não tivesse noção do que iria acontecer após o furto, porém, devemos imaginar a situação e a angústia dos fiéis ao se depararem com o sumiço do quadro. Os fiéis sentiriam a ausência. Todavia, devemos compreender que a devoção à Maria não se resume ao simples quadro ou a alguma imagem, visto que a devoção nasce do coração e da experiência religiosa de um povo, da fé. Maria não é um quadro; ela é uma mulher, a mãe do Filho de Deus.

A chegada do ícone a Roma é discreta e oculta. Poucos sabem de sua existência, pois ficou escondido na casa da família do comerciante que o roubou. Além de uma questão religiosa, o desvio do ícone envolve uma atitude civil por se tratar de um crime.

O tempo foi o suficiente para marcar a história daquela família, pois aquele homem foi acometido por uma grave enfermidade, que sensibiliza o ser humano. Então, na sua fragilidade, o comerciante arrepende-se do que havia cometido, confia o segredo a um amigo, pedindo-lhe que entregue o quadro a uma igreja mais próxima.

Apesar do pedido ter sido à beira da morte, a consumação de seu último desejo não foi atendido, o quadro ficou por mais um tempo em outras mãos, impossibilitando que o povo pudesse venerá-lo.

A propósito disso, Parron (2013, p. 16) relata que:

Em Roma este comerciante caiu gravemente enfermo e se arrependeu do erro cometido e procurou um amigo para cuidar do quadro de Nossa Senhora. Na hora da morte este homem contou a este amigo o segredo do roubo do ícone de Nossa Senhora e pediu que o colocasse a alguma igreja. No entanto, a esposa desse amigo gostou demais desta arte sagrada e não permitiu que fosse entregue a uma igreja e veio a morrer sem cumprir o pedido do comerciante arrependido.

Aqui, começa mais uma fase na história do ícone de Nossa Senhora. Com a morte do comerciante, um amigo assume o compromisso de devolvê-lo para uma igreja. Os encaminhamentos foram direcionados, e o amigo assume a responsabilidade de devolver o quadro, mas a beleza do quadro chama a sua atenção e mais uma vez ele é usurpado.

Diante desse impasse, algumas perguntas surgem: por que o ícone de Nossa Senhora chama tanta atenção? Por que sua história é cheia de “incidentes”? O que ele tem de especial? Talvez não tenhamos respostas claras a essas perguntas, mas quando o racional não dá clareza, a fé é a dimensão mais precisa que nos possibilita buscar nela as verdades teológicas.

Todos esses episódios ocorridos anteriormente são os caminhos que Deus direcionou para que hoje pudéssemos estar contando a história dessa devoção tão importante na vida da Igreja. Jesus nos fala no evangelho de São Lucas (4,21) que foi “para se cumprir as escrituras que acabaste de ouvir” e, por isso, precisamos entender o tempo presente para uma compreensão futura.

A história do ícone e cada etapa vivida dão-nos indicação de que algo promissor poderia acontecer. Para isso, é necessário paciência e perseverança. A fé não é imediatista. Sua ação ocorre de maneira incompreensível, apenas cremos. Dessa forma, é precioso compreender e ter paciência. O tempo presente permite-nos acreditar, confiar que algo melhor poderá acontecer. Esse processo vai acontecendo gradativamente e quando nos referimos sobre a história do ícone pouco a pouco ele vai ganhando seu curso.

Por outro lado, quando o ego humano condiciona a dimensão da fé, a intervenção divina reacende na vida das pessoas e foi isso o que aconteceu. A relutância só teve fim diante da aparição de Maria a uma menina de 6 anos de idade, filha do amigo do comerciante para o qual foi designado o pedido de devolução do quadro.

Em sua aparição, segundo Parron (2013, p. 17), Maria pediu que a família levasse o ícone à igreja mais próxima, que ficava entre as basílicas de Santa Maria Maior e São João de Latrão (onde se situava a igreja de São Mateus) para que finalmente ganhasse seu real lugar e para que todos pudessem ter acesso a ele e contemplá-lo.

A família ainda relutou em entregar o ícone a esta igreja indicada à menina de seis anos de idade. Diz ainda a tradição que depois de muitas dúvidas e dificuldades, 'a mãe obedeceu: avisados aos frades encarregados daquela igreja...este quadro da gloriosa virgem foi colocado dia 27 de março de 1499 no templo de São Mateus Apóstolo'.

Sabemos do grande impasse que a tomada de decisão em devolver o quadro causou na vida daquela família. Ao mesmo tempo, vemos a intervenção de Nossa Senhora para que no momento certo acontecesse.

Vale ressaltar que o dia da devolução do quadro foi muito marcante para a dinâmica do povo de Roma, que, de diversos lugares, passava por aquela igreja, que mais tarde seria administrada pelos monges Agostinianos vindos expulsos da Irlanda pelos protestantes, para expressar o seu momento de fé e devoção à Nossa Senhora. Aquele dia 27 de março representa um momento significativo para celebrar a entrada do quadro de Nossa Senhora na igreja de São Mateus, não mais privada a uma família, mas exposta a todo povo.

A partir de então, a veneração e a devoção à Nossa Senhora do Perpétuo Socorro tornavam-se mais visíveis, pois muitas graças eram alcançadas pela sua intercessão. A igreja recebia a visita de muitos fiéis de diversos lugares e o dinamismo religioso era presente na vida daquela igreja.

Por mais de dois séculos, a fé era vivida de maneira serena. Mas o surgimento das revoluções e guerras afetou catastroficamente a realidade da Igreja e do povo. Era o início da revolução francesa (1789) ocasionada pela classe burguesa e apoiada pelos camponeses. Essa revolução deu-se em decorrência de uma grande crise política, que proporcionou uma mudança de regime. Em decorrência disso, muitos lugares foram conquistados pelas tropas de Napoleão, e a Igreja de São Mateus foi destruída, salvando apenas o ícone de Nossa Senhora.

Cercada pelo carinho dos fiéis, Nossa Senhora trazia para todos os seus visitantes as bênçãos de Deus. Mas, no ano 1798, aquele templo foi criminosamente destruído pelas tropas de Napoleão. Os religiosos foram dispersados e o quadro caiu novamente no esquecimento (OLIVEIRA, s.d., p. 13).

Nesse momento, as tropas Napoleônicas invadem a Itália, consequentemente Roma, assolando o povo e destruindo alguns lugares religiosos, entre eles a igreja de

São Mateus. Diante disso, mais uma vez o quadro sofre as consequências da ação humana. Outrora fora desviado por um furto, agora sofre as consequências da guerra.

Posteriormente, no ano de 1799, por meio de um golpe de estado Napoleão assume o poder apoiado pela grande burguesia e, nesse mesmo ano, termina a revolução francesa com Napoleão sendo Consul da França.

A história do ícone não termina com esse impasse. Com o fim da Revolução Francesa, é constituído um novo ciclo. O retorno dos missionários e suas ações religiosas, em Roma iniciam, uma nova missão. Nessa ocasião, o quadro cai mais uma vez no esquecimento, pois 20 anos depois do fim da guerra os Monges Agostinianos assumem uma nova igreja, a Santa Maria Maior, e levam consigo o quadro. No entanto, aquela igreja já tinha uma referência devocional à Nossa Senhora das Graças, e o ícone não é colocado em destaque.

Diante disso, os monges, para salvaguardar o valor devocional, resolveram colocar o quadro numa pequena capelinha da casa religiosa para que diante dele pudessem fazer suas orações particulares.

Ressaltamos que, antes da destruição da igreja de São Mateus, onde os Monges Agostinianos eram responsáveis pela administração pastoral, havia um irmão chamado Agostino, que teve grande importância para o reacender da devoção à Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, como também para que o quadro, mais uma vez, tivesse visibilidade para os fiéis.

Esse irmão era dedicado à oração, muito devoto de Maria e sabia primorosamente a história do ícone e, assim, operou maravilhas na vida do povo italiano. Sua dedicação na vida de oração tinha mais sentido em frente ao ícone milagroso, passando horas e horas naquela capela particular, contemplando e meditando o sentido do quadro, mas, acima de tudo, preservando sua história.

2.3 A CONGREGAÇÃO REDENTORISTA E A DEVOÇÃO AO ÍCONE

A difusão evangelizadora da Igreja corrobora para que a pessoa de Cristo seja sempre a porta de entrada para compreender a fé. O ícone de Nossa Senhora do Perpétuo e sua devoção proporciona uma história singular, pois seus caminhos revelam onde queria chegar.

Compreendendo o contexto decorrente desse ícone e os caminhos traçados por essa devoção, bem como a participação dos devotos de Nossa Senhora para a

difusão dessa devoção é muito importante. A Congregação Redentorista é a principal responsável pela divulgação da devoção Mariana com o título de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro. Essa história teve início ainda com Agostino, monge agostiniano que por anos preservou a memória do ícone para que este não caísse no esquecimento.

Parron (2013, p. 19) narra que este irmão sabia muito bem da história e como chega ao conhecimento dos redentoristas:

O irmão Agostino explicava com muito carinho aos pequenos acólitos sobre a importância deste ícone e como esta obra sagrada revelava o mistério de Jesus e Maria. Entre os acólitos havia um que prestava muito atenção à história narrada pelo Irmão Agostino, seu nome era Miguel Marchi, que mais tarde se tornaria um Missionário Redentorista.

O contato dos missionários redentoristas com o ícone começou através dessas orientações que o irmão Agostino dava aos acólitos daquela igreja. Essa relação deu-se por aquele pequeno acólito chamado Miguel Marchi. Esse tempo não foi uma alusão da presença dos missionários redentoristas em Roma, pois a chegada deu-se em 1855 quando resolveram adquirir uma casa no mesmo lugar onde se encontravam as ruínas da igreja de São Mateus.

Santo Afonso, fundador dos missionários redentoristas, era muito devoto de Maria, e a devoção à Nossa Senhora era uma expressão que todo redentorista deveria exercer. A chegada em Roma não revela um propósito missionário ou devocional, pelo contrário, a ideia era constituir uma casa para uma determinada etapa de formação e, dessa forma, ocorreu.

Os Missionários Redentoristas [...] adquiriram, em janeiro de 1855, uma residência na chamada 'Villa Caserta', Rua Merula, onde justamente se encontrava as ruínas a igreja de São Mateus. [...] Quando adquiriram este imóvel eles não sabiam, que tempos atrás, a Virgem Maria havia escolhido este local para ser o seu santuário, isto é, entre a Igreja de Santa Maria Maior e a Igreja de São João de Latrão. Assim, no dia 24 de dezembro de 1855, abria-se nesse local o noviciado Redentorista, e entre os noviços estava o jovem Miguel Marchi (PARRON, 2013, p. 19-20).

Assim, começa a história dos redentoristas com o quadro de Nossa Senhora do perpétuo Socorro. A presença na nova residência aguça a curiosidade de buscar e compreender tudo que passou naquele lugar, outrora devastado pela revolução francesa.

Miguel Marchi, o jovem acólito que ingressou no seminário redentorista, relatava as histórias contadas pelo irmão Agostino sobre o grande desejo revelado por Maria de ser venerada naquele lugar, ou seja, entre a Igreja de Santa Maria Maior e São João de Latrão, onde se localizava a igreja de São Mateus. Devido a todos os acontecimentos decorrentes da guerra, o quadro encontrava-se, maneira acanhada, na capela do convento dos agostinianos sem nenhuma veneração.

O irmão Agostino veio a falecer, mas não levou consigo a história daquele quadro tão especial. Deixou no coração de Miguel Marchi aquele fascinante desejo de atender o pedido de Maria em ser venerada na rua Merulana, em Roma, onde se localizavam as duas basílicas.

Quando os redentoristas souberam da história do ícone de Nossa Senhora, houve grande interesse desses missionários, no entanto, os monges agiram com relutância em ceder aquele preciosíssimo quadro, mesmo sabendo de toda história contada por Miguel Marchi.

Vendo que a história concretizava-se e percebendo que mais do que uma história havia sentido em tudo o que o ícone de Nossa Senhora representava para o povo, o Superior Geral dos missionários redentoristas Pe. Nicolau Mauron, entendendo que era vontade de Deus e concretizando a veracidade dos fatos redigiu uma carta a Vossa Santidade, o Papa Pio IX, solicitando o ícone de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro.

O Papa concedeu a licença para que o ícone fosse venerado na Igreja de Santo Afonso e deu uma missão aos redentoristas. 'Diz a tradição oral que nesta ocasião o Papa Pio IX disse ao Superior Geral dos Redentoristas': 'façam-na conhecida no mundo inteiro!' (PARRON, 2013, p. 21).

É notório compreender que esse anúncio marca o início da responsabilidade dos missionários redentoristas de tornar a devoção à Nossa Senhora do Perpétuo Socorro como parte integrante de sua missão evangelizadora.

Após o Papa conceder a permissão de tornar os missionários redentoristas “administradores” do ícone, houve uma grande preparação para fazer o seu traslado. Assim, “aos 26 dias do mês de abril de 1866, celebrava-se a festa de São Cleto (Papa) e a festa de Nossa Senhora do Bom Conselho, o quadro milagroso encontrava-se em Genazzano e era muito venerado por Santo Afonso” (SCHNEIDER. 2004, p. 67). Naquela mesma tarde em que aconteceu uma bonita preparação, o quadro foi retirado

da capela dos agostinianos e transferido através de uma grande procissão para a igreja de Santo Afonso em Roma. Esse momento aconteceu com grande clamor e muitos fiéis acolhiam o ícone ao longo do caminho por onde este passava.

Nessa mesma ocasião, Maria operou várias graças dispensadas aos fiéis que recorriam a sua intercessão, como explicitado no excerto a seguir:

Nossa Senhora mostra o amor de Deus, pois por onde passava a procissão naquele momento, havia uma criança que estava à beira da morte. A mãe da criança mais que depressa dirigiu-se à Maria pedindo o seu socorro, abrindo a janela gritou: 'Mãe querida, curai esta criança ou leve-a junto a vós para o céu. 'Em poucos dias, a criança restabeleceu-se e foi junto com a mãe agradecer a Mãe santíssima do Perpétuo Socorro. Ainda nesta mesma procissão, uma menina de oito anos de idade, que estava paralisada desde os quatro anos, teve a cura extraordinária. No instante que passava a procissão diante de sua casa a menina sentiu um tremor a sacudir-lhe o corpo e a paralisia desapareceu (LONDONO 1997 apud PARRON, 2013, p. 21).

Assim, Maria vai operando graças na vida do povo e sua mensagem sempre está à vista de sua imagem que é para “fazer tudo o que o seu filho vos disser” (Jo 2,5). E, torná-la conhecida, é um dever dos missionários redentoristas. Após a entrega, procissão e entrada do ícone de Nossa Senhora à Igreja de Santo Afonso, em Roma, com o carisma missionário de pregar as santas Missões, o ícone de Nossa Senhora acompanha os missionários redentoristas em todos os lugares.

A disseminação da devoção já acontece de imediato, sendo que em pouco tempo, após sua entrega aos redentoristas, a devoção chega na Alemanha e lá é construída uma igreja. “Dois anos mais tarde, outro templo foi edificado em Riedisheim, na Alsácia, com o título de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro” (PARRON, 2013, p. 22).

A partir de então, a devoção foi ganhando espaço pelo mundo. Por onde os missionários redentoristas passavam, levavam consigo o ícone de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, tornando cada vez mais visível a missão e a devoção ao título mariano de “Mãe do Perpétuo Socorro”.

Com a finalidade de torná-la conhecida, os redentoristas obrigam-se a viver e transmitir a devoção à Nossa Senhora ao povo fiel, católicos ou não católicos, e usam das missões populares, celebrações, formações, congressos e muitos outros meios para que esse objetivo seja alcançado onde quer que estejam.

Em todos os continentes, esta devoção acontece, de maneira singular, graças aos missionários redentoristas que fizeram desse pedido papal uma obrigação. Eles

tencionam suas vidas, tanto pela devoção que tem à Maria Santíssima, herdada pelo seu fundador Santo Afonso Maria de Ligório, como um compromisso para exercer com fidelidade o pedido que lhes foi confiado de torná-la conhecida em todo mundo.

2.3.1 O devoto mariano

Os devotos de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro têm um jeito próprio de viver a devoção: não é simplesmente uma devoção vazia, pois ela brota do coração de cada fiel. O filho sente-se atraído pela mãe e vê nela o refúgio diante das tribulações e dificuldades.

Todavia, precisamos discernir, com muito cuidado, a maneira de viver a fé, diante das práticas religiosas, principalmente quando falamos sobre a devoção popular, pois vivê-la prudentemente é a forma mais coerente para não cair no devocionismo. Tendo em vista que a devoção, segundo o Diretório sobre a Piedade Popular e Liturgia (2003. p. 18), “designa as diversas práticas exteriores como textos de oração, medalhas, vestes etc., como práticas interior na relação com a Santíssima trindade e a virgem Maria”.

A propósito do devocionismo, é preciso explicitar que ele é a degenerescência da devoção, pois afasta o homem real da experiência com o Deus verdadeiro, numa prática abusiva de ritualismo, legalismo, moralismo, radicalismo, indiferentismo e outros, aproximando a pessoa dos seus próprios ídolos (ROCHA, 2012).

O lugar de Maria na Igreja deve sempre ocupar um grau de referência, contudo, que não desfoque de maneira excludente a fé cristológica. Com efeito, precisamos situar nesta devoção o papel de Maria no desabrochar do mistério de Cristo para a salvação da humanidade. O Papa Paulo VI (apud STEINER et al KRIEGER, 2017, p. 19) nos diz que: “neste profundo, absoluto convencimento, a devoção a Maria, enquanto nos une a Cristo, faz com que Nossa Senhora permaneça materna, ao nosso lado”. A preocupação é salutar e o modo de enxergar Maria deve sempre cultivar a lembrança do que ela disse nas Bodas de Caná “que devemos fazer a vontade de seu Filho” (Jo 2,5).

A importância de Maria na vida da Igreja é fundamental, pois ela sendo a escolhida de Deus acolheu com delicadeza e maturidade esse compromisso de conceber em seu seio o autor da nossa fé, Jesus Cristo. A Igreja apoia a devoção orientando os fiéis a desenvolverem no culto a Maria conforme a liturgia.

O sagrado Concílio ensina deliberadamente esta doutrina católica e ao mesmo tempo exorta todos os filhos da Igreja a promoverem dignamente o culto da Virgem Santíssima, de modo especial o culto litúrgico; em ter em grande estima as práticas e os exercícios de piedade em sua honra que o magistério da Igreja recomendou no decorrer dos séculos (LG nº 67).

Os caminhos missionários para a devoção mariana são diversos, pois é uma ação que nasce a partir da vida do povo. No entanto, é necessário que haja uma madura orientação capaz de mostrar a importância de Maria, não esquecendo que ela é um canal que nos permite chegar a Jesus e Nele depositarmos toda nossa esperança.

O ícone de Nossa Senhora tem uma dinâmica missionária que, apesar das incertezas e limitações sofridas inicialmente pela incoerência do ser humano, encontra graça na vida do povo pelas diversas manifestações de fé. Essas devoções levam-nos a entender o belíssimo sentimento maternal, íntimo e afetuoso do povo de Deus, comunidade dos batizados, à Nossa Senhora.

O sentimento de cada fiel mostra a proporção que a devoção ao Perpétuo Socorro toma no mundo inteiro. Não basta apenas divulgar a devoção mariana no título de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro; é preciso ser devoto de Maria, sendo que a devoção apenas anunciada e proclamada, mas não vivida e sentida pode ser vazia e sem nenhuma atratividade para aqueles que se deparam com essa forma de viver a fé. Nas palavras de Santo Afonso, fundador dos missionários redentoristas nos fala que “um verdadeiro devoto de Maria, não se perde” (LIGÓRIO, 1989, p. 182).

Cada pessoa tem uma forma de viver a fé, e o seu modo de expressá-la da mesma maneira acontece com a devoção, pois mesmo que seu jeito de vivê-la não seja semelhante a do outro, há um respeito, um valor, uma passividade. Quando não se tem fé na linha devocional, a ação humana e suas expressões tornam-se mecânicas e vazias, e a vibração de fé não aguça o coração.

A atitude de alguém que não vê na fé uma ação de transformação da vida não tem ideia do quanto um determinado objeto pode ter um real valor para um devoto, mesmo que esse objeto seja uma pequena medalha ou uma grande imagem.

Todavia, não devemos medir a nossa história de fé com a fé alheia nem caracterizar nossas devoções, querendo um padrão comum. Cada pessoa carrega uma história, vive uma cultura, expressa jeito religioso de ser, entretanto, como Igreja, devemos viver a unidade, que é o fundamento da missão de Cristo, uma vez que o “Perpétuo Socorro” de Maria é Jesus.

Na Virgem Maria, de fato, tudo é relativo a Cristo e dependente d'Ele: foi em vista d'Ele que Deus Pai, desde toda a eternidade, a escolheu Mãe toda santa e a plenificou com dons do Espírito a ninguém mais concedidos. A genuína piedade cristã, certamente, nunca deixou de pôr em realce essa ligação indissolúvel e a essencial referência da Virgem Maria ao divino Salvador (MC 25).

A devoção à Maria não é uma devoção que se distancia da pessoa de Jesus. A relação deve estar sempre estreita e acessível à proposta do mestre. Maria tem sua importância e sua missão, mas sua verdadeira intenção é conduzir os fiéis a seu Filho. A missão de Maria corresponde ao ideal de Jesus. Dessa forma, para exercer a propagação da devoção, os missionários redentoristas ganham campo, saem de sua estrutura e buscam novos horizontes. Este lugar é a região norte do Brasil, o Estado do Amazonas, um lugar vasto e desafiador. O campo pastoral revela um lugar diferenciado. Foi nesse solo que eles implantaram sua história e desenvolveram sua missão.

2.3.2 A devoção a partir do olhar da Igreja

No início da Igreja primitiva, o povo cristão usava símbolos que destacavam sua identidade e utilizava determinados objetos que, complementados ao testemunho, revelavam o jeito deles de ser e agir. Através dessas simbologias, eram identificados entre os demais crentes como seguidores de Cristo.

A forma como os cristãos identificavam-se, principalmente por medo da perseguição romana, tendo em vista que o cristianismo ainda não era a religião oficial, dava-se por meio de simbologias. Dessa forma, a fé em Jesus era mais visível, ou seja, era uma fé cristocêntrica, pois não existiam formas devocionais que descentralizassem da pessoa de Jesus.

O início do cristianismo revela suas particularidades: a liturgia era celebrada nas catacumbas ou nas casas, às escondidas; pouco a pouco o rosto das primeiras comunidades ganhava seu curso; o processo de organização ia ganhando rosto, porém, a fé em Jesus Cristo era a expressão comum e elementar da época.

Vale ressaltar que pouco se falava em culto aos santos e à Virgem Maria. Quando eram referenciados, se falava, estavam associados a figura de Jesus. A mensagem do ícone de Nossa Senhora do perpétuo Socorro marca o teor explicativo que revela o mistério da salvação como fala Guimarães (2017, p. 60):

Nos primeiros séculos, não se fala em festas marianas; a sua memória, no entanto, está inserida na celebração do mistério de Cristo, expressa tanto na pregação da Igreja como na sua oração e na piedade dos fiéis, sempre no contexto da história da salvação.

A devoção ou o culto aos santos e à virgem Maria acontece nos primeiros séculos da Igreja de maneira mais “racional”, pois o modo como o culto se propagava mostrava o testemunho de homens e mulheres que perderam sua vida pelo martírio em defesa da fé em Jesus.

Quando veneramos os santos através de sua imagem pintada ou esculpida não estamos fazendo deles nossos deuses, como se fossem a centralidade de tudo, pelo contrário, suas vidas servem como referência para exaltar nossa fé no Deus único e verdadeiro. Testemunhamos alguém que abraçou a fé em Cristo de um jeito singular.

A devoção deve sempre está associada a pessoa de Jesus. A Igreja sempre nos mostra o papel de Maria e o seu lugar no plano divino. Sua importância fundamenta nossa fé em Cristo. O Papa Bento XVI (2013, p. 21) destaca que “a figura da mulher é indispensável para a estrutura da fé bíblica. Ela expressa a realidade da criação, e expressa a fecundidade da graça”.

Murad (2012, p. 76) por sua vez, ressalta que Maria no magnificat expõe sua humildade reconhecendo seu valor.

Maria reconhece-se como mulher especial, agraciada por Deus. Diz claramente que “todas as gerações, de agora em diante, me chamarão feliz” (Lc1,48). Não se esconde debaixo de falsa modéstia. Aqui está o segredo de sua humildade: conhece seu valor, suas potencialidades, mas não utiliza isso para fortalecer o ego voltado para si mesmo.

A Igreja reconhece o valor e a importância de Maria, mas o seu valor deve sempre estar ligado a pessoa de Jesus como caminho de vida e salvação. A devoção a Maria é a forma que a Igreja reconhece como um valor imprescindível para expressar a fé em Jesus. A devoção não deve parar em Maria.

O diretório sobre a Piedade popular e liturgia (2003, nº 8), quando fala de devoção, diz o seguinte:

No nosso âmbito, o termo é usado para designar as várias práticas exteriores (por exemplo: textos de orações e de cânticos; observância de tempos e visitas a lugares particulares, insígnias, medalhas, vestes e costumes) que,

animadas por uma atitude de fé interior, manifestam um aspecto particular da relação do fiel com as divinas pessoas, ou com a bem-aventurada Virgem.

Para Souza (2019, p. 35), quando fala do Papa Francisco no que tange à piedade ou devoção popular, menciona que as expressões populares culminam numa teologia chamada, “teologia do povo”.

O Papa Francisco preocupa-se com a dimensão eclesiológica da Igreja e como ela caminha e reconhece os grandes desafios que enfrenta a partir das diversas crises enfrentadas como Souza (2019, p. 46) menciona:

É importante perceber que o Papa Francisco aplica essa Teologia do Povo não somente no simples desejo de mudar a ação pastoral da Igreja. O Papa está interessado em construir uma mentalidade e práxis novas no âmbito eclesiológico. É urgente reconhecer os efeitos graves da crise institucional e volta ao caminho traçado pelo Vaticano II. Essa visão eclesiológica é inspirada na Teologia do Povo, que compreende a ação pastoral com a inserção da Igreja na realidade dos empobrecidos na dinâmica de reconhecer os valores que emergem desses setores, inclusive e, principalmente, da piedade popular.

Dessa forma, a presença e a participação leiga no seio da Igreja têm um destaque a mais e, a devoção mariana cada vez ganha espaço nos discursos teológicos.

Atualmente, a presença e o lugar de Maria para a Igreja acontecem de maneira teológica. No entanto, ela é manifestada através das diversas expressões de fé, seja advinda da Igreja ou simplesmente pela devoção popular.

O Diretório sobre a Piedade Popular e liturgia (2003, p. 18-19) revela que a piedade popular está inserida na devoção popular e designa, através desse conceito, as diversas manifestações culturais, seja de caráter privado ou comunitário. Essa piedade não está nos moldes de sagrada liturgia, mas nos moldes de cada povo, etnia ou da sua cultura. Ela é o elo mais próximo que liga a humanidade à divindade. Dessa forma, atua como fonte intercessora daqueles que buscam nela seu refúgio.

Convém ressaltar que a fé mariana acontece, de maneira explícita, pois, é através dos dogmas que se configura a devoção da Igreja. Sendo ela virgem e mãe, existe uma associação clara dos elementos da fé que estão estreitamente ligados.

Quando ela é chamada de Mãe de Deus, isso constitui, antes de tudo, uma expressão de unidade entre ser-Deus e ser-homem em Cristo, que é tão profunda que não se pode, para os eventos carnavais, como aquele do seu nascimento, construir um Cristo meramente humano, separado da totalidade de sua existência pessoal (BENTO XVI, 2013, p.25).

Diante dessas determinações, compreendemos que a Igreja consolida o alicerce da devoção à Maria, através da Palavra de Deus, como fundamento que proporciona uma fé em Cristo por meio da união entre o humano e divino e o divino-humano.

A Igreja tem suas particularidades, que são enraizadas a partir da própria fé cristã. Isso não exclui as diversas manifestações populares de devoção que existem, mas procura compreender cada realidade devocional, tendo em vista que o lugar da devoção mariana não seja desconexo daquilo que a Igreja anuncia. Todavia, muitos fazem esta pergunta: Qual é o lugar da devoção mariana na igreja católica? Quando trata sobre a devoção mariana, o Papa Bento XVI (2013, p. 27) afirma que: “o surgimento de um sentido realmente mariológico é a medida para sabermos se o conteúdo cristológico está plenamente presente.”

O Estudo mariológico deve estar ligado à pessoa de Cristo. A cristologia e a mariologia, por sua vez, devem estar inerentes à proposta da fé. Steiner e Krieger (2017) mencionam que, quando o Papa Francisco refere-se ao modo como a Igreja conduz a Evangelização, reforça que há um estilo mariano em sua atividade e isso ocorre quando direcionamos nosso olhar à Maria, pois acreditamos na força revolucionária da ternura e do afeto.

A Igreja está intimamente ligada a cada batizado a serviço da humanidade, que deve encontrar nela ternura, afeto e acolhimento. Maria é esse rosto humano mais próximo dessas virtudes. A devoção mariana é a forma mais evidente que a Igreja utiliza para revelar à humanidade o seu jeito materno. Assim, todo devoto de Maria sente-se parte dessa Igreja que caminha e vive sua fé em Jesus pelo olhar de mãe.

Portanto, a devoção à Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, apesar de ter surgido da devoção popular ou piedade popular, a Igreja considera essa forma de expressar a fé como um verdadeiro tesouro nas mãos e na vida do povo. É uma forma manifestada pelos mais simples e humildes de fazerem a experiência de Deus, pois veem na piedade popular os atributos necessários que identificam a paternidade, a providência, a presença constante de um Deus que não abandona. Pela experiência

devocional à Maria, o devoto sente não apenas sua presença, mas a presença de Jesus.

Conclusão

Diante dos diversos aspectos históricos, vemos o quanto a devoção é importante e como ela está inserida na vida do povo e presente no seio da Igreja. A história do ícone de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro nasce de uma junção de relação entre o devoto e o objeto da devoção.

No entanto, o verdadeiro cuidado apresentado à devoção é a possibilidade de distanciamento da mariologia com a cristologia. Em decorrência disso, é necessário resgatar a história, rever a tradição, sentir os caminhos e entender a seriedade dessa proposta culminada pelo povo e compreendida pela Igreja, para que a proposta devocional não seja incompreendida. Essa ligação não minimiza a importância da devoção, pelo contrário, ela é autenticada e assumida pela própria Igreja, ou melhor, coloca dentro da mariologia o olhar da Igreja, sendo esclarecedora e, tornando claro o objetivo da devoção. Esse olhar corrobora para que essa forma de expressar a fé não seja assumida sem o devido esclarecimento.

Ao assumirem esse ideal devocional, a partir do ícone de Nossa Senhora, os missionários redentoristas abraçam a devoção como fator predominante à sua missão. Torná-la conhecida não descentraliza a mariologia da pessoa de Cristo, porém, quando não esclarecida pode trazer sérias consequências a fé cristã.

Essa visão é bem explícita nos tempos atuais, pois o grande desafio do catolicismo hoje é explicar aos não católicos, ou simplesmente os cristãos de cunho protestante, o valor de Maria para Igreja e qual seu papel no plano divino da salvação. Dessa forma, sabemos da importância de estudarmos a devoção mariana ou qualquer devoção advinda do catolicismo. A partir desses estudos abrirá caminhos que possibilite o enriquecimento de tudo daquilo que a Igreja anuncia.

Todavia, ao entendermos o valor da devoção à Maria, é compreendida a sua beleza de maneira lúcida. Essa lucidez aproxima e conquista o fiel numa participação direta com a sua missão em colaborar com o projeto divino. Assim, os missionários redentoristas, grandes devotos de Maria, fizeram ao assumirem esta missão de levar ao mundo o seu jeito materno. Eles estavam dispostos a corresponder ao amor de

Maria, com zelo e compromisso, mesmo que custasse a própria vida para fazer a vontade de Deus.

3 MISSIONÁRIOS REDENTORISTAS: EXPANSÃO E DESDOBRAMENTOS PASTORAL NA IGREJA DE MANAUS

Apesar de falarmos da devoção a Nossa Senhora do Perpétuo Socorro e os caminhos que ela percorreu, bem como os desafios alcançados, o conhecimento pleno dessa devoção deve-se à congregação do Santíssimo Redentor ou simplesmente aos missionários redentoristas.

A congregação redentorista já existe há mais de 280 anos. Sua durabilidade acontece pela dedicação de cada membro que se dispõe em assumir com ardor o carisma missionário o qual receberam de seu fundador. As missões populares são a expressão mais característica desses religiosos.

O espírito missionário e o desapego aos bens temporais revelam o jeito desprendido do redentorista. A presença desses missionários, no Brasil e, conseqüentemente, no Amazonas caracteriza um novo tempo para a Igreja de Manaus.

A história dessa congregação marca o sentido e a necessidade de um povo esquecido dentro da própria Igreja. Neste caso, a vinda dos redentoristas para o Amazonas revela a necessidade da Igreja local em dar assistência nesse vasto território, onde o número do clero local não correspondia a uma participação frequente na vida do povo. Essa necessidade fez com que os missionários redentoristas, vindos do solo americano, assumissem o carisma missionário, doando suas vidas nesse solo de missão.

Vindos dos Estados Unidos, com uma ideia de organizar uma frente missionária, pela necessidade local, foram assumindo paróquias e pregando as Santas Missões. O zelo missionário e a devoção a Nossa Senhora revelam a finalidade marcante na vida do povo católico.

Assim, o pioneirismo missionário desses bravos religiosos mostra a disposição de homens de fé. Mesmo que os desafios encontrados fossem motivos de desistência, a disposição desses homens, que deixaram sua terra, marca história na vida do povo amazonense. Graças a esses grandes desbravadores é que podemos expressar hoje a grandeza da devoção mariana no título de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro em Manaus.

3.1 MISSIONÁRIOS REDENTORISTAS EM MANAUS: HISTÓRIA E MISSÃO

Na dimensão histórica, os missionários redentoristas, ou seja, a Congregação do Santíssimo Redentor surge numa realidade posterior ao ícone de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro. A história do ícone começa a ser contada e divulgada nos primeiros séculos da Igreja como já mencionamos.

Todavia, trazer presente a Congregação redentorista é buscar a fonte detentora da devoção a Nossa Senhora do Perpétuo Socorro. Evidentemente, sabemos que a devoção inicia a partir de uma realidade popular. Os fiéis são as verdadeiras fontes detentoras da devoção.

Sendo assim, a Congregação Redentorista é responsável por dinamizar essa devoção pelo mundo como parte da missão recebida. Conhecendo esses missionários, entenderemos a estreita relação que eles têm com o ícone de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro e como receberam essa missão.

Além disso, os caminhos que percorreram ao longo da história, culminado pelo ardor missionário, ultrapassam as barreiras de Nápoles, chegam a Roma e ganham do Papa Pio IX uma grande missão. Comprometidos com a evangelização, conquistam continentes e chegam nas Américas, onde encontram um berço fértil para revelar seu carisma e dinamizar a devoção à Nossa Senhora do Perpétuo Socorro.

Nesse curso de expansão, chegam ao Brasil, em Minas Gerais (Juiz de Fora) e, posteriormente, no Amazonas (Manaus). Neste solo, revelamos a ação missionária da Congregação do Santíssimo Redentor e como foi implantada a novena de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro.

3.1.1 A Congregação do Santíssimo Redentor

A Congregação do Santíssimo Redentor, os redentoristas, ou simplesmente, os Missionários Redentoristas têm sua origem há quase três (3) séculos, por um idealizador, que era padre diocesano, chamado Afonso Maria de Ligório, no dia 09 de novembro no 1732, em Nápoles. O desejo de fundar uma congregação religiosa surgiu pela percepção e necessidade observada por esse homem que compreendeu a dimensão da evangelização em prol dos mais necessitados e abandonados.

Esse foi o fator principal que motivou Afonso: percebeu o abandono dos camponeses, cuidadores de cabra que não eram assistidos, pela Igreja. A Igreja de Nápoles, na época, era praticamente restrita à cidade (urbana), havia um número relevante de padres que assistiam os fiéis sem se comprometerem com os povos do campo.

A criação da congregação dá-se em meio a uma necessidade da Igreja: assistir os mais abandonados e marginalizados de Nápoles. Não era por conta da escassez de sacerdotes, mas pela consciência de olhar com humanidade os que estavam à margem da sociedade, neste caso, os excluídos, ruralistas, camponeses, cuidadores de cabras e os pobres.

A própria Constituição e os Estatutos da Congregação Redentorista (2004, p. 109-110) fazem referência a essa dimensão da evangelização:

a) Os nossos devem diligentemente procurar os homens mais destituídos de auxílio espiritual, principalmente os pobres, mais fracos e oprimidos [...], b) Não podem os Redentoristas desprezar o clamor dos pobres e oprimidos. Mas sua obrigação consiste em procurar caminhos para ajudá-los, para que sejam capazes de, com as próprias forças, superar os males que os oprimem. Jamais falte esse elemento essencial do Evangelho na proclamação da palavra de Deus.

A fundação da Congregação caracteriza o avanço da Igreja em diversos locais, e a presença dos missionários vai além das estruturas da Itália. Diante disso, a missão tem frutos e novas frentes missionárias são abertas em várias regiões. Assim, a missão expande além dos alpes napolitanos. O número de consagrados vai aumentando e o Pe. Afonso de Ligório vai estruturando e dimensionando o motivo que fizera na proposta da criação de um instituto religioso: o cuidado aos mais frágeis e vulneráveis de Nápoles.

A expansão mostra o grande ardor missionário causado por esses homens que enxergam na missão o seu carisma. Com efeito, verdadeiramente são missionários. E a missão alcança lugares diversos, constitui uma evangelização humanizada, aos mais aflitos e abandonados, anunciando o redentor e um carinho especial à virgem da paixão.

No que tange à devoção mariana, é importante explicitar que, dentro de seu carisma dos missionários redentoristas, está presente a veneração à Maria Santíssima. Essa intimidade é que nos dará norte para compreendermos melhor,

posteriormente, o fator que culminou para que o ícone de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro tivesse tanta referência na vida da Congregação.

A congregação cresce e chega em vários lugares. Inicialmente, espalha-se pela Europa e conseqüentemente Roma. Neste lugar, inicia a relação desses missionários com o ícone de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro.

a) Presença redentorista em Roma

A chegada dos missionários redentoristas em Roma, mais especificamente na rua Merulla, local onde a Igreja de São Mateus havia sido destruída pelas tropas de Napoleão, vai destacando a sintonia e relação mais estreita com o quadro de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro. Ressaltamos que essa não era a devoção própria que os redentoristas divulgavam, mas havia outro título voltado à Maria chamado a Virgem da Paixão ou Nossa Senhora das Dores.

Conforme explicitado no excerto a seguir, a devoção acompanha os missionários redentoristas desde a sua fundação.

Os Missionários Redentoristas, fundado por Santo Afonso Maria de Ligório (1696-1787), adquiriram, em janeiro de 1855, uma residência na chamada 'Villa Caserta', Rua Merulla, onde justamente se encontravam as ruínas da Igreja de São Mateus. Os Redentoristas são grandes devotos de Maria Santíssima, devoção esta herdada do fundador, Santo Afonso (PARRON, 2013, p.21).

Em Roma, essa devoção toma um novo rumo. É relatada a história do ícone de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, um quadro milagroso que viera da Ilha de Creta, que fora roubado e trazido por um comerciante. Entretanto, com o passar do tempo, a devoção perdeu-se devido a vários acontecimentos decorrentes da história.

Esse quadro tem uma estreita relação com o lugar em que os redentoristas haviam adquirido ele. É nesse lugar, onde se situava a antiga Igreja de São Mateus, que começa o desenrolar da história e a relação mais prática com a virgem do Perpétuo Socorro. Nesse ínterim, nasceu uma investigação, procurando saber onde estava o quadro. Depois de consultar Miguel Marchi, acólito que ouvira o irmão Agostino, os investigadores tomaram conhecimento que estava na casa dos monges agostinianos e, a partir, daí direcionaram sua busca no convento dos frades.

Pe. Nicolau, superior dos redentoristas, fez o pedido do ícone aos monges Agostinianos (detentores do ícone) que a princípio negaram, pois viam nele a única expressão de lembrança que lhes restavam daquilo que um dia fora a Igreja de São Mateus.

Segundo Oliveira (s.d., p. 30), o processo da aquisição do ícone não parou no primeiro pedido:

Entretanto, o Superior Geral não desistiu. Pediu audiência com o Papa Pio IX, grande amigo dos Missionários Redentoristas. No dia 11 de dezembro de 1865, o Papa recebeu o Pe. Nicolau, ouviu o seu pedido pelo Ícone mariano, mas solicitou-lhe que fizesse por escrito. Depois de realizado o acordo com os Agostinianos, tudo foi acertado para transladar o quadro para a Igreja de Santo Afonso.

Com a entrega do ícone aos missionários, os grandes devotos de Maria, característica própria da identidade do redentorista, herdada de seu fundador, revelam agora um rosto e uma missão: anunciar a devoção à Maria com o título de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro. Torná-la conhecida foi a forma prática que Vossa Santidade pediu aos missionários: sejam guardiões dessa devoção. É evidente que a devoção já existia, o povo já havia venerado o quadro de Nossa Senhora, porém, durante um bom tempo, caíra no esquecimento. Mas daquela hora em diante era necessário: ressuscitar, dinamizar, revelar, expressar aquela dimensão de fé ao ícone da Mãe do Perpétuo Socorro.

b) Novas expansões missionárias

Nos dois primeiros anos após a entrega do ícone, os missionários já haviam revelado a devoção de maneira extraordinária. Nos lugares em que estavam situados, foram criadas paróquias com o nome de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro e, assim, espalharam por toda a Europa e outras partes do mundo essa devoção.

Outro missionário redentorista, que se destaca na expansão missionária da Congregação além das fronteiras de Nápoles, foi Clemente Maria Hoffbauer, natural da República Tcheca. Ele é considerado o segundo fundador da Congregação redentorista e um dos sonhos dele era chegar a América do Norte, principalmente, nos Estados Unidos, mas faleceu (1820) sem poder ver seu sonho realizado. Somente

com o seu sucessor, doze (12) anos depois de sua morte é que os primeiros redentoristas chegaram nos Estados Unidos.

Fazemos referência à expansão missionária, pois é justamente através dela que surge a origem dos primeiros missionários que vieram para o Brasil e, conseqüente para o Amazonas. Devemos lembrar que a vinda dos redentoristas para Manaus deu-se com o envio dos missionários da província de Saint Louis, nos Estados Unidos. Paiva faz menção à chegada dos primeiros missionários naquela região Americana.

Pe. José Armando Passerat, conseguiu enviar Redentoristas aos EUA. A fundação esteve sob a responsabilidade primeiro de Viena, depois de Bruxelas, onde estava a residência do superior para a região da América do Norte. No dia 20 de junho de 1832 seis redentoristas desembarcaram em Nova Iorque. Uma série de dificuldades foram enfrentadas pelos fundadores, que se estabeleceram em Green Bay, no Estado de Wisconsin. Como no início da fundação da Congregação, com Afonso e Vitor Curzio, a pobreza era a pauta do dia (PAIVA 2018, p.39).

Depois da chegada desses seis (6) missionários, nos Estados Unidos, a missão floresceu e os trabalhos foram dando frutos. Depois de 10 anos da chegada, tornava-se redentorista João Nepomuceno Neumann, que posteriormente tornou-se superior regional e bispo da Filadélfia em 1952.

Paiva (2018), quando se refere a Neumann, diz que o testemunho desse missionário era exemplar, uma vez que o trabalho dele era zeloso, sua vida era voltada à missão e ele era sempre prolífero em tudo que fazia, um verdadeiro filho de Afonso de Ligório. Ademais, era um homem de caráter, serviçal e solidário com os mais pobres. Sua vida testemunha sua santidade, “por isso, após sua morte, no dia 05 de janeiro do ano de 1860, seu processo de santificação era questão de tempo, assim, foi canonizado pela Igreja, no ano 1977 pelo Papa Paulo VI” (PAIVA, 2018, p. 40).

Dentre esses, vários missionários contribuíram para que a missão fosse anunciada em diversos lugares. Depois de desempenharem um excelente trabalho nos Estados Unidos, tendo grande aceitação missionária, os redentoristas resolveram formar comunidades e, com o tempo, algumas regiões tornaram-se província, ou seja, tornaram-se autônomas da unidade de origem, sendo autossustentáveis.

Com efeito, a dinâmica e o zelo pela missão contribuíam para que o número de missionários fosse aumentando e, com o tempo, fez-se necessário expandir, criando

várias frentes missionárias e vice-províncias além-fronteiras, enviando missionários para outros lugares de missão.

Lembramos que a dinâmica devocional sempre acompanhava os missionários, pois aonde quer que fossem levavam consigo o ícone de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro para que a devoção fosse anunciada tornando-a conhecida em vários lugares, como relatado no excerto a seguir:

Essas fundações deram origem à Província de Saint Louis, sendo canonicamente ereta em 1875. [...] Da Província de Saint Louis os missionários foram ao Alaska. Em 1948 fundaram uma missão na Tailândia, que depois floresceu. O Capítulo Geral da Congregação de 2016 foi em Bankoque, na Tailândia. Essa fundação na Ásia tem a mesma província mãe de Manaus, a de Saint Louis (PAIVA, 2018, p. 40).

Diante dessas informações, começamos a dar os primeiros passos de compreensão sobre a origem e de onde vieram os primeiros missionários para o Amazonas e, conseqüentemente, para Manaus.

Com o avanço missionário e a disseminação evangélica, os missionários redentoristas alcançam novos horizontes, chegando em todos os continentes. A quantidade de membros aumentou e esse fator foi fundamental para que pudessem instalar-se no Brasil.

3.1.2 Trajetória da Congregação redentorista para o Amazonas

É importante salientar que, não traremos detalhes dos primeiros missionários que foram os pioneiros no Brasil. A nossa intenção é colocar em pauta o processo que fizeram e quem foram os primeiros redentoristas que chegaram no Estado do Amazonas, como já mencionamos anteriormente.

Ressaltamos que a presença redentorista no Brasil não se deu primeiramente no Estado do Amazonas nem pelos padres norte-americanos. Foi primeiro outro grupo de missionários que veio de outro país: os holandeses.

A desbravada ação missionária dos redentoristas, na América do Norte, fluía de maneira extraordinária. A atuação nas missões, a presença nas paróquias e o modo como trabalhavam ganhava visibilidade, e o números de vocações aumentava.

Pouco a pouco o número de padres e irmãos foi crescendo e a expansão deveria acontecer.

Para entendermos melhor a realidade da Província de Saint Louis em meados de 1942, época em que Dom João da Mata (bispo da Diocese de Manaus) solicitou a presença dos redentoristas em Manaus. A configuração daquela unidade redentorista estava da seguinte forma:

[...] Em agosto de 1942 a Província contava com 380 confrades, sendo 312 padres. A maioria desses confrades estava engajado na pastoral paroquial e nas missões populares. O seminário menor, colégio São José, Kirkwood, Missouri, estava lotado com 115 estudantes no ensino médio e os dois primeiros anos de filosofia. Dezesete noviços no noviciado em DeSoto, Missouri. Cerca de setenta e cinco estudantes professos estavam estudando teologia no seminário maior em Oconomowoc, Wisconsin, sem contar os padres recém-ordenados no último ano dos estudos teológicos. (PAIVA, 2016, p.42-43).

Esse número representa o crescimento da província redentorista de Saint Louis -USA, fator determinante para que viesse proliferar na dimensão pastoral além-fronteiras, tendo em vista que o seu campo de missão não se limitou nos Estados Unidos, mas ganhou espaço na Ásia como, também, em outros lugares.

Vemos nesse período uma realidade marcada pelo início da Segunda Guerra Mundial (1939-1945) na qual as grandes potências mundiais envolveram-se, de maneira direta. Mesmo assim, o zelo e a dimensão pastoral não atrapalharam o avanço missionário e as vocações cresciam de maneira extraordinária.

Vemos esse resultado a partir da grande quantidade de estudantes existentes nos seminários maior e menor daquela data em que Dom João da Mata e o Pe. Francis J. Fagen, CSsR, superior da província de Saint Louis, estavam em contato para estabelecer uma missão no Amazonas, especificamente na cidade de Codajás e Coari.

A carta com o pedido de Dom João da Mata revela a necessidade da Igreja local em assistir o povo de Deus e a necessidade de intercâmbio de o Brasil receber os sacerdotes Norte-Americanos em seu território. Muckerman (1993, p. 4) apresenta-nos, a seguir, a primeira carta de Dom João da Matta, que foi encaminhada ao superior da província de Sanit Louis, Francis J. Fagen, fazendo a solicitação de missionários para a Diocese de Manaus.

Rio de Janeiro, 1º de outubro de 1942
Ludetur Jesus Christus

Como vossa Reverência já sabe, existe grande interesse por parte do Governo norte-americano em colaborar com as autoridades civis locais no desenvolvimento econômico da vasta região Amazônica. Por essa razão, certamente, nós estaremos recebendo em nosso território numerosos norte-americanos para trabalhos técnicos e sociais que serão estabelecidos aqui. Agora nós realmente desejamos que nossos interesses religiosos mais vitais não sejam sacrificados.

Essa é a razão por que vim agora propor a Vossa Reverência que aceite o pedido da criação, que vos ofereço, de uma missão na minha Diocese de Manaus, o futuro centro de todas as atividades que estão sendo consideradas. O povo brasileiro ficaria muito feliz com a chegada ao seu país com uma Missão Redentorista, solidificando, assim, as ligações espirituais que nos unem. Para que Vossa Reverência possa ter em mente uma ideia concreta, eu vos ofereço, desde já, duas paróquias, numa área de 40.000 habitantes, localizadas nos municípios de Coari e Codajás. Podem, também, ter residência na sede de minha Diocese, a cidade de Manaus, capital do Estado do Amazonas.

O intermediário desta carta é o Sr. Barent Friele, representante especial e coordenador dos Assuntos Inter-Americanos (Inter-American Affairs) no Brasil, que fará isso com gesto de cortesia.

Esperando pela aceitação definitiva da parte de Vossa Reverência do meu convite oficial, subscrevo-me vosso

Servidor em Jesus Cristo
Dom João da Matta Andrade e Amaral
Bispo de Manaus.

A proposta de virem para o Amazonas era algo novo. Os missionários americanos precisariam fazer um processo de inculturação. Ganhar novos rumos, alcançar novos horizontes, estar ao lado dos menos favorecidos, sendo solidários às necessidades da Igreja era o carisma da congregação, porém, assumir paróquias era algo que deveria ser discutido, pois a ideia primeira era constituir no Amazonas uma área de missão.

Essa reviravolta merecia ter a aprovação do Governo Geral, pois a região amazônica tinha suas carências pastorais e, ao mesmo tempo, seus desafios eram constantes, principalmente sobre as questões geográficas e religiosas. Seria um local de missão e evangelização e, dentro dessas ações pastorais, poderiam ser trabalhadas e dinamizadas as vocações.

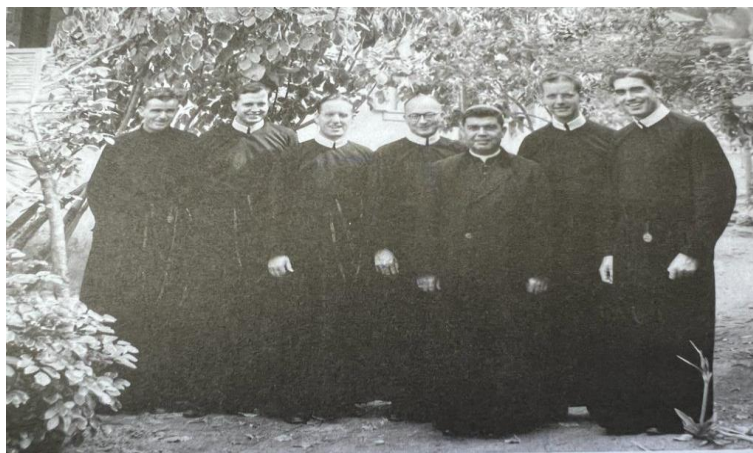
Assim, a comunicação entre a Igreja de Manaus e a província de Sant Louis marca o início de um processo missionário com os Redentoristas, na região norte do país, e como se daria a sua chegada. Conforme mencionado anteriormente, a presença redentorista no Brasil não aconteceu com a chegada dos padres norte americanos no Amazonas. Esse início deu-se com os missionários da Holanda, que foram expulsos do seu país por uma classe protestante e chegaram ao Brasil em 1893,

instalando em Minas Gerais, em Juiz de Fora, essa frente fundaria posteriormente a Província do Rio de Janeiro (PAIVA. 2018, p. 44).

O interesse dos missionários era grande, por isso fazia-se necessário saber, de maneira mais detalhada, sobre a realidade da Igreja situada no Amazonas. Diante disso, foi enviada outra carta pedindo informações sobre a atual realidade em que os missionários poderiam se dispor: quanto à língua, residência, natureza do trabalho, recursos financeiros para sustentação.

Depois de tudo esclarecido, o padre Fagen relata ao bispo a possibilidade de mandar seis missionários (um irmão e cinco sacerdotes) para Manaus, e assim aconteceu. Os membros desse grupo foram os pioneiros enviados para iniciar os trabalhos de evangelização e missão na Diocese de Manaus. Os nomes dos missionários eram: “Ir. Cornélio Ryan, padres José Elworthy, João McCormick, André Joerger, José Maria Buhler e Jaime martin” (MUCKERMAN,1993, p. 14).

Figura 2 - Primeiros Redentoristas em Manaus com Dom J. da Matta



Fonte: Muckermann (1993, p. 15).

No dia 11 de julho de 1943, esses missionários despediam-se de sua terra natal e de seus confrades para o Brasil. Na ocasião, como é de costume, foi celebrada uma missa enviando esses desbravadores missionários para iniciar um novo tempo na Igreja de Manaus, doando suas vidas em nome da congregação e em benefício do povo amazonense.

Saindo de Saint Louis no dia 15 de julho, os missionários pegaram um trem para Miami, Flórida. Devido estar em tempo de Guerra, houve uma demora para o traslado rumo ao Brasil. A vinda desses pioneiros aconteceu cheio de impasses, visto

que os meios de transportes eram difíceis e o processo da chegada com os aviões da época durava um tempo relativamente longo.

Convém ressaltar que a vinda dos EUA ao Brasil demorava entre 3 ou 4 dias, pois os aviões voavam devagar e somente no período diurno. Diante dessa inconstância, no dia 21 de julho de 1943, embarcaram rumo ao Brasil dois pioneiros: Pe. André e Pe. João, chegando em solo amazonense no dia seguinte. A ideia inicial era que todos viessem juntos, mas, devido às condições de voo e os impasses que poderiam acontecer, somente no dia 28 de julho de 1943 é que chegaram em solo brasileiro os outros quatro missionários (MUCKERMAN.1993, p. 15-16).

A chegada marca uma história, e os caminhos que ela toma inicialmente mostra-se desafiador. O lugar aonde iriam e que fora prometido pelo bispo ainda estava em reforma. Os missionários tiveram que procurar um local em que pudessem abrigar-se até o término da reforma de sua própria residência.

Como Igreja em comunhão que vive a unidade em qualquer lugar em que se encontre, os missionários encontraram abrigo no convento dos frades capuchinhos da paróquia São Sebastião durante o período em que esperavam a entrega de sua residência. O acolhimento no convento demorou seis semanas.

Os missionários recém-chegados ainda sem falar o português sentiram a pobreza linguística de não poderem entender, a princípio, a língua nativa do povo brasileiro. Tiveram que se preparar durante esse período. A dedicação imediata era o estudo do português. Esforçar-se diariamente a este aprendizado era o ofício principal de nossos missionários.

O padre André Joerger, que falava espanhol, posteriormente, foi eleito superior da comunidade, pois tinha um pouco de facilidade para comunicar-se com o povo. Apesar de que, na época, a missa ainda era celebrada em latim, a comunicação diária com as pessoas ainda era um entrave, mas com toda dificuldade Pe. André tentava resolver as situações junto à embaixada e outras necessidades documentais.

No início, além dos tramites documentais, foi necessário um processo de inculturação imediata. Não era fácil estar em um lugar “desconhecido” com o clima, cultura, costumes, culinária, língua etc., diferentes, mas a missão era o que movia aqueles missionários. O amor pela missão, a dedicação em prol da Igreja local desafiava-os a continuarem no propósito que acabaram de iniciar em solo amazônico.

A etapa inicial foi desafiadora, visto que, desde a chegada até se instalarem em sua casa, demorou bastante tempo, mas o ardor e a persistência desses pioneiros

mostraram o quanto foram solícitos às necessidades desse campo pastoral desafiador que era até então a diocese de Manaus.

3.1.3 Presença dos missionários redentoristas em Manaus e a devoção ao “Perpétuo Socorro”

O processo missionário e o avanço da Congregação Redentorista pelo mundo foi tornando-se mais visível. O número de religiosos foi aumento e a disseminação missionária foi acontecendo. Novos horizontes foram conquistados, a província de Saint Louis, nos Estados Unidos recebeu um pedido da, até então, diocese de Manaus, solicitando a presença dos missionários redentoristas para este campo pastoral. A comunicação manteve viva e esse propósito foi concretizado.

Após firmarem acordo, a província mandou seis grandes homens, como mencionamos anteriormente (5 padres e 1 irmão consagrado). Os impasses e a adaptação, a princípio, foram as principais dificuldades encontradas, mas não perderam o foco e o ideal que vieram fazer neste campo missionário. Sentiram a necessidade de adaptação e logo se empenharam para se adequarem a língua, a cultura, a culinária etc., não medindo esforços para que de imediato os trabalhos fossem sendo realizados. A presença desses homens marca um novo tempo na realidade daquela pequena igreja de Aparecida situada no bairro dos “tocos”.

3.1.4 A chegada dos missionários Redentoristas em Manaus

Com a chegada dos primeiros redentoristas na Igreja de Manaus, inicia-se um novo trabalho e uma nova missão organizada pelos filhos de Santo Afonso. Antes de “arregaçar as batinas”, era necessário adaptar-se à realidade local. Os seis missionários recém-chegados precisaram aprender a língua, dormir em redes, comer a culinária local e iniciar a missão incumbida a eles.

As seis semanas no convento dos frades capuchinhos foi o ponto de partida para a adaptação. A primeira experiência era adaptar-se à alimentação tipicamente local (arroz, feijão, farinha de mandioca e peixe) que relativamente não fazia parte do cardápio americano. Era uma nova realidade com costumes e jeito diferente.

Diante disso, era preciso passar por uma adaptação, como, por exemplo, dormir em redes. A cultura que fazia e ainda faz parte do costume local, para os

missionários redentoristas, recém-chegados, era desafiadora. Talvez as acomodações para o descanso não tenha sido como esperavam, mas depois de um determinado tempo de adaptação acostumaram-se com aquela realidade.

Referente à culinária, ressalta-se que era um grande desafio por não estarem acostumados com a comida local. Muckerman (1993, p. 16) menciona em sua obra “Redentoristas na Amazônia” que o padre José Elworthy “[...] comenta que eles tinham comido em torno de 144 dúzias de bananas durante as primeiras seis semanas depois da chegada em Manaus”. Mesmo sem o costume local iam adaptando-se como podiam. As finalidades iniciais eram urgentes, cada um se ocupava dos afazeres necessários, principalmente, com as aulas de português que, para aquele momento, não podiam deixar de lado.

Após o tempo passado com os capuchinhos, a casa onde abrigaria os missionários foi reformada e entregue aos nossos pioneiros. No dia 11 de setembro de 1943, nossos desbravadores agradeceram a hospedagem recebida do convento e constituíram a primeira comunidade redentorista de Manaus.

Antes mesmo de assumirem sua nova residência e diante da exigência pastoral, Dom João da Mata já havia delegado uma área pastoral onde se situava uma comunidade chamada de Nossa Senhora Aparecida, até então, no bairro dos “tocos”, que, posteriormente, iria tornar-se Bairro de Aparecida por causa do serviço naquela nova paróquia. É nesse local onde a casa dos primeiros missionários situava-se. Além da primeira comunidade religiosa, estava também se formando a primeira paróquia assumida por nossos missionários, como afirma Muckerman (1993, p. 18):

No dia 7 de setembro de 1943, que não era somente o Dia da Independência do Brasil, mas também, na época, a festa da Padroeira da Nação. Nossa Senhora Aparecida, Dom João da Mata, com verdadeira cerimônia e os discursos indispensáveis, abençoou solenemente o prédio quase acabado e anunciou oficialmente a criação da Paróquia Nossa Senhora Aparecida.

Por outro lado, Paiva (2017, p. 56) diz que: “segundo o cronista, a data da bênção da nova casa e de instalação da paróquia aconteceu no dia 9 de setembro de 1943. No entanto, causa determinada incoerência subsequente a data anterior, que redige a data do dia 7 de setembro do referido ano”.

Relacionado à instalação, à mudança e à memória, Paiva (2007) relata que a casa era simples e tinha poucos cômodos, sem muitas mobílias, mas foi ali que se iniciou, de maneira prática, a história da Congregação do Santíssimo Redentor ou

simplesmente dos missionários redentoristas no Amazonas. A casa apresentava dois andares. No primeiro andar, ela abrigava a comunidade religiosa. Havia uma grande sala que servia como dormitórios para os missionários. Não era muito confortável, pois os espaços haviam sido adaptados. Os missionários dormiam em camas simples com os colchões feitos de palha, porém, por causa de alguns aspectos de clima (Manaus é um lugar de clima tropical, tem muita umidade e faz bastante calor), resolveram dormir em redes cercadas por mosquiteiros que serviam como proteção para os insetos, principalmente, os carapanãs (muriçocas ou pernilongos).

No térreo da moradia dos missionários, tinha um grande salão que servia como a capela matriz da Paróquia Nossa Senhora Aparecida. É nesse salão que começaram a celebrar as missas dominicais como, também, semanais com o povo.

Figura 3- Foto da primeira igreja de Nossa Senhora Aparecida



Fonte: Muckerman (1993, p. 108).

As novenas em honra à Nossa Senhora do Perpétuo Socorro vão sendo pensadas e organizadas, mas elas tiveram início somente no ano seguinte. Apesar das circunstâncias, vemos a ação missionária e o ofício dos filhos de Afonso serem eficazes na Amazônia, ou seja, o carisma missionário e a figura de Maria, com o título de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, era questão de tempo para que essa devoção fosse divulgada.

Vale ressaltar que o dinamismo pastoral daqueles desbravadores foi o pontapé inicial que salvaguardou para que essa devoção pudesse permanecer tão eficaz até os dias atuais. Não era preciso apenas assumir uma paróquia com um título mariano,

mas fazia-se necessário dinamizar evangelicamente um povo que precisava de cuidados e auxílios. A devoção por si só teve seu efeito.

3.1.5 Primórdios da missão dos missionários redentoristas em Manaus e a devoção

A devoção ao ícone de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro já era conhecida nessa região. O povo tinha conhecimento dessa devoção, porém, de maneira muito particular e não organizada nas paróquias e comunidades da cidade de Manaus.

Com os missionários, a devoção inicia com um novo teor a partir das “novenas perpétuas”. Vale lembrar que a novena de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro iniciou-se oficialmente, no ano seguinte após a chegada dos primeiros missionários, ou seja, nos primeiros meses de 1944. O estatuto do Santuário de Nossa Senhora (2016, p. 2) revela-nos e como procedeu o processo de implantação das novenas.

O que pareceu ser somente uma devoção paroquial torne-se um movimento missionário de forte espiritualidade. O primeiro tríduo de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, em 19 de junho de 1944, marca o início da Novena Perpétua, trazendo para a igreja um grande número de devotos toda terça-feira.

Alimentados e entusiasmados pela dimensão pastoral daquela paróquia, além da presença, os missionários exerceram o Evangelho não apenas no altar, mas na prática cotidiana, pois o trabalho braçal testemunhava o desejo de homens que queriam mostrar que a Igreja é construída pelas mãos de todos.

É importante revelar que foi na sede matriz da igreja de Nossa Senhora de Aparecida que aconteceu a primeira novena direcionada à Nossa Senhora do Perpétuo Socorro. Podemos imaginar que a primeira novena celebrada tenha encontrado seus desafios na sua organização, porém, a participação foi expressiva com um elevado número de pessoas, revelando que o povo manauara tem um zelo grandioso à Nossa Senhora.

Diante disso, era necessário verificar um dia que pudesse marcar esse momento de devoção à Nossa Senhora do Perpétuo Socorro. Sendo assim, o dia reservado para esse momento devocional das novenas foram as terças-feiras. A cada semana, o número de devotos foi aumentando, até chegar o momento em que foi

preciso disponibilizar outro horário para alocar os fiéis que vinham nas celebrações maciçamente.

É importante mencionar que a novena de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro surgiu nos Estados Unidos, em Saint Louis, de onde se estendeu ao mundo inteiro, principalmente, onde existe a presença redentorista. Essas informações relevam a dimensão e o alcance que a devoção ao “Perpétuo Socorro” atingiu.

Segundo Paiva (2016), os filhos de Afonso colocaram em prática a divulgação do ícone de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, tornando mais consistente a devoção mariana espalhada em diversos países.

Há, vale ressaltar que foi na cidade de Saint Louis que os Redentoristas rezaram pela primeira vez a novena perpétua a Nossa Senhora do Perpétuo Socorro. Essa novena de forma piedosa e simples, se espalhou pelo mundo todo, inclusive no Brasil. Foi na Igreja de Santo Afonso (Rock Church), no ano de 1922. Os Redentoristas souberam implantar muito bem a novena no Brasil, sendo que Manaus, Belém, Teresina e Curitiba e Campo Grande (as duas últimas cidades citadas por norte-americanos de Baltimore) são os cinco locais de maior influência de devotos (PAIVA, 2016, p.53).

A implantação das “novenas perpétuas” marca o jeito particular dos Redentoristas anunciarem o ícone de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro aonde forem ou estiverem. Criar uma novena não é simplesmente particularizar uma devoção, mas partilhar com o povo aquilo que nasce da sua própria história de fé.

Essa devoção revela, de maneira organizada, comum e expressa, como o povo pode organizar-se e rezar. O período implantado deu-se antes do Concílio Vaticano II, quando o “clericalismo predominava” e os fiéis apenas “assistiam” os momentos celebrativos, principalmente, nas missas nas quais os sacerdotes celebravam o sacrifício eucarístico de costas e em pouquíssimos momentos o povo interagia de maneira participativa. Enfim, não podemos tirar do povo aquilo que já é dele. A novena conta com a participação do povo, pois sem ele não há devoção nem celebração. Também não há expressões de fé. A devoção mariana constitui e alimenta a fé de muitos católicos onde a Igreja não consegue chegar.

Em Manaus, os redentoristas estabeleceram, criaram comunidade, assumiram paróquias e trouxeram a novena. A novena surge nos Estados Unidos e agora está presente na vida do povo manauara. O início é marcado pela fé. Os redentoristas motivam e o povo participa, respondendo o chamado daquela que faz parte da própria realidade humana, mas, acima de tudo, agraciada por Deus. A novena cresce, a participação alcança uma dimensão grandiosa de fiéis e o povo corresponde com

intimidade e devoção esse jeito particular de viver a fé. Aquela pequena Igreja que inicialmente estava localizada no térreo da casa paroquial dos missionários já não seria um lugar que comportaria tamanha multidão, portanto, era necessária a criação de um novo templo.

A partir de então, com as grandes urgências pastorais acontecendo, via-se a necessidade de uma participação maior de confrades para assistir os fiéis, pois a dimensão pastoral havia aumentado. Da pequena Igreja matriz da Paróquia de Nossa Senhora Aparecida, o bispo havia solicitado a assistência pastoral a outras comunidades que pudessem ser aderidas àquela área pastoral (essas áreas encontravam-se nos Bairros da Matinha e Flores). No Bairro da Matinha, encontrava-se a capela de Santa Luzia e no Bairro de Flores, distante a 16km da comunidade matriz da paróquia, havia a capela de Nossa Senhora de Nazaré, que depois tornou-se Igreja de Santo Afonso.

Figura 4 - Foto da capela Santa Luzia da Matinha, primeira turma de 1ª Eucaristia



Fonte: Muckerman (1993, p. 109).

Com essa abrangência muito maior, havia a necessidade de dispor os missionários para o atendimento constante. Mas os missionários ainda teriam que pensar nas paróquias que deveriam assumir que estavam localizadas nos municípios de Codajás e Coari. Essas necessidades fizeram com que já nos primeiros meses de 1944 fosse planejada a vinda da segunda turma de missionários da província mãe. No trecho a seguir, há um relato sobre como ocorreu essa chegada.

O segundo grupo era composto de quatro padres e um irmão. Os padres escolhidos foram ordenados em 1º de julho de 1942. Foram os primeiros missionários que vieram diretamente para o Brasil sem terem passado por outro apostolado nos EUA. [...] Esses quatro padres marcados para o Brasil já vieram com o curso pronto, o Segundo noviciado. A segunda turma era composta pelos Redentoristas: Padre Frederico Stratman, de Omaha, Nebraska. Com 32 anos de idade; Padre Afonso Abadie, de Nova Orleans, Louisiana, com 29 anos de idade; Padre Bernardo Van Hoomissen, de Portland, Oregon, com 28 anos de idade; Padre Normando Muckerman, Webster Groves, Missouri, com 29 anos de idade; irmão Stanislau Dunn, ele estava na Califórnia quando foi enviado. Veio com 38 anos de idade (PAIVA, 2016, p. 62).

Vemos nessa segunda remessa de missionários um perfil jovial de redentoristas recém-formados, que tinham muito o que aprender, mas ao mesmo tempo, com o vigor inicial da vida missionária. Eles tinham força e resistência para desbravar este solo de missão de acordo com a realidade do povo amazonense.

A presença redentorista nesta terra de missão já alcançava um número de 11 missionários, organizados e divididos em seus determinados locais de trabalho apostólico (em Manaus, Manacapuru e Coari). Codajás teve que esperar mais um pouco.

Em Manaus, a comunidade religiosa era composta por 6 confrades recém-chegados dos Estados Unidos. O povo não estava mais carente dos preceitos dominicais (missa). O Bairro dos Tocos, assim chamado por causa da grande quantidade de tocos de árvores, veio a ganhar um novo nome a partir do ano de 1946 por conta de um decreto da prefeitura de Manaus, principalmente em referência aos trabalhos pastorais que os missionários redentoristas, da paróquia de Aparecida, estavam realizando.

Esses trabalhos renderam frutos, e o número de fiéis começou a aumentar. A necessidade colocada anteriormente de construir uma nova igreja vem à tona. O Pe. Bernado Van Hoomissen conta que o Pe. João McComick, após a sesta, numa tarde abafada de fevereiro, anunciou que iria construir uma igreja e pediu a Frederico Stratman para desenhar a planta e ao restante da comunidade sair de casa para cavar os alicerces naquela mesma tarde.

O espetáculo de padres deixando suas batinas e cavando alicerces, fazendo cimento, colocando portas e paredes feitas de 'Eternit' (material de construção feito de folhas de concreto compensado), e tudo isso feito debaixo de um sol tropical, chamou a atenção de uma multidão de brasileiros admirados. Essa história se espalhou por toda cidade e serviu para reforçar a reputação dos padres norte-americanos, que atualmente usavam calças,

como todos os demais homens. A nova igreja de Nossa Senhora Aparecida foi inaugurada e dedicada no dia 21 de abril de 1946. Ficou lotada à sua capacidade de 260 pessoas, enquanto milhares ficam aglomerados na rua (MUCKERMAN, 1993, p. 32).

A reputação dos missionários atraiu a multidão e esses começam a ser protagonistas das manifestações celebrativas decorrentes das missas semanais e dominicais e, principalmente, nas celebrações das novenas perpétuas. O testemunho missionário e a fama de homens trabalhadores invadem o coração do povo de Manaus. Os redentoristas testemunham não apenas em palavra a missão de Jesus, mas de um jeito prático, mostram que são homens diferenciados pelo testemunho como é explicitado nas constituições nº 20:

Fortes na fé, alegres na esperança, fervorosos na caridade, inflamados no zelo, humildes e sempre dados à oração. Os Redentoristas, como homens apostólicos e genuínos discípulos de Santo Afonso, seguindo contentes a Cristo Salvador, participam de seu ministério e anunciam-nos com evangélica simplicidade de vida e de linguagem, pela abnegação de si mesmos, pela disponibilidade constante para as coisas mais difíceis, a fim de levar aos homens a Copiosa Redenção.

Esse carisma foi o que motivou para atrair os fiéis na colaboração do projeto de Jesus e na construção do novo templo da igreja matriz de Nossa Senhora Aparecida. Eram homens genuínos à missão que vieram desempenhar. A comunidade religiosa que ficou administrando a paróquia de Aparecida, além de exercer seus compromissos semanais do apostolado, dedicou-se mais ainda a divulgar e celebrar a novena perpétua.

A igreja de Aparecida, que antes comportava 260 pessoas em seu interior, não era mais suficiente para acomodar tanta gente nas celebrações da novena que acontecia todas as terças-feiras. As atividades celebrativas eram diárias e, como o costume redentorista selado em suas constituições, o sacrifício eucarístico deveria ser celebrado diariamente, com ou sem a presença dos fiéis. Como imaginar que em plena terça-feira reunia-se tanta gente para celebrar a novena?

Essa resposta não podemos dar ao certo, mas sabemos que a devoção à Nossa Senhora é uma expressão muito presente em todo o mundo, pelo fato de Maria ser a mãe de Jesus e estar intimamente ligada a Ele, ou por nos aproximarmos de sua humanidade sendo venerada ao longo da história. Podemos, também, até pensar que essa ação de fé, de devoção e celebração que a novena transmite possa até ser passada culturalmente, mas devemos compreender que cada pessoa traz

individualmente o seu modo de celebrar esse momento. É fato que algumas raízes são preservadas, mas cada um tem uma experiência diferente e única quando participa ou celebra a “novena perpétua”.

O padre Vicente de Oliveira (s.d., p.39) diz que “a novena é um modo de rezar continuamente à Nossa Senhora em união com o mundo inteiro, pois em alguma hora e parte do mundo haverá uma igreja onde se celebra a novena”. Não é uma oração da Igreja, apesar de ser autorizada por ela enquanto instituição, mas uma oração do povo que exalta perpetuamente a Mãe de Deus com o título de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro. Talvez, um dos grandes elementos que pôde assegurar a dinamicidade das novenas e sua evolução foi a eficácia de uma realidade aproximada do povo.

Testemunhar, de modo prático, a devoção mariana aos fiéis adultos que vinham nas celebrações e formações foi a catequese com as crianças. Naquela época, eram os próprios padres que administravam essas formações não somente nas estruturas da igreja, mas nas escolas que faziam parte do território da paróquia. É importante relatar que:

Dentro de alguns meses depois de sua chegada a Aparecida, nos domingos pela parte da tarde, na capela e também no quintal, os missionários catequizavam até 700 crianças que vinham, às vezes, por curiosidade ou para ganhar ‘santinhos’ generosamente distribuídos pelos missionários. As aulas de catequese eram realizadas semanalmente em todas as escolas públicas e particulares dentro dos limites da Paróquia (MUCKERMAN, 1993, p.32).

Analisando o desenvolvimento pastoral exercido pelos redentoristas, podemos dizer que esse trabalho fez toda diferença para a catequização cristã e devocional dos fiéis. Isso possibilitou uma melhor aceitação futura da novena de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, fazendo com que os frutos dessa geração perseverassem na fé, tomando consciência da devoção recebida através da orientação dos missionários.

Dessa forma, o número de missionários foi crescendo, novas grupos foram chegando e novas expansões acontecendo. Depois dos primeiros 5 anos de estadia em Manaus, eles começaram a se adequar de vez, com a culinária, com a cultura e com o clima e, até mesmo, com os insetos. O gosto pelo trabalho era visível.

Com as expansões, nas cidades de Manaus, Manacapuru, Coari e finalmente Codajás, no Amazonas, nossos missionários alcançaram mais um estado do Brasil, o

estado do Pará, na capital Belém, onde assumiram uma paróquia (Nossa Senhora do Perpétuo Socorro) que conseqüentemente a novena instaurou-se e até hoje atrai milhares de devotos todas as terças-feiras.

Depois, a missão dos padres redentoristas estendeu-se até Teresina, Piauí, fundando uma paróquia chamada São José Operário e, também, em São Luiz do Maranhão, assumindo uma paróquia dedicada a São Cristóvão. Ressaltamos esses aspectos missionários justamente para frisar a evolução da missão trazida pelos redentoristas norte-americanos no solo brasileiro e como foram importantes para a implantação da “novena perpétua” não apenas na igreja de Manaus, mas praticamente em todo país. É característico do redentorista o apostolado com as missões populares e a devoção mariana. Em Manaus, essas expressões tornam-se visíveis, pois o povo enxerga a dedicação dos missionários. A compreensão e a adequação à cultura local é a forma mais precisa que possibilita a continuidade dos trabalhos pastorais de evangelização.

Compreender a realidade e a cultura do povo proporciona-nos conhecimento prático para não impor um jeito novo ou de implantar uma nova cultura para viver a fé, mas de tornar-se visíveis e dinâmicas as expressões da crença de cada fiel. “As novenas as terças-feiras são uma prova de como caiu no gosto do povo e os padres souberam conduzir essa paraliturgia mariana” (PAIVA, 2016, p. 77).

Dom João da Matta ficava impressionado com o jeito dos padres americanos conduzir e organizar o povo para as formações, catequese, sacramentos e outras atividades que faziam parte do dia a dia dos redentoristas.

Segundo Dorsey (1947 apud PAIVA, 2016, p. 82), numa carta do Pe. Fagen a Charles Quinn esse conta sobre essa percepção que o provincial de Saint Louis teve ao visitar o Amazonas:

A visita aos Padres que estão no interior, na selva, foi um puro prazer. Vi as condições no Amazonas muito melhores do que eu esperava e vi que nosso campo de missão lá foi um arranjo providencial. Rapidamente estamos indo adiante. O bispo fica atordoado e não consegue entender a nossa velocidade; não consegue entender como podemos reunir tantas crianças para a catequese, como podemos incentivar tantos homens a receber a sagrada comunhão na primeira sexta-feira de cada mês. Sabemos, é claro, que depois da Graça de Deus, é o jeito americano e mais o zelo redentorista, o segredo do sucesso missionário.

Realmente, podemos dizer que é graças à dedicação dos primeiros missionários que aqui chegaram, através de esforços e perseverança, conseguiram

deixar a beleza de suas histórias plantadas através do tempo e que perdura até os dias atuais. É fato que a presença e o jeito americano de trabalhar a realidade religiosa eram uma novidade para o povo local, no entanto, os fiéis tinham aquela visão de que os padres ou os missionários eram apenas homens do altar sem sentir a realidade do povo.

Assim, ao verem ajudando na construção da igreja ficaram admirados. Falando em igreja, voltemos à paróquia de Aparecida, que cada vez mais se tornava uma igreja missionária. Várias pastorais estavam funcionando e a multidão de gente era constante nas celebrações, principalmente nas novenas. As celebrações da novena em honra à Nossa Senhora do perpétuo Socorro iniciadas em 1944 com apenas 1 (um) horário nas terças feiras, foi a expressão que ganhou mais força, como também, foi a maneira pela qual os missionários puderam sentir a realidade da devoção local.

Percebendo que a celebração era viva e amada pelo povo, os missionários pouco a pouco sentiram a necessidade de ver outros horários para celebrar a novena ao longo do dia. Sobre a novena, Paiva (2016, p. 111) menciona que “no fim do ano, Padre Paulo passa a escrever uma coluna no Jornal do Comércio com o título ‘o socorro do céu’ sempre às terças-feiras”. Em consulta realizada no livro tombo da Paróquia Nossa Senhora Aparecida, evidenciamos o avanço dos horários em que era celebrava a “novenas perpétua”. A história diz que, em meados de 29 de junho de 1953, “as novenas de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro passaram de 5 (cinco) para 8 (oito) horários diferentes ao longo do dia. Calcula-se que nessa época 20% da população do bairro participava das missas dominicais”³.

No período de 10 (dez) anos, o número de novenas aumentou para atender às demandas religiosas do povo que vinham até aquela pequena igreja que, naquela época, comportava no máximo 250 pessoas. Os missionários desenvolviam um trabalho árduo, pois o movimento religioso crescia rapidamente e a igreja já não conseguia suportar o número dos fiéis que chegavam para a novena. Esse contexto motivou a necessidade da construção de uma nova Igreja. Para tal, foram mobilizadas ações, campanhas, rifas e a bondade do povo para que a construção da nova igreja matriz fosse concretizada.

Um ano depois, dia oito de dezembro de 1954, o arcebispo estava na Paróquia de Aparecida para o lançamento da pedra fundamental para a nova

³ Livro tombo da paróquia de Nossa Senhora Aparecida, Manaus, AM., p. 12.

igreja matriz. A inauguração da matriz foi na festa de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, em 1957. Dom Antônio Macedo, da Província de São Paulo, era Bispo-Auxiliar da Arquidiocese de São Paulo e levou a imagem peregrina de Nossa Senhora Aparecida para a inauguração da Igreja (PAIVA, 2016, p.121).

Esta é a atual igreja que está localizada no tradicional Bairro de Aparecida. Atualmente, possui a capacidade de acolher aproximadamente 1.500 pessoas, sendo 650 sentadas e 850 em pé. Essa construção possibilitou um melhor acolhimento aos fiéis que participavam das novenas de nossa Senhora nas terças-feiras, bem como nos outros dias em que acontecem as celebrações comunitárias.

Figura 5 - Igreja atual de Nossa Senhora Aparecida



Fonte: O autor, 2022.

Com o início da construção da nova Igreja Matriz da Paróquia de Aparecida, em Manaus, em 1954, a capacidade de acolhimento iria ser mais elevada e, por isso, no ano seguinte do início da construção já eram celebradas até 10 (dez) novenas diárias.

No ano anterior a sua inauguração, 1956, as novenas já eram celebradas em catorze horários⁴. A dimensão devocional era a expressão mais forte para os missionários que ali viviam. Também havia muitos outros trabalhos desenvolvidos na linha social e pastoral. O povo tinha um fervor que tornou a igreja matriz nossa Senhora Aparecida um lugar de grande visibilidade e visitação de vários peregrinos de toda parte de Manaus.

⁴ Conforme livro tombo da paróquia de Nossa Senhora Aparecida, Manaus, AM., nas páginas 12;14;15.

O número de missionários chegou a uma quantidade expressiva. Com o tempo, as vocações surgiram e começaram a ser ordenados missionários locais. Esse foi o tempo de “glória” dos “missionários redentoristas da Amazônia”. As décadas passaram-se, alguns missionários norte americanos voltaram para os EUA; outros ficaram e doaram suas vidas nessas terras amazônicas. Foram fiéis à missão até o final de suas vidas. Com o passar do tempo, algumas frentes de trabalho foram entregues, pois o número foi diminuindo, porém, nunca deixaram de fazer da vida uma doação.

Conclusão

Diante do exposto, constatamos o empenho dos missionários redentoristas que chegaram em Manaus e desbravaram a região. A história do seu fundador ressalta a firmeza de um carisma que não se perdeu ao longo do tempo.

Desde Nápoles até o Amazonas, muitos passos foram dados, porém, somente a persistência possibilitou que o legado de Santo Afonso fosse lembrado até hoje. Como devoto de Maria, Afonso de Ligório soube mostrar aos membros da Congregação que nenhum iria perder-se se colocasse nela a sua confiança.

Apesar da diminuição do número dos religiosos, seja da Congregação Redentorista ou outra ordem religiosa, nesses últimos séculos, o empenho e a dedicação de cada missionário tornou visível o potencial que a novena de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro representa para o povo católico de Manaus e do Brasil.

Aquela pequena paróquia de Aparecida ganhou grande visibilidade. A dedicação de cada religioso e a grande manifestação de fé dos devotos, através da novena, revelam o dinamismo implantado nesta igreja, tornando-a uma das paróquias mais importantes de Manaus.

Pelo trabalho realizado nesse lugar, o empenho missionário e a assistência religiosa, a Paróquia de Nossa Senhora Aparecida passou a ser considerada Santuário arquidiocesano de Nossa Senhora Aparecida. Este lugar acompanha a vida do povo e expressa seu acolhimento enquanto Igreja.

4 O LUGAR DA DEVOÇÃO MARIANA: A AÇÃO PASTORAL DO SANTUÁRIO DE NOSSA SENHORA APARECIDA

Depois de falarmos sobre o processo histórico do ícone de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, os caminhos percorridos por ele, os desafios encontrados, até chegar nas mãos dos missionários redentoristas, voltemos nosso olhar ao Santuário Nossa Senhora Aparecida em Manaus.

Neste Santuário, acontecem as novenas de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, e os grandes responsáveis pela divulgação mariana com esse título deve-se aos missionários redentoristas, que fizeram acontecer, de modo extraordinário, essa divulgação, que hoje é vivida e conhecida em toda Igreja de Manaus.

Os caminhos que traçaram, a pastoral que organizaram e vários outros fatores foram expoentes para o crescimento estrutural de evangelização para a paróquia de Nossa Senhora Aparecida. Todavia, a Igreja de Manaus, bem como toda Igreja do Brasil, tem seu modo de se organizar. Essa organização está regida e orientada pelo bispo ordinário do local e em nível nacional pela CNBB.

A proposta desse terceiro capítulo culmina numa tentativa de revelar alguns aspectos pastorais do Santuário de Nossa Senhora Aparecida que possibilita uma melhor compreensão de sua ação e dinamismo evangelizador, dentro desse contexto da devoção mariana.

O aspecto pastoral acontece, de maneira grandiosa, e envolve diversas pessoas de vários lugares de Manaus para dar suporte logístico em prol da novena de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro. Nesta reflexão, além de buscar entender a ação pastoral do Santuário, procuramos refletir sobre o lugar da devoção mariana e suas finalidades.

É importante ressaltar que a devoção mariana ocupa um lugar especial no seio da Igreja e, por ela, anuncia a Igreja povo de Deus. Ao refletirmos sobre o lugar da devoção mariana, trazemos presente o Santuário de Aparecida, que não é apenas o lugar de peregrinação ou de devoção, mas um fator necessário que viabiliza o aprofundamento da fé.

Dessa forma, em sua ação pastoral, o Santuário deve empenhar-se não apenas em desenvolver uma proposta devocional, mas cultivar na vida das pessoas uma catequese que enriqueça o sentido de ser. O Santuário é um lugar diferenciado que

deve proporcionar acolhida, evangelização, enculturação etc. Isso se dá quando existe uma pastoral direcionada.

Neste serviço pastoral de evangelização e catequese, devem ser ressaltados os aspectos específicos conexos com a memória do Santuário em que opera, com a mensagem particular a ele unida e com o “carisma” que o Senhor lhe confiou e que a Igreja reconheceu e com o patrimônio muitas vezes riquíssimo de tradições e dos costumes que nele se estabeleceram (SANTUÁRIO,1999, p. 29).

Diante das diversas relações intrínsecas ao conceito de santuário, podemos expressar que ele é o verdadeiro lugar da graça de Deus. O santuário, mais do que um templo ou espaço, é um lugar da devoção, da espiritualidade, da fé, pois muitos santuários não são constituídos de templos, mas lugares.

Portanto, refletindo sobre o Santuário de Nossa Senhora Aparecida em Manaus, procuraremos identificar, através de sua ação pastoral, os elementos necessários que nos deem clareza sobre sua finalidade na evangelização e devoção Mariana.

Além disso, tentaremos compreender os diversos aspectos que unem o Santuário a sua realidade local, principalmente, pelos efeitos causados na comunidade por causa das novenas perpétuas. Também procuraremos comparar as pastorais do Santuário de Aparecida e as pastorais paroquiais, uma vez que o Santuário está inserido dentro de um contexto paroquial.

Antes de tratarmos de maneira mais reflexiva sobre ação pastoral do Santuário de Aparecida, relacionado à devoção à Nossa Senhora, procuraremos compreender algumas concepções a respeito da pastoral, da comunidade, da paróquia e o do santuário como forma de esclarecermos, da melhor forma, como acontece a devoção à Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, no Santuário de Aparecida, na cidade de Manaus.

4.1 CONCEPÇÕES SOBRE PASTORAL, COMUNIDADE, PARÓQUIA E SANTUÁRIO

Para compreender os elementos próprios da ação da Igreja e suas fundamentações, é necessário refletir sobre as concepções que fazem parte de sua estrutura e organização. Isso começa desde a missão de Jesus até os tempos atuais. A Igreja acompanha a história, adequa-se à realidade e não foge de sua raiz teológica.

Para isso, é necessário olhar esse caminho, tentando conceituar alguns aspectos promovidos pela Igreja como o significado de pastoral, de comunidade de paróquia e santuário. Buscaremos, por meio desses conceitos, entender como atuam as organizações e associações que existem para uma melhor evangelização.

A ação pastoral acontece pelas diversas formas de evangelização existentes, no seio da Igreja, e organiza atividades que são direcionadas a um objetivo comum: a evangelização. Em outras palavras, a missão da Igreja realiza-se através da evangelização, que acontece pela disposição de homens e mulheres que assumem o propósito de anunciar o redentor.

O Santuário, por sua vez, tem uma atenção específica, pois exige uma atuação pastoral diferente das demais realidades comunitárias ou paróquias. Além de ser um lugar que pode ou não estar inserido dentro do território de uma paróquia, o santuário é um espaço de peregrinação e participação efetiva de fiéis.

Dessa forma, procuraremos refletir sobre os aspectos conceituais de pastoral, comunidade, paróquia e santuário, no propósito de buscarmos a associação inerente a essas terminologias que a Igreja organiza em suas ações pastorais numa proposta de evangelização organizada.

4.1.1 Pastoral

As conceituações pastorais não se limitam a uma dimensão única a determinado termo. As diversas formas de compreender a pastoral estão inseridas no dinamismo e nas ações da Igreja. “A pastoral é o agir da Igreja no mundo” (LIBÂNIO, 1982, p.11).

As ações da Igreja dão sentido ao modo de entender a pastoral que buscamos. Lembremos que, no aspecto eclesiológico, o termo pastoral é amplo e não se resume a um único direcionamento. No processo de evangelização, a pastoral alcança uma integralidade, mas não se esgota em si mesma.

Brighenti (2021, p. 24), quando fala sobre a evangelização como uma forma de agir da Igreja, ou seja, uma “pastoral da ação”, faz uma alusão à missão que a Igreja exerce no mundo, de maneira ampla, pois “a consciência da exigência de uma ‘pastoral integral’ deve-se ao surgimento do conceito de missão na Igreja entendida como evangelização”.

A ação pastoral da Igreja está a serviço do povo e para o povo, que compõe o grupo dos batizados no catolicismo ou não. A pastoral está a serviço da humanidade que, muitas vezes, sofre as consequências sociais, relacionadas à perda da dignidade, das injustiças, da violência e da exclusão.

O cuidado com o povo Deus é uma obrigação da Igreja que funciona, de maneira cuidadosa, para que os fiéis sejam conduzidos pelo bom caminho. Para Brighenti (2021, p. 23), o termo “pastoral deriva do substantivo “pastor”, que, por sua vez, remete-se a Jesus ‘o bom pastor’”, imagem oriunda da prática corrente no povo de Israel, o pastoreio de ovelhas”.

Da mesma forma, Pereira (2020), em sua obra “Como gerir uma Paróquia”, dando seu parecer em torno do conceito de pastoral, explicita que:

O termo ‘pastoral’ remete a ação de pastores. Pastor é um conceito bíblico que remete a cuidado, proteção, responsabilidade, em prol de pessoas figuradas como ovelhas. Em termos eclesiológicos e de administração eclesial, pastor é também sinônimo de gestor (PEREIRA, 2020, p.162-163).

Todos os conceitos relacionados à pastoral estão voltados a essa forma de cuidar, assistir, vigiar, acolher. Em outras palavras, estão relacionados ao pastor, que cuida do rebanho, como foi mencionado anteriormente. No entanto, quando falamos das questões relacionadas à Igreja, estas se organizam missionariamente pelas diversas pastorais que ajudam na evangelização.

A integralidade da pastoral abre um leque de abrangência para entender o modo como a Igreja deve atuar. Libânio (1982, p. 22), além de tratar a pastoral como esse agir da igreja e associar a figura de Jesus como pastor, menciona que a “pastoral está intimamente ligada na sua evolução semântica à ideia de autoridade, de desvelo, de companhia, de relação interpessoal e finalmente de entrega de si até o dom total da vida àqueles que se serve”.

Dentro dessa organização, existem as pastorais que movem e dão vida ao sentido de ser Igreja. Este sentido coloca-nos dentro de uma comunidade eclesial e, a partir dela, forma a paroquial. O documento da CNBB 104 (2013, p. 9-10) recorda-nos da necessidade de integração das diversas experiências de comunidade e reafirma que toda igreja é uma comunidade dentro de uma paróquia e tem como compromisso o planejamento conjunto da ação pastoral.

Essa ação dá-se dentro do ambiente eclesial, social ou cultural. Para a Igreja, o ato de pastorear está ligado ao bispo como o pastor responsável por determinado campo pastoral. No entanto, para uma igreja de batizados, os leigos são as verdadeiras lideranças que implementam as diversas ações pastorais.

O Documento de Aparecida, quando se refere às diversas experiências pastorais relacionadas à Igreja Católica e os desafios da grande evasão de fiéis a outros grupos religiosos, diz o seguinte:

Segundo nossa experiência pastoral, muitas vezes, a pessoa sincera que sai de nossa Igreja não faz pelo que os grupos “não católicos” creem, mas fundamentalmente por causa de como eles vivem; não por razões doutrinas, mas vivenciais; não por motivos dogmáticos, mas pastorais; não por problemas teológicos, mas metodológicos de nossa Igreja (DAp 225).

Perante essa situação, o documento continua reforçando que devemos priorizar quatro principais eixos que deem consistência a uma pastoral sólida e eficiente. Para que não haja dúvidas à própria identidade religiosa do fiel, é necessário que este tenha uma experiência religiosa mais eficaz e uma vivência comunitária, as quais permitam que se sinta acolhido. Para isso, é importante que o fiel passe por uma formação bíblica-doutrinal e, por fim, a comunidade deve ter um compromisso missionário de ir ao encontro dos afastados (DAp 226).

Com base nesses desafios apresentados pelo Documento de Aparecida, Brighenti (2021, p. 27) evidencia a relação entre pastoral e missão e faz-nos compreender que para haver uma ação mais eficaz na linha pastoral da Igreja, a missão é uma forma pastoral de agir e que a evangelização não apenas ampliou o conceito de pastoral, mas também o sentido da missionariedade.

Com efeito, a ação pastoral é uma prática que traz presente o contexto do Vaticano II, ou seja, “a pastoral, enquanto ação pensada esta respaldada na teologia que, por sua vez, confere a esta uma ação pastoral” (BRIGHENTI, 2021, p. 29). Segundo esse autor, não há como fazer uma pastoral organizada e pensada sem seus sujeitos. No entanto, quem são os sujeitos da pastoral nessa perspectiva eclesial e suas exigências?

O sujeito da pastoral e, portanto, do planejamento na igreja é a comunidade eclesial, fruto da superação do binômio clero-leigos pelo binômio comunidade-ministérios, em consonância com a eclesiologia do povo de Deus do Vaticano II, em sua volta às fontes (BRIGHENTI, 2021, p. 224).

Essa reflexão possibilita entender o sentido de pastoral antes Vaticano II ou até mesmo na Igreja primitiva que tinha um teor diferente. A ação pastoral contida revelava uma eclesiologia do encontro, da comunhão em que havia relações e propostas comuns.

Convém ressaltar que a dimensão da pastoral atual encontra caminhos de extrema urgência. Em decorrência disso, a Igreja precisa buscar meios para assistir determinadas pastorais, dando ênfase as suas necessidades, como, por exemplo: a pastoral do povo da rua, pastoral indigenista, pastoral urbana, pastoral universitária e várias outras, tornando mais exigente a forma de atuar da Igreja.

A concepção da comunidade-ministérios, citada por Brighenti, talvez revele saídas para implementar determinadas pastorais que estão vulneráveis pela falta de atenção da Igreja de batizados.

Por fim, sabemos dos grandes desafios encontrados na Igreja, principalmente, pela dinâmica pastoral que cada vez se torna mais ampla e desafiadora. Mas é necessário sair de estruturas que nos aprisionam, agindo com firmeza na missão que Cristo confiou-nos. Para isso, é necessário sermos enviados, de dois em dois, em comunidade, como Jesus enviou os discípulos (Lc 10, 1-24).

4.1.2 Comunidade

Na realidade midiática, principalmente nas redes sociais, fala-se muito em comunidade. São diversas expressões que colocam em pauta conceitos à luz da modernidade que, no sentido teológico, distanciam-se da originalidade como a Igreja entende esse conceito. A linguagem torna-se diferente e a forma de relacionar-se limita a superficialidade ou o ilusório.

No sentido sociológico, além haver uma compreensão superficial através das diversas noções de comunidades (CNBB, Doc 100, 2014 apud PEREIRA, 2020, p. 39-40) fala o seguinte:

O termo comunidade pode abranger todos os agrupamentos humanos e por diferentes meios. O que caracteriza é o fato de agregar seus membros numa identidade coletiva. Geralmente comunidade significa algo em comum. Forma comunidade aqueles que tem em comum ou compartilham o que tem e o que são. Por isso, é importante delimitar o que se entende por comunidade eclesial.

Quando é apresentado o conceito de comunidade na dimensão religiosa, é dito que: “teologicamente a palavra comunidade significa a união íntima ou comunhão das pessoas entre si e delas com Deus Trindade. Essa comunhão se realiza pelo batismo e pela Eucaristia” (CNBB, Doc 100, 2014 apud PEREIRA, 2020, p. 39-40).

Na Igreja primitiva, os cristãos, de maneira conjunta, foram primordiais para que seu sentido fosse uma expressão comum, mesmo sendo em pequenos grupos. Os momentos celebrativos aconteciam em pequenas comunidades.

As primeiras comunidades cristãs, entretanto, não são conhecidas como paróquias. São Paulo prefere usar a expressão *Igreja Doméstica* (*Domus Ecclesiae*), indicando que as comunidades se reuniam na casa dos cristãos. As comunidades cristãs de Jerusalém, Antioquia, Roma, Corinto, Éfeso, entre outras, são comunidades formadas por Igrejas Domésticas, sendo que as casas serviam de local de acolhida dos fiéis para ouvir a Palavra, repartir o pão e viver a caridade que Jesus ensinou (DOC.104, nº 46).

Brighenti (2021), mencionando sobre a realidade pastoral e nela colocando em pauta a compreensão entre paróquia e comunidade, faz uma severa crítica descentralizando a paróquia, pois vê nela um centro estrutural de privilégios direcionados a Igreja matriz.

Para que a comunidade eclesial seja o sujeito da pastoral no seio da Igreja local, a superação do paroquialismo implica fazer da paróquia “comunidades de pequenas comunidades” tal como a Igreja nasceu. Em seus primórdios, os cristãos se reuniam em comunidades denominadas “Igrejas da casa (*domus Ecclesiae*)” (BRIGHENTI, 2021, p. 36).

Essa concepção tem grande expressão perante uma organização eclesial. Muitas pessoas, que fazem parte de uma comunidade, veem, por exemplo, na igreja matriz ou sede paroquial, a referência da paróquia como se o resumo da ação pastoral fixasse naquele lugar.

Entende-se como comunidade eclesial aquilo que o Concílio Vaticano II remete a uma nova conceituação, resgatando o conceito das igrejas cristãs primitivas. Essa concepção abrange toda dimensão eclesiológica onde a organização se dá a partir da comunidade de batizados.

A organização da comunidade acontece a partir das pessoas, dos batizados e dos fiéis, que procuram compreender seu papel como protagonistas da evangelização. “O Vaticano II resgatou a concepção de que ‘a Igreja somos nós’, isto é de todos os batizados” (BRIGHENTI, 2021, p. 33).

Dessa forma, a comunidade eclesial é a participação dos fiéis batizados. É o encontro de pessoas que constroem finalidades e ações comuns e, neste ambiente crescem os vínculos proporcionando uma harmonia entre seus membros. “A comunidade é o lugar privilegiado no qual a maioria dos fiéis tem uma experiência concreta de Cristo e a comunhão eclesial” (DAp 170).

Portanto, todos os membros da comunidade precisam entender sua importância através dos diversos serviços como discípulos e missionários de Cristo. Essa disposição nasce do coração fiel que, comprometido com a ação da Igreja e, vivendo seu batismo, exerce sua missão dentro de sua comunidade paroquial.

A comunidade jamais pode viver de maneira isolada. Ela, antes de tudo, proporciona comunhão, acolhida e respeito. Na comunidade, criamos laços, abertura e deixamos a beleza da simplicidade acontecer nos espaços que promovemos. Diversas experiências são realizadas é na comunidade que nos sentimos mais próximos.

4.1.3 Paróquia

A paróquia dá-nos uma visão de comunhão entre as comunidades que fazem parte de um espaço geográfico. Sua organização acontece pela necessidade pastoral que a Igreja propõe em não deixar de forma isoladas aquelas realidades mais distantes. O bispo é o principal responsável nessa organização.

Identificamos a paróquia, neste contexto geográfico, dentro de uma arquidiocese. A paróquia em sua ação pastoral é confiada a um ou mais sacerdotes diocesanos ou religiosos (em algumas situações, pela ausência do sacerdote, os leigos ou leigas assumem a administração em nome do bispo).

Sobre o conceito de paróquia, o Catecismo da Igreja Católica dá-nos clareza sobre este assunto dizendo que:

Paróquia é uma determinada comunidade de fiéis, constituída de maneira estável na Igreja particular, e seu cuidado pastoral é confiada ao pároco, como a seu pastor próprio, sobre a autoridade do bispo diocesano. É o lugar onde todos os fiéis podem ser congregados pela celebração dominical da Eucaristia (CIC 2179).

O código de direito canônico (CDC, Cân. 517) reafirma esse conceito, mostrando-nos que, pelas dimensões territoriais, o cuidado pastoral de uma paróquia,

ou de diversas paróquias juntas, pode ser confiado solidariamente a mais sacerdotes desde que um deles seja responsável, dirigindo as atividades de maneira conjunta e responda perante o bispo.

O conceito de paróquia, contido no Diretório de Pastoral da arquidiocese de Manaus (2015, nº 281) explicita que: “a Paróquia é uma porção do povo de Deus que vive num determinado território da Igreja diocesana e trabalha na construção do reino de Deus”.

Toda dimensão estrutural e organizacional da paróquia está ligada à pessoa do bispo dentro de seu campo pastoral. “O vínculo da paróquia com a diocese é garantido pela união com o bispo, que confia ao pároco o cuidado pastoral das comunidades” (CNBB, Doc. 104, nº 65).

Em vista das necessidades religiosas e da dimensão geográfica que abrange todo território da arquidiocese, pela exigência pastoral, em muitos lugares não existem sacerdotes para suprir as necessidades da evangelização, ou seja, não dispõe de clero suficiente para a assistência religiosa. Neste caso, o bispo usa de suas atribuições delegando religiosas ou religiosos consagrados, bem como leigos idôneos (batizados e batizadas) para que em seu nome atenda as exigências e necessidades daquela área pastoral.

No contexto histórico, “as paróquias surgiram, portanto, da expansão missionária da Igreja nos pequenos povoados que rodeavam as cidades. Eram originalmente paróquias rurais que, logo, se estenderam pelas cidades devido ao crescimento populacional” (DOC.104, nº 51).

O documento 104, da Cnbb, acrescenta ainda que a paróquia é uma casa e nela há um encontro comum, fraterno, um lugar de acolhimento entre as pessoas onde Cristo se faz presente.

A ideia de paróquia como casa, entretanto, pretende fornecer o conceito de lar, ambiente de vida, referência e aconchego de todos que transitam pelas estradas da vida. Recuperar a ideia de casa não significa fixar um território ou lugar, mas garantir o referencial para o cristão peregrino encontrar-se no lar (DOC. 104, nº 74).

Alguns aspectos históricos colocam as paróquias e as dioceses em um paralelo como fossem dissociadas. É notado alguns elementos próprios dessa organização, principalmente, no âmbito da assistência religiosa, em que cada uma tinha um papel diferenciado em sua ação evangelizadora.

Neste sentido, Pereira (2020, p. 27) faz uma reflexão sobre dois aspectos relacionados às paróquias e à diocese:

A diferença mais evidente estava no fato de que a diocese geria o mundo urbano, e a paróquia, o mundo rural. As paróquias eram, portanto, originalmente rurais, o que permaneceu influenciando os modelos seguintes de paróquia, mesmo depois do Concílio de Trento, no século XVI, que não mudou seu perfil estrutural.

É evidente que esse contexto de organização ao longo do tempo não sofreu grandes mudanças, porém, com o aumento populacional, as paróquias foram ganhando espaço nos grandes centros urbanos. Diferentemente, as paróquias rurais mantiveram-se vivas, porém, em muitos lugares, os interiores (comunidades rurais) têm sofrido com a falta de assistência religiosa.

Esse processo se dá, justamente, pela falta de uma orientação que visa descentralizar esse espaço comum que é a diocese formadas pelas comunidades, as paróquias propõem uma centralidade pastoral a partir da sua igreja matriz olhando diretamente a figura do sacerdote.

A paróquia é concebida como ‘parte’ ou ‘célula da diocese’ (AA 10b), com a função enquanto Igreja em lugar determinado, de ser sinal visível da Igreja universal, uma vez que congrega ‘num todo as diversas diferenças humanas que encontra, inserindo-as na universalidade da Igreja’ (AA 10b). Estabelece-se, aqui, uma relação entre Igreja local e paróquia. Por isso, o Concílio insta os leigos a cultivar ‘constantemente o senso da diocese de que a paróquia é como que a célula, sempre prontos a colaborar, a convite de seu pastor, nas iniciativas diocesanas’ (AA 10b). [...] No entretanto, apesar da renovação do Vaticano II, a paróquia, em grande medida, continua sendo uma estrutura centralizada no padre e na sacramentalização massiva atrelada ao modelo tridentino (BRIGHENTI, 2021, p. 37).

O mundo urbano tornou-se mais exigente e muitas comunidades rurais (principalmente pela dimensão geográfica, acesso e falta de ministros ordenados) foram sendo “esquecidas” pela Igreja. A proposta de entender a paróquia ou a Igreja como povo de Deus, ressalta a importância do leigo como verdadeiros discípulos missionários de Jesus, como o Documento de Aparecida nos apresenta, deixando de ser uma Igreja clerical, mas do povo (LG 9-13).

O conceito de paróquia não está associado apenas ao lugar do encontro (casa), nem em ser comunidade de comunidades como o Doc 104 da CNBB nos fala. Além disso, ela é o lugar da vivência, do serviço, da missão e da evangelização. Talvez o grande desafio enfrentado nestes últimos tempos é superar o comodismo, o

indifferentismo, individualismo que deixa de lado a finalidade que cada uma delas oferecem que é a comunhão.

Sendo assim, muitos agentes de pastorais ou até mesmo pessoas consagradas caem em um determinado individualismo que gera relaxamento ao se ocupar com seus próprios interesses. Esse tipo de atitude não dá espaço para aquilo que é comum, pois pode gerar um determinado desgaste pastoral deixando em falta uma boa evangelização (EG 78).

Cabe-nos alguns questionamentos que, diante dessa afirmativa trazida pela exortação apostólica do Papa Francisco, precisamos refletir: Como manter um equilíbrio espiritual diante de tantas atratividades geradas por este mundo globalizado em que o egoísmo é apresentado dentro do âmbito religioso? Como vencer as barreiras da frieza espiritual buscando se assemelhar a Jesus? Qual o remédio para o individualismo que afasta e divide as ações pastorais entre os fiéis católicos?

Talvez nos falte perceber que nos afastamos uns dos outros e precisamos reconhecer que é preciso um contato pessoal e comunitário com a pessoa de Jesus e sua Palavra. Esse afastamento proporciona fragilidade e longe da Palavra de Deus não temos direção. Para isso, é necessário aproximarmo-nos daqueles que procuram nos integrar através da catequese, dos evangelhos, da comunidade cristã e aproximarmo-nos da verdadeira comunhão encontrada na Igreja.

4.1.4 Santuário

A dimensão eclesiológica proporciona diversos fatores que nos permite compreender o sentido de ser Igreja, que é constituída de pessoas, mas também é um lugar de encontro, de partilhas, de escuta da Palavra e diversas ações pastorais que fazem parte do seu cotidiano.

Não obstante, vemos nesta configuração, os santuários, um lugar que exige de nós uma reflexão sobre seu conceito e suas determinações. No Brasil, existem vários santuários, cada um com suas realidades e formas de expressar a fé de maneira única, atraindo diversos peregrinos de todos os lugares.

Sobre o conceito de santuário, o Código de Direito Canônico - CDC (Cân. 1230) fala-nos que “sob o nome santuário, entende-se a igreja ou lugar sagrado, onde os fiéis em grande número, por algum motivo especial de piedade, fazem peregrinações, com a aprovação do ordinário local”.

Seguindo a mesma conceituação, o Diretório sobre Piedade Popular e Liturgia (2003, nº. 264) e Pulga (1999, p. 5) reproduzem a mesma transcrição do Direito Canônico. No entanto, Beckhäuser (2007, p. 21) revela-nos que “os santuários são manifestações do mistério de Cristo”.

É evidente que para os santuários receberem esse título é necessário passar por uma devida aprovação da Igreja. O Diretório Sobre a Piedade Popular (2003, nº. 264) faz-nos este esclarecimento:

A condição prévia para que um lugar sagrado seja canonicamente considerado santuário, diocesano, nacional ou internacional é a aprovação do Bispo diocesano, da Conferência dos Bispos e a Santa Sé respectivamente. A aprovação canônica é um reconhecimento oficial do lugar sagrado e da sua finalidade específica, que é acolher as peregrinações do povo de Deus que para aí se dirige a fim de adorar o Pai, professar a fé, reconciliar-se com Deus, com a Igreja e com os irmãos, e implorar a intercessão da Mãe do Senhor ou de um Santo.

Pulga (1999, p. 5), por sua vez, refletindo sobre a realidade e a vida do santuário no documento, diz que: “o *pontifício conselho para a pastoral dos migrantes e itinerantes* nos fala que o santuário deve ser por excelência “a tenda do encontro”, como a bíblia fala, tabernáculo da aliança. Acrescenta que: “o significado profundo de todo santuário é recordar na fé a obra salvífica do Senhor” (p.11).

Por outro lado, quando Beckhäuser (2007), ao mencionar sobre a vida dos santuários, procura salientar que cada um tem sua particularidade que o representa, principalmente quando se refere aos santuários marianos.

Cada santuário tem, pois, uma mensagem que o caracteriza. Cada santuário tem uma situação geográfica determinada por acontecimentos históricos, situação topográfica e outros elementos. Pensemos nos Santuários de Nossa Senhora sob os diversos títulos que na prática proclamam os diversos aspectos do Mistério da Salvação, pois Nossa Senhora faz parte do Mistério de Cristo (BECKHÄUSER, 2007, p. 27).

O santuário é o lugar do encontro pessoal com o Senhor. Por ser um santuário dedicado à Nossa Senhora, o documento diz que: “os santuários marianos oferecem uma autêntica escola de fé sob o exemplo e a intercessão materna de Maria (PULGA, 1999, p. 7).

Antes de qualquer suposição, encontramos nessa referência alguns cuidados e finalidades que precisam ser bem definidas, pois o desafio da evangelização está

nos grandes entraves compostos pela falta de clareza da fé. Nessa afirmação, o santuário deve ser o lugar onde aprendemos a viver a fé.

Diante disso, o Diretório da Piedade Popular (2003, nº 275) ressalta a afirmação de Pulga reafirmando que:

Muitos santuários são efetivamente lugar de difusão do Evangelho: nas formas mais variadas, a mensagem de Cristo é transmitida aos fiéis como advertência à conversão, convite ao seguimento, exortação à perseverança, lembrança das exigências da justiça, da palavra de consolação e da paz.

O santuário não é apenas um lugar de visitação, de turismo religioso, de estrutura monumental, de fachadas arquitetônicas, mas primeiramente deve ser o lugar onde encontramos o nutriente para uma fé madura nos preparando para a missão ao modo de como assumimos nossa ação pastoral (PULGA, 1999).

Beckhäuser (2007) faz uma crítica àqueles que vão aos santuários com finalidades específicas que não agregam a dimensão do valor orativo ou espiritual, pois seus interesses são inerentes à dimensão da graça que podem alcançar.

Pela tradição catolicismo popular ou do catolicismo tradicional, o povo vai aos santuários mais em busca de bênçãos, ou de 'pagamento' de promessas, depois de ser atendido no seu pedido de graça, de bênção. Trata-se do pobre, do desvalido, em busca de satisfação em suas necessidades básicas, como a vida, o alimento, o emprego, a saúde, a paz e a concórdia em sua vida familiar. O nosso peregrino vai aos santuários, em geral, em busca de milagres (BECKHÄUSER, 2007, p. 67).

Trazendo presente o contexto histórico, no Antigo Testamento, principalmente, no livro de Reis, capítulo 8,1s relembra o templo de Jerusalém, onde continha em seu seio a Arca da Aliança. Era um lugar "santo" por excelência para o povo Hebreu, onde a Arca relembra a aliança que Deus faz com seu povo e continua fazendo ao longo da história (PULGA, 1999).

O contexto histórico de expressar um lugar ou um templo como santuário surge dessa conotação. O lugar santo é o lugar onde Deus habita, ou seja, o santuário de Deus. Pulga (1999, p. 9) diz-nos que "a Igreja, apresenta-se assim sobretudo como "templo santo, representado de modo visível nos santuários".

Quando falamos de lugar, o santuário faz-nos compreender que, no aspecto pastoral, acontece toda ação da Igreja e conseqüentemente a conversão humana. O

santuário é o lugar onde acontece o mistério de Deus através dos diversos sinais realizados.

Beckhäuser (2007) diz que o santuário é o lugar da Aliança; o lugar da palavra de Deus; o lugar da comunhão eclesial; o lugar do encontro com Deus na oração; o lugar de Maria. O lugar dimensionado pelo autor expõe um acontecimento, uma ação, seja ela simbólica ou prática.

O Diretório sobre a Piedade Popular e Liturgia vai mais além e fala-nos que: o santuário é o lugar das celebrações culturais (nº 265); o santuário é o lugar da evangelização (nº 274); o lugar da caridade (nº 275); o lugar da cultura (nº 276); o lugar do compromisso ecumênico (nº 277).

Como percebemos, tanto Beckhauser como o Diretório sobre Piedade popular apresentam-nos lugares que expressam o sentido próprio do ser santuário. Não são meros lugares, mas ações que fazem do santuário espaços dinâmicos que promovem a vida, o diálogo, a conversão, enfim, a fé.

Pulga, por sua vez, ressalta alguns elementos citados pelo Diretório e por Beckhauser, porém, acrescenta que o santuário é o lugar da presença divina e do encontro sacramental.

Os santuários, lugares em que o Espírito fala também através da mensagem específica ligada a cada um deles e reconhecida pela Igreja, são também lugares privilegiados das ações sacramentais, especialmente da Reconciliação e da Eucaristia, nas quais a Palavra encontra sua mais densa e eficaz atuação (PULGA, 1999, p. 30).

Apesar de muitas vezes ser subjugados, pelas diversas expressões manifestadas no santuário, não devemos deixar de lado a importância oferecidas e as riquezas de fé que lá encontramos. É um lugar onde acontece essas ações pastorais, espirituais e sacramentais, assim, os santuários marianos não estão à margem dessas manifestações. Eles continuam atuando na mesma dimensão, pois, como diz Beckhauser (2007, p. 62), “o santuário, também, é o lugar de Maria”. Sendo o santuário o lugar da aliança, Deus continua fazendo uma aliança com seu povo, porém, sua presença é revelada e anunciada por Maria, muitas vezes, trazendo em seus braços o menino Jesus, outras vezes guardando tudo em seu coração (Lc, 2,16-21).

No Santuário de Nossa Senhora Aparecida, em Manaus, à luz do que mencionamos, o mistério divino acontece pela participação nos sacramentos, nas

celebrações, no acolhimento, como nas diversas simbologias e expressões de fé revelada pela devoção. A dimensão desse mistério acontece através da mensagem revelada por um fac-símile, de um quadro milagroso de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro. No quadro, encontramos o mistério da redenção. É a mensagem trazida através da pintura e sua finalidade é a salvação que Deus quis trazer para seu povo.

Além do sacrifício eucarístico diário, o Sacramento da Reconciliação, escuta e partilha da Palavra, entre várias outras ações, o ícone de Nossa Senhora é uma expressão que atrai os devotos a estarem no santuário que leva o título mariano. Assim, podemos reafirmar que o santuário é o lugar da devoção.

O cân 1234 do Código do Direito Canônico, por sua vez, dá seu posicionamento ressaltando, principalmente, aquilo que parte da devoção popular desde que sejam aprovadas pela Igreja.

Nos santuários ofereçam aos fiéis meios de salvação mais abundantes, anunciando com diligência a Palavra de Deus, incentivando adequadamente a vida litúrgica, principalmente com a Eucaristia e a celebração da penitência, e cultivando as formas aprovadas de piedade popular.

Para os santuários, o aspecto pastoral precisa ser bem direcionado e, ao mesmo tempo dinâmico, pois surgem situações que precisam serem observadas, tendo em vista que a participação popular é diversa. Dessa forma, é necessária uma pastoral que atenda as urgências que se apresentam sem deixar de fora aquilo que é essencial, a sua identidade.

Em suma, diante de tantas ações e expressões trazidas no ambiente dos santuários, jamais se deve deixar de lado a finalidade principal própria de todo santuário que é a celebração do sacrifício, do culto divino, da evangelização e, também, das ações caritativas. As ações pastorais do santuário devem estar sempre em sintonia com a proposta devocional do lugar, pois antes de qualquer ação prática é necessário cuidar espiritualmente daqueles que vêm com suas fragilidades humanas. O santuário deve ser sempre o lugar da conversão.

4.1.5 Santuário de Nossa Senhora Aparecida: movimento histórico e adaptações pastorais

Anteriormente, fizemos uma abordagem sobre os santuários, suas concepções conceituais, suas dimensões de ações pastorais. Além disso, mencionamos que o

santuário é lugar da Aliança, dos sacramentos, da escuta da Palavra, do mistério de Deus e outros lugares, próprio das expressões simbólicas, teológicas e devocionais.

Neste tópico, procuraremos dimensionar nosso olhar, especificamente, ao Santuário de Nossa Senhora Aparecida, sua dimensão histórica como também as adaptações pastorais sofridas desde o processo que direcionou para que chegasse a essa categoria.

Mencionávamos que para um determinado lugar vir a ser constituído como santuário é necessária a aprovação do ordinário local. É o bispo que avalia e estuda a possibilidade que este lugar ou Igreja seja considerado como santuário. Em uma possibilidade que vai além das fronteiras do ordinário local, quando se refere aos santuários, o CDC (cân. 1231) nos diz que: “Para um santuário possa dizer-se nacional, deve ter a aprovação da Conferência dos Bispos; para que possa dizer-se internacional, requer-se a aprovação da Santa Sé”.

Para o santuário de Nossa Senhora Aparecida em Manaus, que é um santuário em nível de arquidiocese, ou seja, santuário local, bastou a aprovação do bispo arquidiocesano para que essa erigição entrasse em vigor. Trazemos presente o decreto que configura a Paróquia de Nossa Senhora Aparecida, também, como Santuário Arquidiocesano da Igreja de Manaus:

DOM LUIZ SOARES VIEIRA

Por mercê de Deus e da Santa Sé Apostólica
Arcebispo Metropolitano de Manaus

DECRETO

EREGINDO O SANTUÁRIO ARQUIDIOCESANO DE NOSSA SENHORA APARECIDA

Atendendo o pedido da **Missão Redentorista do Amazonas, Vice-Província de Manaus, a Congregação do Santíssimo Redentor** e examinado os motivos da petição: a grande afluência de fiéis ao templo e o constante trabalho pastoral ali exercido pelos missionários Redentoristas proporcionando uma renovação da piedade popular Mariana, havemos por bem criar, como de fato criamos, o “**SANTUÁRIO ARQUIDIOCESANO DE NOSSA SENHORA APARECIDA**” a teor dos cânones 1230, 1232 e 1234 do Código do Direito Canônico.

De acordo com os deferidos cânones, mandamos que sejam elaborados e, posteriormente por nós aprovados, os estatutos nos quais se estabeleçam a finalidade e a autoridade de Reitor. Conforme nossa vontade, será o próprio Pároco o Reitor do Santuário.

Queremos que o referido Santuário seja um centro de renovação espiritual, através da conversão, oração e do perdão.

Dando e passando nesta Arquidiocese cidade de Manaus, sob o Nosso Sinal e Selo de Nossas Armas aos 12 de outubro de 2007.

E eu, *Pe. Mauro Cleto*, chanceler do Arcebispo, o subscrevi.

Dom Luiz Soares Vieira
Arcebispo Metropolitano de Manaus.

No decreto, vemos as finalidades específicas que viabilizaram esse processo e que instituiu a Igreja de Nossa Senhora Aparecida como Santuário arquidiocesano. Sendo assim, compreende-se que a igreja matriz da Paróquia de Nossa Senhora Aparecida é Santuário.

A MEMORIABILIAN (2020, p. 91), da Vice Província de Manaus, ressalta esta informação reafirmando aquilo que o próprio decreto já assegurava:

No dia 12 de outubro de 2007, Dom Luiz Soares, Arcebispo da Arquidiocese de Manaus, por ocasião da festa da padroeira, proclama a elevação da Igreja Nossa Senhora Aparecida à categoria de Santuário Arquidiocesano de Manaus. Nesta mesma cerimônia padre Valter de Oliveira Freitas, CSsR assume a função de pároco e reitor do santuário como o decreto prescreve.

O santuário de Nossa Senhora Aparecida surge da realidade paroquial da paróquia de Aparecida. Isso quer dizer que ambos ocupam o mesmo espaço. Dessa forma, podemos dizer que a estruturação e organização do santuário e da paróquia de Aparecida podem causar impasses? Até quando é ação paroquial, ou até quando é ação do santuário? Qual o ponto de ligação que une essas duas nomenclaturas?

Primeiramente, Beckhauser (2007, p. 117) dá-nos um parecer sobre esta relação que existe entre essas organizações eclesiais:

Os santuários são expressões de profunda experiência religiosa que devem conviver harmoniosamente com as comunidades paroquiais. As comunidades paroquiais expressam mais a Igreja institucional ao passo que os santuários estão mais na linha da Igreja pneumática. Nas comunidades paroquiais os fiéis vivem a rotina da vida cristã, enquanto nos santuários se vivem momentos extraordinários.

A ação evangelizadora da Igreja faz parte de todo batizado, seja dentro do contexto de comunidade ou de expressões populares como as devoções. A missão é comum para todos, porém, o dia a dia vai diferenciando as atividades relacionadas

àquilo que acontece nas paróquias como nos santuários. Vemos, a partir dessa contribuição, alguns elementos que vão diferenciando a ação pastoral do santuário com a paróquia.

No que tange ao santuário de Nossa Senhora Aparecida em relação à paróquia de Aparecida, dois aspectos servem como ponto de ligação: o primeiro é o templo, ou seja, a sede da paróquia de Aparecida é Santuário; o outro aspecto está na figura do pároco, pois, segundo o próprio decreto recorda-nos, “conforme nossa própria vontade, será o próprio pároco o reitor do santuário”. Dessa forma, o pároco responde tanto pela paróquia quanto pelo santuário.

No que se refere à paróquia de Aparecida, a data de instituição é confusa, segundo as fontes pesquisadas, por exemplo, no livro: Redentoristas na Amazônia de Muckerman (1993), quando nesta obra fala sobre os primeiros 50 anos de presença redentorista, alega que a paróquia foi criada no dia 7 de setembro de 1943. Por outro lado, Paiva (2017) menciona que a criação da paróquia acontece aos 9 de setembro de 1944.

Uma terceira fonte, encontrada no Estatuto do Santuário, fala que a paróquia deu-se aos 30 de janeiro de 1944. Dessa forma, não temos um dado preciso que comprove o dia e o ano exato desse marco histórico, mas tudo indica que Muckerman tinha razão quando disse, no dia 07 de setembro daquele referido ano, justamente por causa da festa da padroeira do Brasil, data em que era celebrada.

Esses dados são um resgate histórico para percebermos o tempo necessário em que a Paróquia de Nossa Senhora Aparecida com seu dinamismo missionário e pastoral viesse a ser considerada santuário arquidiocesano na cidade de Manaus. Esse processo histórico é resultado de um dinamismo pastoral decorrendo dos padres Redentoristas americanos que implantaram na paróquia a Novena de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro.

As questões pastorais são o elemento principal para que determinado lugar possa ter uma visibilidade religiosa e social. Sendo a pastoral como mecanismo de ações evangelizadoras para qualquer paróquia, para o santuário não é diferente.

Brighenti (2021, p. 43) na sua obra “Teologia Pastoral, a Inteligência reflexiva da ação evangelizadora nos fala que a pastoral é o ser da Igreja e a ação presente do reino de Deus no mundo.

Trata-se de uma missão que, entretanto, não é extrínseca ao ser, ao contrário, como comunidade pneumática é extensão de sua essência missionária – ‘ai de mim se não evangelizar’ (1 Cor 9,16). A pastoral é, portanto, constitutiva do ser da Igreja, que se expressa em seu atuar. É em seu atuar que a Igreja plasma sua identidade e vai tecendo seu ser dinâmico, enquanto prolongamento da experiência pascal.

Libânio (1982, p. 12), quando relaciona a teologia com a pastoral, revela-nos que, antes de qualquer conceito teológico, precisamos levar sempre em consideração a finalidade que o sentido teológico quer trazer-nos. Para isso, a teologia precisa estar sempre a serviço da pastoral, do agir da Igreja e da prática eclesial.

Além de qualquer experiência teológica, a ação da Igreja sempre deve proporcionar aos fiéis um cuidado que vise a uma lucidez espiritual, mas, acima de tudo, uma atitude humanizadora. Nos santuários, com o olhar da fé, aprendemos e sentimos, através do lugar, o diferencial acontecendo em nossas vidas.

Sendo a pastoral o agir da Igreja e, conseqüentemente, dos santuários, as diversas e expressivas peregrinações e caminhadas para os santuários do Brasil e do mundo revelam o sentido que move os fiéis a irem ao encontro do mistério de Deus apresentado naquele lugar. Superando qualquer experiência obtidas em suas igrejas particulares, os fiéis veem nos santuários um sentimento inexplicável.

O DAp dá ênfase a essa expressão sentido pela experiência de cada peregrino quando vai a esses espaços sagrados:

A decisão de caminhar em direção ao santuário já é uma confissão de fé, o caminhar é um verdadeiro canto de esperança e a chegada é um encontro de amor. O olhar do peregrino se deposita sobre uma imagem que simboliza a ternura e a proximidade de Deus. [...] Nos santuários muitos peregrinos tomam decisões que marcam suas vidas. As paredes dos santuários contêm muitas histórias de conversão, de perdão e de dons recebidos que milhões poderiam contar (DAp 259, 260).

O sentimento por estar naquele lugar invade o coração do fiel e a certeza de um novo recomeço proporciona uma mudança de vida. A realidade causada pelo Santuário reflete no peregrino a experiência do divino. São várias as experiências vividas marcadas plenamente na vida de cada fiel.

Referente ao Santuário de Nossa Senhora Aparecida, com o processo de erigição e a elaboração do Estatuto, foi preciso algumas adaptações, acima de tudo, em nível de organização nas questões litúrgicas, sacramental e celebrativa. A pastoral do santuário tem uma particularidade que a diferencia do contexto da paróquia.

Um dos primeiros aspectos de adaptação na mudança de paróquia para santuário provém da elaboração de um estatuto, no qual devem ser determinados principalmente a finalidade, a autoridade do reitor, o domínio e a administração dos bens CDC (cân. 1232).

Apesar de não aparecer essas diferenças, pois o pároco é reitor do santuário, elas não limitam a particularidade daquilo que é o santuário, pois grande parte dos santuários têm conotação mariana e sua grandeza acontece a partir da devoção.

Relacionado aos lugares santos, como são identificados os santuários, também algumas comunidades paroquiais, o Diretório sobre a Piedade Popular e Liturgia (2003, nº 26) menciona que:

Assim como na igreja, a piedade popular tem espaço expressivo de relevo no santuário - que nem sempre é uma igreja -, frequentemente diferenciado por peculiares formas e práticas de devoção, entre as quais a mais conhecida é a romaria.

Há várias formas de devoção. A peregrinação ou as romarias são próprias da ação pastoral dos santuários. Quando acontece esses momentos celebrativos, seja pelas romarias ou peregrinações, a identidade do santuário é vista a partir daquilo que o representa, seja pela devoção à virgem Maria, seja pela simbologia do divino.

No Santuário de Aparecida, a atividade pastoral acontece diariamente, pois a participação popular é constante. Para muitas pessoas, a ida aos santuários é uma ocasião que permite entrar em sintonia com Deus, seja na Eucaristia, na oração, no sacramento da confissão, na devoção mariana.

Esses momentos são peculiares e transformadores, pois os fiéis veem, no santuário, um lugar privilegiado que não se encontra em qualquer igreja. Assim, a máxima realização pessoal, com os objetivos alcançados, torna-se para o fiel o marco da experiência afetiva. Esses momentos, encontrados no ambiente do santuário proporcionam uma espiritualidade capaz de transformar a vida.

4.2 ORGANIZAÇÃO DO SANTUÁRIO DE APARECIDA

O santuário organiza-se para acolher o devoto nas suas diversas necessidades espirituais e sociais. Os santuários, no aspecto pastoral, tendem a uma organização que vise proporcionar ao romeiro, peregrino ou devoto uma acolhida que o envolva nas diversas dimensões oferecidas que o próprio lugar pode oferecer.

Nessas dimensões, encontramos não apenas a acolhida, mas as celebrações litúrgicas, os sacramentos, a escuta da Palavra de Deus, a vivência comunitária e várias outras ações que são promovidas e fazem do santuário um abrigo para os devotos que, muitas vezes, não encontram em suas próprias comunidades paroquiais.

O DAp (2007, nº 517), quando revela uma perspectiva da pastoral urbana, propõe um jeito diferenciado de atuação que vise a uma atenção especial às necessidades humanas, sejam nas periferias, nos hospitais, nas casas, nos excluídos ou até mesmo na própria comunidade. A Igreja precisa proporcionar e desenvolver ações que promovam a integração, a espiritualidade, a escuta da Palavra, a acolhida e a vivência fraterna.

Pulga (1999, p. 47) diz-nos que “no santuário é testemunhada a dimensão escatológica da fé cristã, isto é, a sua tensão para a plenitude do reino”. Essa dimensão, coloca o santuário numa perspectiva espiritual que dimensiona os fiéis a uma consciência evangélica para ser um diferencial no mundo.

Falar da organização do Santuário de Aparecida, em Manaus, tende a alcançar algumas linhas que nos colocam em um contexto de comunidade, ou seja, como esse contexto comporta-se nesta linha eclesiológica, pois primeiro é preciso entender que o santuário é um lugar de encontro. Ao mesmo tempo, o Santuário tenta proporcionar caminhos que possam produzir maneiras que viabilizem uma ação missionária e espiritual como parte integrante de sua identidade. Na organização do Santuário de Aparecida, colocam-se em pauta as ações que dão visibilidade à sua forma de ser, agir e sentir, dando uma resposta àqueles que chegam, principalmente, em romarias ou peregrinações para seu momento devocional, litúrgico ou sacramental.

4.2.1 Ação missionária/pastoral

A Igreja de Jesus tem a missão de levar a Boa-nova a todos os povos, principalmente os pobres. No evangelho de São Lucas (4,18-21), fala justamente da identidade do cristão, enquanto batizado, na autorrevelação de Jesus e sua missão pelo mundo.

Por dimensão missionária, entendemos a ação da Igreja no projeto de Jesus, de acordo com a realidade, o tempo e o lugar. O Catecismo da Igreja Católica, quando fala do testemunho missionário, explicita que é por meio da própria vida, ou seja, a vida dos cristãos, é o melhor testemunho de viver a missão.

A fidelidade dos batizados é condição primordial para o anúncio do Evangelho e para a missão da Igreja no mundo. Para manifestar diante dos homens sua força de verdade e de irradiação, a mensagem da salvação deve ser autenticada pelo testemunho de vida dos cristãos: 'O próprio testemunho da vida cristã e as boas obras feitas em espírito sobrenatural possuem a força de atrair os homens para a fé e para Deus' (CIC 2044).

A Igreja é missionária pela raiz da fé na pessoa de Jesus. A vivência da fé leva a Igreja a exercer com fidelidade o projeto de Jesus no mundo. O DAp (nº 31) relata que “a Igreja deve cumprir a sua missão seguindo os passos de Jesus e adotando suas atitudes. Ele, sendo o Senhor, se fez servidor; escolheu ser pobre por nós ensinando-nos o caminho de nossa vocação de discípulos e missionários”.

Não obstante, o Santuário de Aparecida assume esse papel missionário em que uma das prioridades propostas está a ação missionária e evangelizadora como parte integrante de sua ação pastoral.

O Documento Sobre a Piedade Popular e Liturgia (2003, nº 275) revela-nos que o santuário é o lugar onde o Evangelho é anunciado, de maneira ampla, para que todos possam passar pelo processo de transformação.

Muitos santuários, são efetivamente lugar de difusão do Evangelho: nas formas mais variadas, a mensagem de Cristo é transmitida aos fiéis como advertência à conversão, convite ao seguimento, exortação à perseverança, lembrança das exigências da justiça, da palavra de consolação e de paz. Não deve ser esquecida a cooperação que muitos santuários, sustentando de diversos modos as missões ad gentes, dão à obra evangelizadora da Igreja.

A dimensão missionária, no seio do santuário, atua de diversas formas, seja no acolhimento, seja no anúncio da Palavra, seja no processo de catequização. As evidências são vistas nas diversas manifestações de afetos representadas nas romarias e peregrinações.

As peregrinações constituem outra forma de atuação promovida e organizada pelos santuários, como parte da dimensão missionária. No Santuário de Aparecida, o teor das peregrinações acontece de dentro para fora, ou seja, a organização parte da própria dinâmica pastoral a determinados lugares ou cidades. Nesse processo missionário de evangelização, os santuários não devem apenas esperar a visita do peregrino, mas sair de suas estruturas para anunciar a mensagem de Jesus.

Para que aconteça a missão, é necessária a participação do missionário e sua fidelidade na ação evangelizadora ou uma nova evangelização. A Exortação

Apostólica *Evangelii Nuntiandi*, de Paulo VI, diz que a melhor inspiração vem do testemunho de nossos pregadores.

Uma evangelização nova em seu fervor (ardor): uma evangelização inspirada no fervor que se pode observar sempre na vida dos grandes pregadores e evangelizadores que se consagraram ao apostolado. [...] essa falta de fervor manifesta-se no cansaço e na desilusão, no acomodamento e no desinteresse e, sobretudo, na falta de alegria e esperança em numerosos evangelizadores (EN 80).

A missão da Igreja acontece de maneira coerente quando há seriedade dos missionários em assumir o projeto de Jesus no mundo. Mesmo que, às vezes, o problema da missão esteja na forma de como evangelizar, será sempre um desafio atual, uma vez que a sociedade continua em mudanças e é preciso acompanhá-la. Quando não se caminha com a história, limitando a evangelização a sua mesmice, o problema da evangelização será sempre o mesmo.

Apesar de caracterizar-se como um diferencial diante de algumas comunidades paroquiais, o santuário também tem seus desafios para a missão. Dentre esses desafios, pode-se citar a boa preparação do agente de pastoral, as relações de transformação e mudanças na Igreja, tanto no seu ser como na sua ação. Isso exige uma mudança de mentalidade para não limitar a ação missionária.

O processo que propõe uma transformação no jeito do agir da Igreja não acontece pela falta de conversão pastoral. Essa categoria nasce a partir de Santo Domingo, como uma Igreja que olha para seu interior. Também é resgatado o jeito de agir pela Conferência de Aparecida, mas, acima de tudo, “a Igreja entende a necessidade de uma evangelização interna” (BRIGHENTI, 2021, p. 155).

A dimensão missionária diz respeito a tudo, mas também envolve a todos os batizados. Para o Santuário de Aparecida, essa expressão de envolvimento tem uma característica maior, pois a participação dos agentes de pastoral é mais intensa, visto que estes se debruçam em finalidades comuns. Essa característica é a forma mais clara de perceber a relação que as pessoas têm com esse lugar sagrado.

4.2.2 As liturgias e a paraliturgia

Sobre a dimensão litúrgica e paralitúrgica, talvez tenhamos uma amplitude de informações principalmente relacionadas às celebrações. Ressaltamos que nem toda

celebração é litúrgica. Dessa forma, tudo aquilo que não faz parte da liturgia, conforme o que a Igreja prescreve, torna-se paraliturgia.

Por liturgia, apesar de ter passado por diversas concepções ao longo do tempo, principalmente, no sentido cultural, no sentido original, provém do grego que, traduzida ao pé da letra, significa “serviço prestado ao povo” ou “serviço diretamente prestado para o bem comum” (AUGÉ, 1996, p. 12).

Na sua organização, a liturgia procura exercer com fidelidade tudo o que é prescrito pela Igreja de modo que não permite ser alterada com implantações ou concepções diferentes daquilo que é próprio da ordem comum.

O CIC (1999) faz essa referência sobre a liturgia e o quanto a tradição tem que ser vivida e obedecida:

É por isso que nenhum rito sacramental pode ser modificado ou manipulado ao arbítrio do ministro ou da comunidade. Nem mesmo a suprema autoridade da Igreja pode alterar a liturgia ao seu arbítrio, mas somente na obediência da fé e no religioso respeito do Mistério da Liturgia (CIC 1125).

A paraliturgia, por sua vez, traz outra conotação, que atualmente é apresentada através das orações, de determinados tipos de celebração, que não tem um teor sacramental ou de ordem litúrgica na concepção da Igreja.

Vale ressaltar que o conceito de paraliturgia tem a ver com atos de piedade popular, conforme o excerto a seguir:

Chama-se ‘paraliturgia’ a uma celebração paralela à liturgia: uma celebração piedosa que não pertence propriamente ao que a Igreja chama de liturgia (sacramentos, Liturgia das Horas, sacramentais etc.), mas que se lhe assemelha na sua estrutura e textos. Durante alguns anos, deu-se esse nome ao que hoje se prefere chamar “atos de piedade” (cf. SC 13): a via-sacra, o rosário e outros (ALDAZÁBAL, 2013, p. 277).

Dessa forma, esse termo é usado para expressar diversos atos ou ações da manifestação popular que não é caracterizada e reconhecida pela liturgia. Muitas paraliturgias assemelham-se à liturgia ou buscam até fonte nela, mas, mesmo assim, trazem esse diferencial de práticas da devoção popular.

Dentro dessa dinâmica, buscaremos perceber, no âmbito religioso da ação pastoral do santuário de Nossa Senhora Aparecida, as celebrações próprias de cunho litúrgico e as paraliturgias que predominam, de maneira constante, como manifestação da expressão de fé do santuário.

a) Celebrações litúrgicas

Quando falamos das celebrações litúrgicas, estamos mencionando os sacramentos reconhecidos e autenticados pela Igreja que não podem sofrer alterações no modo de ser celebrado. Para o Santuário de Aparecida, manter a dinâmica da liturgia em seu sentido próprio é situar-se naquilo que a Igreja orienta em seu pleno sentido estrutural.

Não é apenas uma celebração; são celebrações que têm uma estrutura, um valor, uma finalidade e uma referência. A *Sacrosanctum Concilium* revela que a pessoa de Cristo, de fato, é a centralidade em cada celebração litúrgica na e da Igreja.

Portanto, qualquer celebração litúrgica é, por ser obra de Cristo sacerdote e do seu Corpo que é a Igreja, ação sagrada por excelência, cuja eficácia, com o mesmo título e no mesmo grau, não é igualada por nenhuma outra ação da Igreja (SC 7).

A centralidade de qualquer ato celebrativo da Igreja é o próprio Cristo. Nesse aspecto celebrativo, o Santuário de Aparecida dispõe das diversas expressões litúrgicas que a Igreja recomenda. Vemos os grandes desafios que um santuário mariano pode enfrentar se não houver uma verdadeira catequese de orientação sobre o que a liturgia determina.

A ausência de uma formação específica pode causar impasses diante daquilo que é celebrado, pois o que está sendo celebrado pode confundir os fiéis sobre o que é litúrgico ou paralitúrgico. Grande parte dos fiéis não compreende esse diferencial, causando um misto de ações que descaracterizam aquilo que a Igreja orienta. Os santuários precisam ser uma escola da fé que direciona os peregrinos a uma boa concepção do que é recomendado ou não no campo litúrgico.

Na dimensão litúrgica, a Eucaristia é o centro da fé, todavia, os santuários são os lugares onde acontece o sacrifício eucarístico que rege o sentido de ser Igreja. Na ação de graças proposta pela liturgia, realiza-se o sinal de Deus presente no meio do povo. Esse sinal deve ser sempre de unidade entre os fiéis batizados.

A celebração da Eucaristia é o ápice e o fulcro de toda ação pastoral dos santuários, por isso, deve-se colocar a máxima atenção nela, para que seja exemplar no desenvolvimento ritual e leve os fiéis ao encontro profundo com Cristo (DPPL 268).

A Eucaristia proporciona unidade e esta unidade acontece nos diversos momentos da vivência comunitária. Em muitas ocasiões, podem acontecer situações em que pessoas ou grupos buscam celebrações eucarísticas em paralelo com as específicas das comunidades. Esse tipo de atitude fere a dignidade da comunhão que reúne, de maneira plena, os chamados ao banquete a participar do mesmo pão e do mesmo vinho.

Neste sentido, o Santuário de Aparecida dispõe de missas diárias para que o sacrifício eucarístico seja oferecido a todos que buscam, evitando momentos à parte aquilo que é próprio da comunhão plena. “A Eucaristia é o memorial da Páscoa de Cristo, a atualização e a oferta sacramental de seu único sacrifício na liturgia da Igreja, que é o corpo dele” (CIC 1362).

A vivência eucarística proporciona a revitalização da fé em Jesus que é oferecida pela Igreja. Assim, todo fiel busca, na Eucaristia, o fundamento necessário para esse resgate memorial ao participar da santa missa.

A dignidade da santa missa é concedida a todo fiel católico, de modo diário, ou pelo menos, seguindo o preceito dominical, pois “o domingo [...] deve ser guardado em toda Igreja como o dia de festa de preceito por excelência.” Ademais, “no domingo e em outros dias de festa de preceito, os fiéis têm a obrigação de participar da missa” (CIC 2192).

Outra celebração litúrgica que é vivenciada pelo santuário, de maneira diária, principalmente de maneira individual, é o sacramento da reconciliação. O perdão é o gesto mais expressivo de como Deus continua a revelar seu imenso amor por nós. Existem várias formas de falarmos desse sacramento como: sacramento da reconciliação, da confissão, do perdão, da penitência.

Todas essas formas de falar desse sacramento leva a um único objetivo, a absolvição dos pecados e a mudança de vida. O santuário de Aparecida é o lugar da Reconciliação, do perdão. A primeira carta de São João (1,9) faz-nos compreender que a confissão é o fundamento para receber o perdão dos pecados.

No que tange ao sacramento da reconciliação promovido pelas ações pastorais do santuário, importante ressaltar que:

O peregrino chega muitas vezes ao santuário particularmente disposto a pedir a graça do perdão e deve ser ajudado a abrir-se ao Pai, ‘rico em misericórdia (Ef 2,4)’, na verdade e na liberdade, com plena consciência e responsabilidade, de maneira que do encontro de graça brote uma vida verdadeiramente nova (PULGA, 1999, p.31).

Nesse sacramento, a plenitude da liturgia ocorre na vida do penitente de maneira amorosa. Na confissão, os confessores precisam sempre agir e orientar os fiéis a se debruçarem na misericórdia de Deus, sentindo nele um juiz passivo e bondoso.

Pulga (1999, p. 33) ressalta ainda que, dentro da dimensão dos santuários, os sacramentos da reconciliação e da Eucaristia dão uma particular dignidade a cada fiel, “pois os santuários não são lugares onde predomina aquilo que está a margem, ao contrário, é um lugar onde vai se obter a Graça divina pelos sacramentos recebidos”.

Dentre esses dois aspectos celebrativos, poderíamos colocar vários elementos próprios da celebração litúrgica. No entanto, a liturgia evade-se em muitos direcionamentos que vão de um pequeno gesto, por um ato celebrado, a um determinado canto que coloca o fiel diante daquele que é a referência da vida. As orações, por exemplo, revelam seu teor litúrgico através da Palavra do Senhor, e essa relação torna-se mais próxima.

4.3 NOVENA PERPÉTUA

A novena de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro é um referencial, ou melhor, o carro mestre para do santuário de Aparecida. É uma expressão de fé que faz parte da paraliturgia da Igreja. Essa forma de celebrar a devoção, através das novenas, atrai pessoas de diversos lugares de Manaus e das cidades vizinhas ao santuário de Aparecida.

Oliveira (S.d, p. 40) relata a maneira de como começou todo processo de organização da novena de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro.

Desde 1913, a cada terceiro domingo do mês era feita uma reza a Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, na Igreja redentorista de Saint Louis, USA. Pe. André Brower achou insuficiente para a devoção popular. Propôs realizá-la a cada quarta-feira, com um esquema simples: agradecimentos e pedidos a Nossa Senhora, bênção dos doentes, pregação e oração comunitária. Em 1922 foi criado o primeiro livrinho da Novena Perpétua em louvor a Nossa Senhora do Perpétuo Socorro. Esse título por si só é envolvente. Essa característica de ser algo perpétuo é algo que chama a nossa atenção.

Por serem os responsáveis pela divulgação da devoção, os missionários redentoristas foram pouco a pouco, no solo amazonense, organizando as celebrações

da novena de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro e essa celebração foi ganhando a graça dos fiéis.

Para Grzywcz (2016, p. 13), a maneira de ser celebrada a novena, com expressão piedosa e simples, iniciou especificamente, no dia 11 de julho de 1922, na igreja de Santo Afonso, na cidade de Saint Louis, e de lá se espalhou para vários países, inclusive no Brasil.

Na Arquidiocese de Manaus, os missionários norte-americanos que aqui chegaram (1943) trouxeram a novena de maneira organizada. Após assumir a paróquia de Aparecida, começaram a inserir no calendário de celebrações a novena perpétua.

O dia organizado para que essas novenas acontecessem semanalmente era proposto para todas as terças feiras, diferentemente do dia em que era celebrada nos Estados Unidos (quarta-feira). Assim, na Igreja de Manaus, as terças-feiras são consideradas o dia de novena.

Essa região do Brasil é riquíssima em expressões da devoção popular, principalmente, a devoção mariana. Por isso, existem várias expressões próprias da realidade do povo que são mantidas e vividas ao longo dos tempos. Algumas expressões caíram no esquecimento outros perduram até hoje e continuam de pé.

A devoção aos santos está situada no centro de críticas para algumas linhas religiosas do cristianismo, e a devoção à Maria não está de fora. Para Augé (1996, p. 329), quando se refere à devoção aos santos diz que:

O santo participa da plenitude do mistério pascal do Senhor, e a sua santidade existe em função desta participação. O que a igreja considera decisivo é a intensidade com a qual cada um dos santos viveu o mistério pascal e realizou com o Senhor a sua passagem desde mundo para o Pai.

A novena é uma forma de devoção à Maria que está no coração do povo católico da Igreja de Manaus, especificamente, no santuário de Nossa Senhora Aparecida. Nossos caminhos partem desse princípio e queremos trazer presente a celebração da novena em honra a Nossa Senhora do Perpétuo Socorro em um grau de importância para o devoto e, ao mesmo tempo, discutir o que ela pode oferecer-nos, de maneira concreta, quanto a sua espiritualidade.

Existem diversas maneiras que a devoção pode ser vivida ou apresentada, desde o rosário, aos ofícios de Nossa Senhora, os cânticos marianos ou até mesmo

as festas marianas. Neste contexto, queremos refletir sobre a novena de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro a partir do Santuário de Nossa Senhora Aparecida.

O diretório de Piedade Popular e Liturgia (2003), quando faz referência aos tempos das práticas de piedade mariana apresenta três aspectos importantes que preparam esses momentos: os tríduos, os setenários e as novenas.

Tríduos, setenários, novenas podem ser ocasião propícia não somente para dar vida a práticas de piedade em honra da bem-aventurada Virgem, mas também, para oferecer aos fiéis uma visão adequada sobre o lugar que ela ocupa no mistério de Cristo e da Igreja e sobre a função que nela exerce (DPPL 189).

Todavia, Beckhauser (2007, p. 147), quando se refere às questões da novena, relembra que elas estão presentes na tradição e em toda Igreja da América Latina, principalmente quando relacionamos às festas dos padroeiros.

A novena de Nossa Senhora é um momento propício não apenas para a preparação de uma festa, mas sua ação acontece de maneira semanal (às terças-feiras, ocorrendo de hora em hora desde às 05h da manhã às 20h da noite), com a participação maciça dos fiéis devotos.

Desde que a novena foi implantada na paróquia de Aparecida, ganhou força e espaço na vida da Igreja e na fé dos fiéis. Com o passar do tempo, centenas e milhares de pessoas comparecem na igreja de Nossa Senhora Aparecida para participar desse momento de devoção. A história revela o passo a passo desse processo e como a novena vai ganhando novos adeptos. A participação imensa de fiéis fez com que o número de celebrações chegasse aos 16 (dezesseis) horários.

Essa evolução exigiu dos missionários redentoristas muita atenção, pois o dinamismo celebrativo e a dedicação que as novenas exigiam era necessária uma melhor dedicação. Por isso, fez-se imprescindível uma ação pastoral que atendesse todas as necessidades das diversas expressões devocionais que surgiam nas novenas.

Toda logística dos diversos horários, por exemplo, propõe aos missionários determinado esforço para manter viva essa maneira devocional de viver a fé sem perder sua essência. A devoção mariana, como qualquer outra devoção, nasce da experiência de fé de cada povo ou cultura, e a Igreja implementa, assume, ajuda a desempenhar, de maneira mais regrada, as celebrações ou momentos devocionais.

A novena de Nossa Senhora sela esse sentimento, trazido por diversos fiéis, que põem, de maneira prática e devocional, seu direcionamento e pedidos “aos pés” do ícone. A celebração, por si só, não tem nada de extraordinário ou místico. Toda dinâmica celebrativa expressa a maneira comum, evidencia o modo de rezar do povo e deve ser respeitada. A propósito disso, é importante ressaltar que:

A atitude fundamental deverá ser a de respeito e de simpatia. Não se pode rejeitar simplesmente as expressões da religiosidade popular por “não litúrgicas”. Pelo contrário, importa participar delas, respeitá-las como tais, sem acentuar a dicotomia ou o paralelismo entre liturgia e religiosidade popular. Também elas são expressões de culto eclesial (BECKHOUSER, 2007, p. 150).

A forma comunitária de celebrar expressa, através das orações pessoais, as intenções e necessidades de um povo sofrido. A fé, colocada diante do ícone de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, é uma fé que brota do coração, mesmo que, muitas vezes, esse ícone seja discriminado pelos liturgos ou fundamentalistas.

Além de uma ação simbólica e devocional, a novena de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro tem finalidades que vão muito além da devoção, pois não envolve apenas aspectos de mariologia nem uma ação cristológica, a novena colabora com a ação evangelizadora da Igreja. Por certo, mais do que devoção, a novena é um espaço de evangelização.

A novena perpétua é um espaço de evangelização em que nossa principal colaboradora é aquela que nós denominamos a estrela da nova evangelização. Como diz o Papa Francisco: ‘Há um estilo mariano na atividade evangelizadora da Igreja. Porque, sempre que olhamos para Maria, voltamos a acreditar na força revolucionária da ternura e do afeto’ (GRZYWACZ, 2016, p. 13).

Além de orações, pedidos e interseções, os devotos procuram em Maria uma ternura que somente podemos encontrar nos braços acolhedores de quem sabe dar o verdadeiro afeto maternal. As dores e os sofrimentos causados pelas injustiças sociais, o abandono, a perda de afeto e o carinho, são aliviados por Maria, esse preenchimento é capaz de atenuar os sofrimentos vividos. Assim, a novena torna-se o refúgio daqueles que buscam alívio e segurança diante das aflições.

O santuário de Nossa Senhora Aparecida é um lugar de celebrações diárias, sejam de cunho litúrgico ou paralitúrgico. Diversos fiéis têm uma aproximação, de modo prático, pois, ao se direcionarem para a igreja, saberão que encontrarão as

portas abertas, onde poderão fazer suas orações e meditações, o momento e o tempo que for preciso e lá se debruçam sobre a gratuidade do amor de Deus.

Nos diferentes momentos da luta cotidiana, muitos recorrem a algum pequeno sinal do amor de Deus: um crucifixo, um rosário, uma vela que se acende para acompanhar um filho em uma enfermidade, um Pai Nosso recitado em lágrimas, um olhar entranhável a uma Imagem querida de Maria, um sorriso dirigido ao Céu em meio a uma alegria singela (DAP 261).

A novena perpétua tem essas mesmas expressões, pois comove e envolve os fiéis a um compromisso de amor com Maria e seu Filho Jesus. São devotos que revelam seu jeito particular de ser, de perfis singulares, de ações individuais, mas também são fiéis que se rendem de maneira iguais ao ato celebrado.

Essa comunhão revela um jeito próprio de expressar a grandeza da novena, pois ela não é direcionada a uma classe social ou é seletiva a poucos. De fato, ela é uma manifestação popular, onde todos de igual modo podem sentir e viver a grandeza de toda celebração.

Não é uma novena restrita a uma cultura; é uma celebração que alcança além das classes sociais, rostos e realidades espalhadas pelo mundo inteiro. Nessa dimensão plural da devoção à Maria, na realidade da novena perpétua, devemos trazer presente sua “universalidade” que tende a existir na vida e na realidade do povo em qualquer igreja ou lugar, isto é:

É um modo de rezar, contínua e comunitariamente, a Nossa Senhora em união com o mundo inteiro, pois cada região escolhe o seu dia da semana, e a cada hora, em alguma parte do mundo, haverá sempre uma igreja ou capela na qual se celebra essa novena. É um meio de você viver, em sua própria paróquia, uma vida de comunidade e de igreja, junto com os irmãos e irmãs, como discípulo missionário do Senhor (GRZYWACZ, 2016, p. 13).

Na vida do devoto, a novena deve proporcionar uma unidade capaz de transformar seu jeito de sentir e viver a fé. É evidente que cada pessoa pode fazer sua novena de maneira particular perante o ícone de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, pois não existe nenhum erro que reduza sua importância, porém, ela tem mais vigor, aceitação quando é promovida de maneira comunitária. A novena é uma celebração comunitária.

A unidade na oração, dos louvores, da contemplação, gera aceitação, pois “onde dois ou três estiverem reunidos em meu nome, eu estarei no meio deles” (Mt

18,20). Toda manifestação celebrativa proposta pela novena é experimentada de maneira conjunta.

Na Arquidiocese de Manaus, por ser um campo pastoral amplo, a igreja alcança vários municípios em sua geografia. O que nos surpreende é ver que existem realidades e culturas diferentes, desde o povo caboclo às diversas miscigenações. No entanto, quase todos esses ambientes carregam consigo os aspectos da devoção mariana e a beleza dessa devoção nas celebrações da novena perpétua.

A devoção e o culto à Maria são revelados no imaginário cultural de cada ambiente cristão, mas têm início na vivência de fé das primeiras comunidades, após a ressurreição, quando os discípulos reuniam-se partilhando os acontecimentos e trazendo o memorial da paixão. Logo, a novena proporciona um sentimento que atrai homens e mulheres de todos os lugares e cidades ao santuário de Nossa Senhora Aparecida. Essa busca tem a intenção de receber as bênçãos de Nossa Senhora, sentir seu carinho e ouvir suas orientações.

Apesar de sabermos a originalidade do ícone de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro e a ascensão de grandeza pela sua própria e história, como também, pela novena, o ícone é o objeto principal que realça a importância da devoção, principalmente para a organização da novena perpétua. Vale ressaltar que:

O ícone não é outra coisa que um quadro, originariamente destinado ao culto. Só por isso, já devia ter certas características especiais. Um quadro destinado a ser venerado não pode ser concebido do mesmo modo que um quadro cujo fim único é proporcionar gozo estético. [...] Mas ao mesmo tempo, o ícone deve distinguir-se do ídolo: imagem que é o objeto de veneração não deve confundir-se com a imagem objeto de adoração. Em contraste com o realismo exagerado, agressivo do ídolo o ícone limita-se a evocar, sugerir, simbolizar (SCHNEIDER, 2004, p. 27).

Por outro lado, em Maria vemos um diferencial, uma importância, um privilégio, uma atenção imediata às necessidades da humanidade. Pedimos sua intercessão e a veneramos, pois sabemos que sempre será nosso refúgio, “a advogada nossa”. Murad (2014, p. 123) nos fala que “na tradição católica, Maria ocupa lugar especial. A Igreja reconhece sua atuação e presença, na comunhão dos santos, como “a mais perto de Deus e a mais próxima a nós”.

Celebrar a novena é sentir esta aproximação de maneira plena, pois saudamos Jesus em Maria. Esta saudação acontece em cada oração feita, reflexões escutadas,

contemplações vividas, contato com o ícone e, acima de tudo, pelas bênçãos recebidas.

Enquanto a Igreja já alcançou na bem-aventurada Virgem essa perfeição que faz que ela se apresente sem mancha nem ruga (cf. Ef 5,27), os fiéis, porém, continuam ainda a esforça-se por crescer na santidade, vencendo o pecado; por isso levantam os olhos para Maria que refulge diante de toda comunidade dos eleitos como modelo de virtudes (LG 65).

Apesar de pensarmos que a novena é uma forma rotineira e cômoda de celebrarmos nossa fé, devemos superar qualquer tentação de repetição automática vividas nas celebrações, pois cada pessoa carrega consigo um modo particular de celebrar e viver aquele momento.

Apesar de entendermos que a devoção e, conseqüentemente, a novena tenham surgido a partir do povo e para o povo, não devemos deixar de lado o seu aspecto evangelizador. A Novena perpétua deve ser um espaço de ação evangelizadora, entendendo que a nossa principal colaboradora é aquela que traz em seus braços a imagem do próprio Filho como centralidade de nossa fé.

González (1990, p. 333) é bem claro quando faz essa ressalva a respeito da devoção, principalmente de Maria.

A Igreja evangeliza o Povo mediante a celebração litúrgica. Nesta, celebra a obra da redenção, e ao celebrá-la reconhece o lugar materno que, segundo o projeto divino da salvação, correspondeu e continua correspondendo nessa obra a Maria. Por isso, na comemoração de Maria, a Igreja dirige por ela e com ela sua oração de louvor, de agradecimento e de súplica, à Trindade Augusta.

González (1990, p. 334) esclarece que Maria tem sua importância nesse projeto evangelizador da Igreja por três motivos: primeiramente por ter uma participação fundamental no início da Igreja como Mãe; segundo porque é através da sua maternidade que se revela o modelo da Igreja e terceiro, por viver sua missão intrinsecamente ligada e testemunhada à vida de seu Filho.

Esses direcionamentos mostram-nos a importância de buscarmos como referencial o testemunho e a vida de Maria, seja através de várias práticas da devoção, todavia, a novena é o lugar da vivência concreta anunciada de maneira prática esse testemunho marial. Sua maternidade e intercessão são a forma mais íntima de ter uma relação conosco.

Em todos os lugares as pessoas rezam com confiança e fervor, pois sabem que as necessidades e urgências de nossa vida são constantes e variadas, mas a invocação do Socorro Perpétuo de Maria pode trazer alento e bálsamo aos corações feridos. Quem pede socorro é porque está em perigo e tem urgência em ser atendido. E o ícone de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro chama atenção e desperta confiança (OLIVEIRA, s. d., p. 79).

Neste sentido, o Documento de Puebla nº 282 acrescenta ainda sobre a importância de Maria nessa ação evangelizadora e diz da seguinte forma: “Maria tornou-se o grande sinal, de rosto materno e misericordioso, da proximidade com o Pai e de Cristo, com quem ela nos convida a entrar em comunhão”.

Todo e qualquer aspecto devocional, dentro da religião católica, deve sempre nos orientar com maior clareza sobre os aspectos da própria fé. Não é apenas uma celebração, ou um mero rito, pois toda e qualquer celebração tem um motivo e um contexto a ser festejado e, neste caso, a novena perpétua tem a finalidade de orientar os fiéis a exercer uma fé madura na pessoa de Jesus de Nazaré.

O DAp nº 266 reforça a importância e a grandeza de Maria como discípula do Pai e fala que “a máxima realização da existência cristã com o viver trinitário de ‘filhos no Filho’ nos é dada na Virgem Maria que, através de sua fé (cf. Lc 1,45) e obediência a vontade de Deus (cf. Lc 1,38) [...] é a discípula mais perfeita do Senhor”.

A devoção mariana ensina-nos que precisamos seguir conscientemente os ensinamentos de Cristo em cada ato celebrado, seja de maneira pública ou particular. Sua vida é sinal de obediência e disposição à vontade do Pai. Cada expressão religiosa, seja no culto, nas procissões, nas novenas, na reza do terço ou diversos elementos próprios da mariologia são fatores que alimentam a fé do povo, pois, de maneira esperançosa, colocam suas necessidades diante de sua intercessão. São pessoas que se encontram frágeis, “desesperadas”, que sofrem as consequências da vida, mas confiam que Nossa Senhora pode interceder por elas. Mesmo diante de tantas incertezas colocadas pelo mundo, não desistem de confiar e acreditar em dias melhores.

Além dos aspectos práticos contidos na novena, que nos fazem refletir sobre a prática de vida de cada fiel, trazemos em pauta alguns outros elementos que caracterizam sua importância e, dentre esses elementos, a celebração alcança valores litúrgicos, teológicos e devocionais. Todos esses valores abrem horizontes de compreensões em torno do porquê a novena é celebrada.

Em suma, celebrar a novena diante do ícone de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro é manter-se ligado à Igreja e ser orientado por ela; é tornar-se mais próximo de Maria e receber seu afeto; é ser participante do projeto divino pelo auxílio mediador de Nossa Senhora, a mãe de Jesus.

A importância da novena de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro para a vida e a prática devocional da Igreja está relacionada ao jeito particular de cada fiel quando pela novena possa sentir-se parte integrante dessa mesma Igreja como instrumento inovador e evangelizador nas ações celebrativas, pois a Igreja está alicerçada ao clericalismo sem dar a devida importância aos ministérios extraordinários.

Conclusão

A devoção mariana encontra seu lugar dentro do seio da Igreja e no coração do povo. Não é uma mera devoção que alimenta fé, pois ela encontra abrigo em todas as camadas eclesiais. A devoção atende às necessidades onde a Igreja não está presente.

As diversas circunstâncias, que agregam para uma compreensão sobre a devoção mariana e o lugar, estão representados pela Igreja. No entanto, para desenvolver ambientes onde ela se manifesta, é necessário o dinamismo pastoral para que a devoção tenha grandes proporções alcançando maior visibilidade.

O grande cuidado que a Igreja precisa ter diante das diversas manifestações próprias da piedade popular é a maneira como muitas expressões devocionais têm ganhado corpo no âmbito da fé. A beleza da devoção, seja ela mariana ou aos santos, está presente na particularidade de cada fiel, no entanto, esse também pode ser um grande risco quando a devoção vive uma estagnação às pessoas veneradas.

Toda e qualquer devoção deve sempre estar associada à pessoa de Cristo. Dessa forma, a pastoral do santuário de Aparecida no que se refere à novena ou à devoção à Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, mesmo diante das ações celebrativas, está associada à pessoa de Jesus, o Filho de Maria.

A pastoral deve proporcionar uma catequese qualificada para que o risco de confundir a devoção como única ação necessária seja superado por um bom esclarecimento teológico, seja na liturgia da Palavra, na Eucaristia, seja na vivência da comunidade, seja nos santuários. Com efeito, a clareza da fé deve sempre estar

identificada à forma de como a Igreja tradicionalmente e historicamente vem anunciando o ressuscitado.

Diante das diversas possibilidades de entender o verdadeiro lugar da devoção mariana, na ação pastoral e evangelizadora do santuário de Aparecida, ousamos dizer que é na piedade popular que identificamos sinais onde encontramos a presença do Redentor. Jesus é aquele que caminha e está no meio do povo nas suas diversas manifestações.

5 A NOVENA DE NOSSA SENHORA DO PERPÉTUO SOCORRO: SINGULARIDADES E HORIZONTES TEOLÓGICOS, PASTORAIS E ESPIRITUAIS

A novena de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, carrega a grandeza de detalhes e expressões religiosas que alimenta o jeito próprio de muitos católicos exporem a sua fé. São riquezas que surgem da própria piedade popular, sendo elas reconhecidas pela Igreja ou não.

A Igreja, por sua vez, refletindo sobre expressões religiosas procura orientar os fiéis dando sentido à forma da devoção que é vivida, não deixando ser deturpado ou banalizado o que está em vista do sagrado. Compreendemos que as expressões devocionais existem nas diversas esferas da fé, ou até mesmo, da própria cultura.

Beckhauser (2007, p. 93), refletindo sobre as dimensões religiosas próprias do povo menciona que “ela é um acervo de valores que responde com sabedoria cristã as grandes incógnitas da existência”. A devoção popular, não é apenas uma expressão de fé, são valores que ajudam a compreender melhor o cristianismo.

Ressalta que essa forma de compreender a fé através da piedade do povo reflete o jeito, a maneira de como os humildes procuram buscar nas diversas expressões a relação que tem com o sagrado.

A piedade que se denomina popular é aquela proveniente das ‘classes excluídas do ter, do poder, do saber’. Sendo os seus gestos rituais, os atos de culto, as peregrinações e as festas, os relatos e as celebrações partem das ‘realidades que estas classes populares consideram como próprias e distintas das que caracterizam a religiosidade oficial ou outras classes no que diz respeito à linguagem, aos gestos concretos, à intensidade emocional e participativa’ (SOUZA, 2019, p. 13).

Nossas liturgias manifestam expressões que dão sentido àquilo que está sendo celebrado, como, por exemplo, o ato de ajoelhar-se, a imposição das mãos para as bênçãos, nas ordenações, no momento da ladainha quando aquele que será ordenado deita-se, dentre várias outras expressões que culminam para a ação litúrgica próprias da vida da Igreja.

Diante desses atos considerados litúrgicos, trazemos algumas singularidades devocionais que acontecem nas celebrações da novena de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro. Ao mesmo tempo, refletiremos sobre o uso dessas singularidades, que são realizadas de diversas formas, dando, às vezes, incoerência àquilo que é central na fé, que é a pessoa de Jesus, gerando críticas ao modo de ser manifestada.

O Documento da CNBB, “Com Maria Rumo ao Novo Milênio” (1998, p. 22), ao abordar sobre a devoção popular, parece não se importar com determinadas ações que podem confundir a centralidade da fé.

A nossa veneração a Maria aparece mais claramente na devoção popular. Essa religiosidade não tem dono, não tem chefe, nem regras definidas. Quem cria, solta-a no mundo. O povo a divulga, o povo a modifica. As devoções populares a Maria, como o terço, as novenas, as promessas, as fórmulas de consagração, as romarias, manifestações do coração. Não se movem pelas leis, mas pelo desejo de sintonizar com Maria, do jeito que o povo sabe e pode.

Precisamos entender e compreender o que os bispos do Brasil querem dizer com essa expressão de magnitude popular. Vimos que realmente a piedade ou devoção popular nasce das realidades sociais e seu domínio é claro, no entanto, precisamos colocar certas medidas para que não haja uma polarização sobre o sagrado ou na radicalidade de um pensamento fundamentalista, como se tudo fosse da vontade de Deus.

Todavia, trazemos presente algumas singularidades que precisam ser analisadas, dentro desse ambiente devocional, apresentado pelas novenas de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro. Dentre essas manifestações, refletimos sobre a entrada de joelhos, as bênçãos e as entregas das flores, dentre várias outras expressões que nascem da realidade popular e são “adequadas” às nossas celebrações.

5.1 HORIZONTES TEOLÓGICOS

Quando falamos da devoção popular, não devemos nos esquivar do estudo que fundamenta todas as questões relacionadas à religião e às evidências que dela resultam. Este estudo dá-se quando fazemos teologia. Os horizontes teológicos ensinam que a teologia é o estudo sobre Deus, e toda sua atuação, durante ao longo da história, é compreendida nas diversas formas de vivência da fé em Cristo e seguir os caminhos percorridos até hoje.

Neste mistério revelador, a partir da pessoa de Jesus, em relação com a humanidade, destacamos a encarnação como elemento central na dinâmica da

devoção cristã em Maria, que nos permite refletir sobre a teologia, a partir da experiência de fé/devoção de cada crente.

O objeto de estudo da teologia é o próprio divino. A dinâmica que leva a uma compreensão ou entendimento sobre como ter clareza desses horizontes teológicos parte da experiência de cada pessoa. Essa experiência é o princípio da fé de cada crente, ou seja, não se faz teologia sem que antes a fé seja o expoente da crença.

É essa conjunção que Boff (2015, p. 32) reflete, expondo que o elemento principal para compreensão teológica nasce da fé. Convém ressaltar que:

A fé, fonte da teologia, é naturalmente anterior a ela, quer no ponto de vista temporal, quer estrutural. Antes da teologia temos a fé; antes da inteligência, a memória; antes da reflexão, a proclamação. Na teologia cristã, a fé é o *primum*, a *archée* estrutural e estruturante.

A partir dessa compreensão, a fé é a forma determinante de se fazer teologia, concretizando as ações teológicas em cada ato religioso celebrado. A fé é uma característica individual, que abre caminhos para que o valor teológico seja integrado à própria forma de celebrar. Essa é a razão pela qual podemos celebrar a novena, compreendo o horizonte que tende buscar.

Sobre as questões teológicas da novena de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, a partir do olhar da fé presente em cada devoto, expressa sua experiência de vida percorrida ao longo do rito celebrado. As orações apresentam os direcionamentos próprios da relação filial e maternal (Jesus e Maria) com o devoto, o fiel. Além disso, vemos no ícone uma teologia própria da dimensão salvadora e os sinais da redenção.

Ao falarmos do ícone, a fonte teológica presente na novena também é contida no ícone de Nossa Senhora. É, a partir do quadro, que é expressa a riqueza da novena na sua linha estrutural e no seu modo celebrativo. Toda novena é uma ação teológica direcionada a partir da relação marial com o Filho, com o Pai e direcionada pelo Espírito Santo.

Quando celebramos a novena de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, estamos mostrando sua fonte teológica que é encontrada em Jesus. Ele é o Perpétuo Socorro de Maria. O mistério da encarnação, paixão morte e ressurreição, contidos no quadro de Nossa Senhora, mostra a grandeza teológica e o motivo pelo qual celebramos a novena.

Mais do que uma novena é uma celebração de fé, de devoção, de ação de graças, de orientação, fazendo com que o devoto viva uma experiência lúcida no louvor, de gratidão, de oração e meditação na relação íntima com Deus, recebendo sempre os auxílios de Nossa Senhora.

Por Maria, conhecemos o Deus encarnado (o Emanuel), revelando o rosto do Pai, pela ação do Espírito Santo. Celebrar a novena é entrar no estado de louvação a Deus, compreendendo que Maria sempre nos coloca mais perto Dele. Ressaltamos que não é uma novena para Maria e sobre Maria; é uma novena que nos convida a olharmos, como ela, para o próprio Deus. É uma relação comunitária com o próprio verbo, visto que:

Nosso Deus é comunidade. Ele se revelou como Pai criador, o Filho encarnado e o Espírito que dá vida e santifica. Quando proclamamos: “Maria Mãe de Deus”, afirmamos conforme o dogma que ela é *a mãe do Filho de Deus encarnado, portanto da pessoa inteira de Jesus Cristo*. Maria não se tornou deusa nem entrou na Trindade como quarta pessoa, nem é a face humana do Espírito Santo. No entanto, como Deus comunidade se oferece a nós, se comunica conosco através de Jesus e do seu Espírito, a maternidade de Maria toca cada pessoa divina (MURAD, 2014, p.139).

A relação comunitária contida na novena e toda sua organização revelam a unidade de um povo que se reúne para adorar a Deus, receber suas bênçãos e pedir a intercessão de Maria. Na caminhada cristológica, ou seja, desde a encarnação do Verbo de Deus, vemos a figura de Maria em destaque, inicialmente como aquela que acolheu, pela anunciação do anjo, a vontade de Deus em ser mãe de Jesus.

Mesmo que pudesse custar sua vida ou seu casamento, ofereceu-se como sacrário e depois como discípula (seguindo os passos de seu Filho). O seguimento é discreto, porém, atento. É aquela que permanece até o fim, e sua perseverança é exaltada, pois no flagelo da cruz Jesus concede a ela a maternidade da Igreja, sendo a mãe da humanidade, quando a entrega nas mãos do discípulo amado (Jo 19,25-27).

Na novena de Nossa Senhora, todos vêm como filhos e filhas, cheios de anseios e fragilidades, de carências e afetos, de buscas e agradecimentos. Não é simplesmente uma celebração à parte da liturgia; é um encontro entre “tantos” filhos e sua mãe.

Esse encontro transforma, muda, inspira tantos filhos e filhas a continuarem apostando, crendo, tendo esperança de um tempo novo, de uma vida melhor. Foi essa

esperança que Jesus revelou a todos, e Maria confiou, mesmo que tenha passado pelas dores de ver a crucificação de seu Filho. Essa esperança de um tempo novo ela jamais deixou de ensinar e confiar.

A base teológica da novena e toda sua estrutura, estão ligadas à pessoa de Jesus e Maria, pois ambos mostram o direcionamento que toda humanidade deve tomar. Trazemos presente Maria, pois sua finalidade é de conduzir-nos a Jesus, sendo Ele o referencial da nossa fé, mas também porque Jesus é princípio de toda ação teológica advinda do plano divino da salvação, assumindo obedientemente a vontade de Deus em reparação de nossas vidas.

Apesar de sempre colocarmos a maternidade de Maria como primícia de nossa reflexão, mesmo sendo a expressão mais característica de seu sim, precisamos compreender que Maria exerceu seu discipulado, de forma mais contundente, pois sua referência de seguidora e mulher de fé que “guardava todas as coisas em seu coração” (Lc 2, 41-51) fez em tudo a vontade de Deus.

A grandeza do ícone, as orações à Maria Santíssima, a leitura da palavra de Deus e a experiência devocional de cada fiel exalam valores e horizontes que somente são vistos, de maneira mais plena, quando celebramos a “novena perpétua” e fazemos dela um fundamento religioso de grande valor.

Todavia, dentre os diversos campos teológicos, pautados na novena que permeia desde as orações pessoais, leitura bíblica e partilha da Palavra, adoração ao Santíssimo Sacramento, e vários outros aspectos expostos nessa forma de celebrar a fé não podemos deixar de falar de um importante horizonte teológico contido nesta celebração que é a relação de Maria com seu Filho e com a humanidade

5.1.1 A novena como expressão da “Teologia da devoção” mariana

Antes de qualquer perspectiva relacionada à “teologia da devoção”, na linha da mariologia, não estamos implementando uma nova teologia, mas ressaltando aquilo que já existe a partir da piedade ou religiosidade popular como caminho de compreensão para entender uma teologia que é própria da realidade popular, que mais tarde o Papa Francisco vai nos dizer que é a “teologia do povo”.

Essa compreensão dá-se em decorrência das diversas dimensões próprias do campo teológico, pois a teologia da devoção está entrelaçada com a dimensão cristológica, eclesiológica, mariana e espiritual. Há uma ligação plena nesse campo

teológico que liga a novena de Nossa Senhora a todas as esferas da fé, numa proposta de “teologia do povo”.

a) Dimensão cristológica

No universo teológico a cristologia é muito perdurante e a reflexão sobre ela alcança um lugar de destaque, no entanto, quando se fala da devoção à Maria a cristologia ganha mais vigor. Essa concepção deve-se justamente porque não podemos falar de Jesus, sem que tocássemos sobre a encarnação no seio de Maria.

O próprio título de Maria está associado à pessoa de Cristo como Nossa Senhora do Perpétuo Socorro. O perpétuo socorro de Maria é seu próprio Filho. A compreensão teológica que determina a grandeza da devoção se caracteriza ao título de Maria.

Paredes sobressai a dimensão cristológica sem dissociar essa relação parental, mãe e Filho:

Maria é a mãe de Jesus. E o é como ponto catalizador de todo impressionante fluxo de vida que procede do Deus criador e se manifesta em Abraão, Davi... Maria é “gênese” de Jesus no conjunto de uma impressionante gênese da qual é protagonista o povo (PAREDES, 2018, p. 73).

A dimensão cristológica ou a pessoa de Jesus é apresentada por Maria desde a concepção do anjo. A relação marial com seu Filho é um elo que não foi rompido pela possibilidade de morte (traição a José) nem mesmo pela perseguição nem mesmo pela cruz. Maria, além de mãe, fez-se serva e atua como discípula e missionária de Jesus para do mundo.

Para González (1990), na compreensão cristológica, a dinâmica da evangelização aponta Maria como a principal expoente da evangelização e assume uma responsabilidade grandiosa na missão recebida.

Maria é evangelizadora da Igreja em vários sentidos: primeiro, porque historicamente participou no papel de Mãe do início da Igreja e, portanto, da evangelização das nações; segundo, porque é, por sua maternidade, modelo e figura da Igreja; terceiro, por sua vida evangélica, que é um testemunho vivo da doutrina de seu Filho (GONZÁLEZ, 1990, p. 334).

Nesse propósito de entender sobre a cristologia, encontramos em Maria uma referência de verdadeira “cristóloga”, pois somente ela sabe falar sobre seu Filho para

a humanidade. Portanto, sua importância atrai veneradores e expõe sua fidelidade ao seu projeto de amor como seguidora de Cristo.

A estreita relação de Jesus com Maria proporciona uma comum relação de obediência à vontade do Pai. Se Cristo foi obediente em tudo ao ponto de sofrer a morte, e morte de cruz (Fl 2,8). Maria em sua obediência dispõe-se, de maneira plena: “eis a serva do Senhor, faça-se em mim a tua vontade” (Lc 1,38). Segundo o Documento de Aparecida, a plenitude cristã passa por Maria, ou seja:

A máxima realização da existência cristã como um viver trinitário de “filhos no Filho” nos é dada na Virgem Maria que, através de sua fé (Lc 1, 45) e obediência à vontade de Deus (Lc 1,38), assim como por sua constante meditação da Palavra e das ações de Jesus (cf. Lc 2,19.51), é a discípula mais perfeita do Senhor (DAp 266).

Existe o grande diferencial na dimensão cristã, com suas finalidades, ações, entrega, obediência, porém, não devemos deixar de compreender que o discipulado de Maria se assemelha ao de Jesus. A relação de Jesus com Maria na dimensão missionária de obediência ao Pai acontece de forma conjunta. Apesar de ser uma mulher silenciosa, Maria revela, através de suas poucas palavras, que devemos estar atentamente voltados para Cristo em plena escuta.

O fascínio por Cristo não envolveu apenas Maria por ser mãe e serva, mas os corações de muitos que ficaram maravilhados quando Jesus chamava-os para o seguimento. Esse chamado cultiva na vida humana um profundo acolhimento, uma importância que só é encontrada N’Ele. O DAp revela que esse fascínio é a expressão do valor que é dado somente por aquele que sabe acolher e, ao mesmo tempo, existe uma resposta quando se escuta a sua voz.

O Senhor despertava as aspirações profundas de seus discípulos e os atraía a si, maravilhados. O seguimento é fruto de uma fascinação que responde ao desejo de realização humana, ao desejo de vida plena. O discípulo é alguém apaixonado por Cristo, a quem reconhece como o mestre que conduz e acompanha (DAp 277).

O jeito cativante, que envolve um despertar para o seguimento de Cristo, é encontrado em Maria, pois Jesus tem muito de Maria e muito de Deus. A maternidade marial é fonte inesgotável para conhecermos melhor a pessoa de Cristo e tudo o que Ele apresenta.

Um despertar para uma cristologia lúcida na pessoa de Jesus torna-se muito mais difícil se não ligarmos a mariologia. Não podemos deixar de lado essa relação de estreita necessidade para compreendermos bem o Cristo e sua redenção.

Dessa forma, as diversas expressões devocionais, principalmente a novena de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, é uma exteriorização de grande valor, pois não é uma devoção à Maria especificamente, mas, também, uma devoção ao nosso Senhor Jesus Cristo. Há uma integração nominal ao título recebido por Maria, “mãe do perpétuo socorro”.

b) Dimensão eclesiológica

No que diz respeito aos santuários marianos no Brasil, quando se refere, principalmente, à devoção à Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, a maioria deles são administrados pelos Redentoristas, que atuam em diversos campos missionários dinamizando a missão. A pastoral é organizada pelas várias percepções reais e mais urgentes e também pelas necessidades que são apresentadas dentro das próprias comunidades. Conforme as carências reais, a pastoral organiza-se nas comunidades. Quando falamos de organização eclesial, estamos falando do modo como acontece a ação pastoral da Igreja relacionada à vida do cristão. Vale ressaltar que existem algumas linhas próprias dessas dimensões, isto é:

As seis linhas que correspondem às grandes dimensões da vida eclesial. Dimensões que são elementos constitutivos da Ação Pastoral da Igreja, fundamentados na própria vida cristã individual ou comunitária. São expressões qualificadas dessa vida cristã e pertencem necessariamente à atuação visível do Espírito Santo na Igreja (BECKHAUSER 2007, p. 32).

Dentro dessas seis dimensões de ações pastorais da Igreja, citadas pelo autor, no contexto do santuário, estão inseridas as seguintes dimensões: comunitária e participativa, dimensão missionária, dimensão catequética, dimensão litúrgica, dimensão ecumênica e de diálogo religioso, dimensão profética e transformadora (Beckhauser, 2017). Ousaríamos acrescentar que, nessa organização eclesial, o santuário também alcança, sem sombras de dúvida, a dimensão sacramental.

Todos esses olhares, ou linhas, fazem parte da dinâmica organizada pelo santuário que, pelo seu jeito de ser, atrai diversas pessoas de vários lugares. Na

organização eclesial, expressa-se o jeito ou a identidade do santuário, ou melhor, como o santuário comporta-se.

A identidade do santuário é revelada a partir da dimensão comunitária que dá a conotação de comunhão, tendo em vista que, antes de tudo, o santuário deve ser um lugar de participação comunitária, pois ali, no sentido teológico, existe a presença da comunidade perfeita (o Pai, o Filho e o Espírito Santo).

Neste ambiente, acontece comunhão e participação, que refletem na vida da humanidade, manifestando sua ação comunitária. Para Pulga (1999), nesse processo eclesial, no santuário, a Igreja vive sua unidade que se renova no acolhimento de cada fiel que ali se integra de modo comunitário.

Regenerados pela Palavra e pelos Sacramentos, aqueles que vieram ao santuário de 'pedras mortas', tornam-se o santuário de 'pedras vivas' e, assim, são capazes de fazer uma experiência renovada da comunhão de fé e de santidade que é a Igreja. Nesse sentido, pode-se dizer que no santuário pode nascer de novo a Igreja dos homens vivos no Deus vivo (PULGA, 1999, p. 34).

Seguindo o modelo místico no conceito de Igreja apresentado por São Paulo (Rm 12,5s), a estrutura da Igreja não está nas dimensões monumentais, mas nas pessoas que fazem parte do corpo místico zelando com atitude participativa em sua organização. O santuário assume o mesmo ideal de comunhão e participação eclesial.

A dimensão eclesial ressaltada pelo santuário procura corresponder os anseios da humanidade como uma igreja acolhedora, que vise à participação direta na vida daqueles que vêm à procura de algum auxílio. Pulga (1999, p. 36) ressalta o acolhimento como o rosto de qualquer Igreja, principalmente o santuário.

No santuário, aprende-se a abrir o coração a todos, em particular, aquém é diferente de nós: o hospede, o estrangeiro, o imigrado, o refugiado, aquele que professa outra religião, o não-crente. Deste modo, o santuário, além de se oferecer como espaço de experiência da Igreja, torna-se um lugar de convocação aberta à humanidade inteira.

Nessa dimensão eclesial, o conceito delibera o sentido de ser Igreja, não fechada às estruturas, mas aberta como sede universal, católica, como referência de onde todos possam sentir-se irmãos.

No santuário e toda sua organização eclesial, o leigo tem um papel fundamental na ação pastoral que lhe é oferecida. Pelos diversos ministérios, a Igreja assume um compromisso de participação e inserção leiga. Brighenti (2021), quando fala do sujeito

da pastoral, menciona que a Igreja é a comunidade eclesial que supera a conjunção de uma separação dos leigos e clero para compreender a Igreja como comunidade e ministérios. O autor acrescenta:

Essa eclesiologia aplicada na pastoral redundava em uma pastoral 'orgânica de conjunto', que, embora tenha nascido na primeira metade do século XX, tomou corpo no contexto da renovação do Vaticano II, superando a pastoral da conservação – assim denominada por Medellín (Med 6,1) – de cunho sacramentalista e devocional, centrada no padre e na paróquia, bem como a pastoral coletiva, tributária do projeto restauracionista da Neocristandade, apoiada nos movimentos eclesiais de corte universalista (BRIGHENTI, 2021, p. 224).

Na organização da Igreja, a participação comunitária na ação pastoral é bem explícita, pois a Igreja, com seus diversos ministérios, não se limitou à voz do pastor, mas assumiu seu compromisso missionário para levar em frente a mensagem escutada por Ele.

A Igreja percebe a importância de cada batizado, buscando envolvê-lo nas diversas necessidades imediatas. É evidente que ainda enxergamos uma amorosidade de alguns pastores de conceder ministérios diante de uma necessidade pastoral urgente.

O santuário, enquanto “modelo” de participação e vivência comunitária, deve sempre estar a serviço da Igreja, pois as diversas realidades recebidas, sentidas e vividas propõem um dinamismo missionário que vai ao encontro daqueles que mais necessitam de cuidados e atenção. Isso é possível quando há inserção de agentes, neste caso, os leigos e leigas para melhor a Igreja e sua missão.

c) Dimensão mariológica

O estudo mariológico é um caminho que direciona o fiel a um verdadeiro leque de aprendizado cristológico, eclesiológico e espiritual, pois Maria ocupa um lugar especial na vida do povo. Apesar de professarmos uma fé cristológica, a devoção à Nossa Senhora ajuda-nos a entender melhor esta fé que professamos a partir do exemplo de Jesus e Maria.

Uma das dimensões mais vividas no seio do catolicismo é a devoção mariana. Todavia, não basta apenas viver essa devoção; é necessário compreender o motivo que faz com que essa devoção ganhe tanta importância na religiosidade popular. O

estudo mariológico é um caminho para percebermos a validade e os exageros que, muitas vezes, pode acontecer dentro do universo cristão.

Parades (2018, p. 8-9) destaca o objetivo desse processo em estudar a mariologia como uma forma de destacar seu sentido teológico e o seu verdadeiro na Igreja.

Objetivo dessa mariologia é, por conseguinte, oferecer uma síntese que situe Maria, a mãe de Jesus, nosso Senhor, no lugar teológico e eclesiológico que a ela corresponde; capaz de oferecer nos que estudam teologia a obtenção de uma visão apaixonada, inteligente e incondicional do mistério de Maria; lúcida para descobrir e compreender a energia espiritual transformadora que Maria destaca na história da humanidade.

Refletir sobre a mariologia é lançar nossos olhares à Maria como a mãe de Jesus. Sua percepção e devoção dá-se justamente por ela estar intimamente ligada ao Filho de Deus, tornando-se mãe. Nada iria mais além se porventura essa relação não tivesse notoriedade a partir de seu Filho. No entanto, sua disposição ganha espaço para que seu valor tenha sentido no campo cristológico.

Não podemos dissociar ou separar a mariologia da cristologia, pois, neste aspecto, existe uma relação inseparável entre o divino e o humano na história do povo cristão. Dessa forma, a figura de Maria é imprescindível tanto para o catolicismo romano quando para a linha católica ortodoxa, diferentemente para alguns outros direcionamentos cristãos, principalmente, os protestantes neopentecostais.

Entender o devocional, a partir de Maria, é olhar para as diversas esferas das expressões populares que invocam a sua intercessão. Murad (2014) complementa esse aspecto mariano, pois não estamos celebrando a nossa devoção apenas a uma mulher, mas além da mulher que Maria é, ela é a Mãe de Deus.

A grande parte das manifestações devocionais marianas gira em torno da oração de súplica, da fé como entrega confiante nas mãos da 'Mãe de Deus', do pedido de socorro, em situações extremas de necessidade e angústia. E isso causa dificuldade de dialogar com quem descobriu o perfil humano de Maria (MURAD, 2014, p. 15).

Estudar a figura de Maria não é colocá-la no centro de nossas vidas em grau de importância, pois o centro é Jesus, mas tentar compreender esse bem tão precioso para a história do povo católico que tanto a venera. Ela, por sua vez, concede os mecanismos necessários para melhor vivermos a fé.

Na relação social, o apego e a acessibilidade do povo à Maria são constantes. A forma de tratá-la revela uma intimidade que somente o afeto pessoal é capaz de expressar, na relação do fiel com Maria, de um jeito singular.

Em relação à Maria Santíssima, a piedade do povo católico é verdadeiramente 'visceral' ou 'entranhada'. Os devotos tratam Maria com extremo carinho. Falam em termos de 'Mãe querida' e mesmo de 'Mãezinha do céu'. Outros modos de falar, que denotam intimidade, são o uso do diminutivo (Santinha etc.) (BOFF, 2017, p. 552).

Maria é tão próxima que, para o fiel, as expressões de intimidade revelam o verdadeiro carinho que lhe é demonstrado. Dessa relação nasce o sentido devocional contido dentro do contexto da mariologia. A figura de Maria é o referencial encontrado que nos ilumina para uma prática devocional e encaminha-nos para a fé em Cristo.

Murad (2014) fundamenta essa posição em torno da devoção à Maria, colocando elementos da prática litúrgica e ressaltando que ela alcança melhor expressão na piedade popular:

A veneração a Maria aparece de forma mais intensa na devoção do que na liturgia. As devoções populares a Maria, como o terço, as novenas, as promessas, as fórmulas de consagração, as romarias, são manifestações do coração. Não se movem pelas normas canônicas, mas pelo desejo de sintonizar com Maria na comunhão dos santos (MURAD, 2014, p. 209).

À luz da devoção, vemos uma mariologia de amplo alcance que se manifesta na vida do povo e para o povo. De modo relacional, referente às questões mariais, os fiéis revelam uma ternura de amplo afeto. Por outro lado, na concepção dos evangelistas, a figura enquadra-se nos planos divinos com ênfase ao seu lado maternal.

Todos os sinóticos, como o Evangelho do discípulo amado, trazem consigo a importância de Maria para a encarnação do verbo. O sentido mariológico, na perspectiva dos Evangelhos, ressalta o fundamento da encarnação que passa pelo seio materno de Maria como é apresentado na anunciação do anjo.

Cleto (1989) fala que no Evangelho João procura corresponder a grandeza da maternidade de Maria, mas acrescenta, de maneira extraordinária, a sua importância em seu evangelho em dois aspectos: o primeiro é nas bodas de Caná, onde acontece o primeiro sinal messiânico de Jesus, transformando água em vinho com a

intervenção de Maria; o segundo, aos pés da cruz, no momento da crucificação, quando Jesus deixa Maria aos cuidados de João, tornando-a mãe da humanidade.

Todavia, consideramos a dimensão mariológica que leva à reflexão sobre a dignidade de Maria e como ela é vista, de maneira especial, na participação teológica, eclesial e litúrgica, mas nada se compara à forma como ela é mencionada pelo povo que a exalta e enaltece com tamanha admiração e afeto. A beleza da mariologia é vista pela expressão do povo e como se apresenta de maneira prática.

d) Dimensão espiritual

Falar da dimensão espiritual do santuário é analisar a mística oferecida por este local de visitação, peregrinação e participação. A espiritualidade proporcionada pelos santuários está além das suas estruturas, pois diversas são as expressões no campo da fé que estão ligadas às ações pastorais que ali se realizam.

Entendemos que a espiritualidade é todo o conjunto de experiência religiosa que preenche a vida do fiel numa relação pessoal com Cristo. Para Pulga (1999, p. 39), no santuário, além do próprio lugar oferecer uma particularidade espiritual, os símbolos dão-nos direcionamentos para uma mística profunda.

O sinal do santuário não só nos recorda de donde viemos e quem somos, mas abre também, o nosso olhar para discernir para onde caminhamos, rumo a que meta se dirige a nossa peregrinação na vida e na história. O santuário como obra das mãos do homem remete a Jerusalém celeste, nossa Mãe.

A espiritualidade proporcionada pelo santuário implica no compromisso fiel daqueles que entendem que, na relação proposta pela mística do lugar, entram em sintonia com o divino. Neste aspecto, assim como na dimensão missionária, a dimensão espiritual propõe uma conversão pastoral, pois a fé sem as obras torna-se vazia e tende a se perder (Tg 2,26).

A plenitude da espiritualidade dá-se a partir de uma comunhão integral nos diversos ambientes estruturais onde se encontram todos os batizados a começar pelos pastores. Assim:

A conversão dos pastores leva-nos também a viver e promover uma espiritualidade de comunhão e participação, propondo-a como princípio educativo em todos os lugares onde se forma o homem e o cristão, onde se

educam os ministros do altar, as pessoas consagradas e os agentes de pastorais, onde se constroem as famílias e as comunidades (DAP 368).

Na dimensão espiritual, o santuário sente a necessidade de se organizar para promover uma espiritualidade que proporcione, principalmente, aos batizados a verdadeira conversão.

A espiritualidade propõe mudanças de mentalidade, pois o homem espiritualizado busca sua sensatez na relação com o objeto da fé. Essa transformação acontece quando a espiritualidade é assumida de maneira compreensível, sai do misticismo e é vivida de forma prática.

Os direcionamentos, que nos aproximam do objeto da fé, dão-nos a clareza para escolher os caminhos que nos permitem perceber o valor de determinada crença ou práticas religiosas que nos ajudem a exercer nossa espiritualidade. Dessa forma, no Santuário de Aparecida, a devoção é uma expressão dimensional que ocupa um espaço singular na vida do povo e a partir dessa relação acontece um valor espiritualidade. Neste caso, a espiritualidade mariana aproxima-nos da beleza apresentada pela espiritualidade cristã.

Sena (2021) explicita que, ao refletimos sobre as questões próprias da devoção mariana como expressões importantíssimas que sustentam os fiéis no catolicismo, devemos perceber que:

A figura de Maria, o culto marial, a devoção a Nossa Senhora por meio dos seus mais variados títulos, é um elemento axial, aglutinador, unificador e qualificador da mais pura piedade da Igreja na América Latina, do Brasil e da Amazônia. Por essa ótica, é possível afirmar que a experiência mariana foi, e ainda é, uma ferramenta preciosa, pois tornou-se a conexão pela qual se fez e faz muitos fiéis continuarem ligados à Igreja (SENA, 2021, p. 14).

Maria está presente na vida da Igreja, e os fiéis têm uma inquestionável identidade com sua materna identidade. Sendo assim, ousamos dizer que a espiritualidade cristã passa pelo seio maternal de Maria, melhor ainda, a espiritualidade cristã nasce a partir do seio de Maria.

Os santuários marianos, de modo especial, o santuário de Nossa Senhora Aparecida, na sua espiritualidade, exala Maria. Beckhauser (2007, p. 62) diz que “a Virgem Maria é o santuário vivo do Verbo, a Arca da Aliança nova e eterna. Ela é a tenda do Encontro por excelência”.

O valor da espiritualidade mariana e, conseqüentemente, das devoções a ela direcionada está intimamente ligada às expressões do povo. De diversas formas, podemos perceber a grandeza dessa devoção e a partir dela a espiritualidade é manifestada, seja na contemplação do ícone, nas orações, nas novenas.

Nas terças-feiras, são celebradas em diferentes horários a novena de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, são celebrações importantes para os católicos que reservam um horário do dia e participam devotamente no Santuário de Aparecida em Manaus.

Além disso, sua importância ganha espaço na vivência social. “É impressionante constatar a forte presença da Virgem em toda a história [...] Ela não foi uma figura somente privada, nem apenas eclesástica, mas verdadeiramente pública, que inspirou e moveu sociedades inteiras” (BOFF, 2006, p. 281).

Essa importância jamais pode ser negada, pois ao longo de muito tempo temos visto florescer o carinho que os fiéis têm por Maria, a devoção mariana ajudou muitas comunidades a sobreviverem nas diversas circunstâncias, sendo um grande diferencial na vida do povo. Sua história realça esse dinamismo social causado por seus diversos títulos no mundo.

O Documento de Aparecida (DAp, 2007, nº 269), nos diz que Maria é a grande missionária, continuadora da missão de seu Filho e formadora de missionários. E continua dizendo que os diversos títulos e os santuários dedicados a ela estão espalhados pelo mundo inteiro. Revela sua proximidade com as pessoas e, ao mesmo tempo, manifestam a fé e a confiança que os devotos sentem por ela.

Dentre várias dimensões espirituais que poderíamos destacar como visibilidade espiritual está a devoção à Nossa Senhora como elemento fundamental de uma espiritualidade assumida pelo santuário. A espiritualidade mariana é característica para se viver uma espiritualidade cristã mais convicta.

5.2 HORIZONTES LITÚRGICOS

A liturgia é a voz da Igreja nas ações celebrativas dos sacramentos, orações, cânticos e diversos fatores que implementam no mistério de Cristo para a evangelização da humanidade. É o serviço dedicado a todo povo com finalidades e direcionamentos para o bem de todos.

A concepção de liturgia, representada no AT e revelada por Augé (1996, p. 12) explicita “que era um termo utilizado para indicar o serviço cultural do templo realizado pelos sacerdotes e levitas’. No AT é apresentado de diversas formas, seja em sentido público oneroso, ou em sentido de culto espiritual. No sentido de culto ritual cristão, há um único texto, que na sua tradução literal diz: “enquanto celebravam o culto do Senhor, depois de terem jejuado, disse-lhes o Espírito Santo [...]” (At 13,2).

Aldazabál (2013), quando menciona sobre a liturgia, associa a pessoa de Cristo à Igreja, sua amada esposa que reúne a todos no projeto de comunhão:

Se considera a liturgia como o exercício da função sacerdotal de Jesus Cristo; nela, através de sinais sensíveis, cada qual a seu modo, é significada a santificação dos homens, e o Corpo Místico de Jesus Cristo – Cabeça e os seus membros – presta a Deus o culto público integral (ALDAZABÁL, 2013, p. 208).

A liturgia tem seu valor imprescindível na vida do povo em sua ação celebrativa, pois faz-se presente o próprio mistério pascal de Cristo. É Cristo que, além de estar presente na realidade da Igreja, de modo especial, apresenta-se nas ações próprias da liturgia, principalmente no sacrifício do altar.

A Constituição Apostólica *Sacrosanctum Concilium* sobre a Sagrada Liturgia dá ênfase à presença de Cristo nas ações litúrgicas a partir dos diversos aspectos vividos nas celebrações:

Está presente no sacrifício da missa, tanto na pessoa do ministro, pois aquele que se oferece pelo ministério sacerdotal é o ‘mesmo que, outrora, se oferece na cruz. Como sobretudo nas espécies eucarísticas. Ele está presente pelas suas virtudes nos sacramentos, de tal modo que, quando alguém se batiza, é o próprio Cristo que batiza. Está presente na sua palavra, pois é ele que fala quando na Igreja se leem as Sagradas Escrituras. Está presente, por fim, quando a Igreja ora e salmodia, ele que prometeu: ‘onde se acharem dois ou três reunidos em meu nome, aí estou eu no meio deles’ (Mt 18,20) (SC 7).

No horizonte litúrgico, a presença de Cristo é constante em todos os aspectos da fé. Dessa forma, a plenitude da liturgia somente acontecerá quando a centralidade da fé for a pessoa de Jesus, “por Cristo, com Cristo e em Cristo” (MR 108).

Na vida da Igreja, a liturgia proporciona, através dos mistérios de Cristo, uma proposta de comunhão de unidade. Essa compreensão gera nos fiéis responsabilidade que os comprometem a seguir os passos de Jesus como fizeram os primeiros discípulos.

Assim, um dos grandes desafios para o povo cristão é compreender, perante as diversas manifestações de fé, o que pode ser litúrgico e não litúrgico. Neste contexto, a dimensão devocional confunde-se com a proposta da verdadeira liturgia implementada pela Igreja que coloca em referência a pessoa de Jesus.

Portanto, podemos considerar que os desafios encontrados na vida litúrgica estão direcionados aos diversos aspectos da fé, principalmente, quando falamos da devoção. Com isso, não queremos descartar a importância da devoção para uma melhor compreensão da fé, mas trazer em pauta o grande desafio ao colocarmos as paraliturgias em grau de relevância quando priorizamos aquilo que não é litúrgico, esquecendo a verdadeira fonte litúrgica que é Jesus.

5.2.1 O rito da novena

A beleza das novenas acontece de maneira inexplicável, pois, além de atrair diversos devotos de todos os lugares de Manaus e outras cidades do Amazonas para o Santuário de Nossa Senhora Aparecida, alcança as diversas paróquias da arquidiocese de Manaus.

A novena, como estrutura organizada, já ultrapassa os seus 100 anos e, na realidade da Igreja de Manaus, especificamente no Santuário de Aparecida, já dura mais de 80 anos.

À medida que celebramos a “novena perpétua”, estamos formando uma paraliturgia, um rito, uma organização para uma devoção tão importante que está no seio da Igreja e nos braços do povo. Dessa forma, precisamos analisar com cuidado a celebração por inteira a partir de seu rito. Quando se refere ao rito, Augé (1996, p. 95) diz que:

Rito é, portanto, um termo muito genérico com o qual são designadas as ações humanas e religiosamente significativas, conforme módulos fixos tradicionais. [...] O rito é aquilo que está em conformidade com a ordem, uma ação que tem uma estrutura institucionalizada.

Para cada ato litúrgico, é necessária uma organização que busque fundamento para aquilo que está sendo celebrado. O rito proporciona a forma adequada de manter essa ordem a partir da ação ou do objetivo que se quer alcançar. Em todos os momentos celebrativos o rito está presente e dá direcionamento para aquilo que está sendo celebrado.

Sendo assim, apesar de a novena não ser uma celebração litúrgica, mas sim paralitúrgica, ela utiliza-se do rito para fundamentar o sentido da celebração devocional à Virgem Maria com o título de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro.

Nesta dimensão de ordem, a partir da novena, trazemos presente sua estrutura ritualística que nos propõe um jeito sério de viver uma liturgia sem que banalizemos ou acolhamos a novena como se pudéssemos substituir aquilo que é essencial para nossa adequação da fé, que é Jesus.

Todavia, nas novenas, apesar de não ser uma liturgia conforme os padrões da Igreja, em seu rito, existem ações litúrgicas que dão valor a essa maneira de expressar a fé. Por isso, abordaremos, a partir de então, o rito da novena e suas etapas para refletirmos sobre sua organização nesse horizonte litúrgico.

a) Ritos iniciais

Conforme já explicitado, a novena é uma celebração comunitária que tem uma relação estreita com o devoto. Não é um rito especificamente clerical, pois grande parte da celebração são os leigos que animam, ou seja, são os devotos de Nossa Senhora os animadores.

Os ritos iniciais da novena acontecem com a comunicação do tema do dia, seguindo com os avisos em sequência motivando os devotos a cantar o “primeiro hino”.

Ó Virgem Maria,
que tudo alegras
na vida socorro
que falta jamais.
Ave, Ave, Ave, Maria
Ave, Ave, Ave, Maria
Sim, vossa imagem
é estrela de paz
que em nossa viagem
ventura nos traz.
Ave, Ave, Ave, Maria
Ave, Ave, Ave, Maria (PARÓQUIA. 2021, p. 8).

Enquanto se canta esse hino, o presidente da novena, que pode ser um religioso ordenado ou não, entra, beija o altar e faz a saudação trinitária. Depois, acolhe os devotos e dá sequência à celebração, convidando a assembleia a rezar as orações próprias da “novena perpétua”.

As orações são conduzidas pelo animador da novena. Esse animador pode ser qualquer leigo devidamente preparado e devoto de Nossa senhora, em alguns lugares, os religiosos também, conduzem as orações. São quatro orações direcionadas à Nossa Senhora do Perpétuo Socorro e cada uma tem sua singularidade. Por um bom tempo, a forma que essas orações eram rezadas culminava numa maneira particular, ou seja, a linguagem era escrita no singular.

Olhando a dimensão da novena e percebendo a expressão popular, a linhagem da celebração foi acrescentada, ou seja, ao invés de ser rezada no singular, sofreu uma grande mudança, passou a ser rezada no plural, pois o padre da época entendia que a novena é uma celebração comunitária em que todos se reúnem com a mesma finalidade.

Essa mudança acontece na época em que o Pe. Marcos Weringer era o pároco da Paróquia de Nossa Senhora Aparecida, de 1987 a 1996. Esse episódio aconteceu numa ocasião bem determinante, pois, para ele, considerando que a novena era organizada pelo povo e para o povo, os agentes de pastorais deveriam ser os responsáveis por esta mudança.

Em determinada ocasião, o sacerdote chamou em seu escritório dois agentes de pastorais bem engajados na Paróquia: o senhor Paulo Feitoza⁵ e a senhora Selma de Jesus Paixão⁶. Pe. Marcos deu a eles a incumbência de fazer essa correção. Embora houvesse assumido a paróquia em 1º de janeiro de 1987, conforme relata o livro *Tombo*, a mudança aconteceu somente no ano de 1992. A partir desse momento, todas as impressões do livro de orações da novena de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro passaram a ter uma linguagem comunitária⁷.

Sobre as orações iniciais, que fazem parte do rito eucarístico, e que da mesma maneira, acontece nas celebrações da novena, Augé (1996, p. 151) diz que o seguinte:

São orações que manifestam uma mentalidade que se compraz na multiplicação das assim chamadas 'apologias', fórmulas do reconhecimento do próprio pecado, e da indignidade do celebrante, com pedido de graça e perdão.

⁵ Dr. Feitoza foi desembargador em Manaus, oblato e benfeitor dos missionários redentoristas e um fiel devoto de Maria, faleceu aos 16 de novembro de 2017, seu corpo foi velado na Igreja de Aparecida com missa de corpo presente.

⁶ Atuou na Paróquia Nossa Senhora de Nazaré, no bairro de Adrianópolis, Manaus, AM. Em seguida, foi residir no bairro de Aparecida, onde trabalhou como assistente social por muitos anos. Como aposentada, continua atuando como agente de pastoral, benfeitora e oblata redentorista.

⁷ Livro **Tombo**: Paróquia Nossa senhora Aparecida. Anos 1943 a 2022, p. 50.

Nas orações da novena são colocados aspectos de súplicas, agradecimento e fé em Deus pela intercessão de Maria. Para iniciar as orações da novena o animador motiva o povo e, juntos, em uma só voz rezam.

Em consonância com essa proposta, estaremos expondo, em seguida, a forma oracional de como as orações eram rezadas. Por exemplo, na década de 50, no Santuário de Aparecida, em Manaus, e a atual forma em que a novena é conduzida, principalmente em decorrência das orações.

PRIMEIRA ORAÇÃO (singular)

Ó Mãe do Perpétuo Socorro, eis aqui a vossos pés um pobre pecador que recorre a Vós e põe em Vós a sua confiança. Ó Mãe de misericórdia, tende piedade de mim. Sei que todos vos chamam o refúgio e a minha esperança. [...] Peço-Vos encarecidamente me concedeis a graça, quando demônio me tentar, de recorrer a Vós, repetindo: Ó Maria, socorrei-me! ó Mãe do Perpétuo Socorro, não permitais que eu perca o meu Deus.

PRIMEIRA ORAÇÃO (plural)

Ó Mãe do Perpétuo Socorro, * eis-nos aqui aos vossos pés, * pobres pecadores que recorrem a vós * e põem em vós sua confiança. * Ó Mãe de Misericórdia, tende piedade de nós. * Sabemos que todos vos chamam * o refúgio e a esperança dos pecadores: * sede, pois, também, o nosso refúgio e a nossa esperança. * [...] * Nós vos pedimos, * encarecidamente, * que nos concedais a graça, * quando o demônio nos tentar, * de recorremos a vós, repetindo: * ó Mãe do Perpétuo Socorro, * não permitais que percamos o nosso Deus (PARÓQUIA. 2021, p. 9-10).

SEGUNDA ORAÇÃO (singular)

Ó Mãe do Perpétuo Socorro, concedei-me a graça de invocar sempre o vosso nome poderosíssimo, pois é o nosso socorro durante a vida e a nossa salvação na ocasião da morte. Ó Maria, Virgem dulcíssima e puríssima, que o vosso nome seja doravante a aspiração de minha alma [...] agradeço ao Senhor, por Vos ter dado este nome tão doce, tão amável, tão santo, tão poderoso para o meu bem. Mas não me contentarei de pronunciá-lo com amor que o amor que Vos dedico me lembre, sem cessar, que Vos devo invocar, ó Mãe do Perpétuo Socorro.

SEGUNDA ORAÇÃO (plural)

Ó Mãe do Perpétuo Socorro, * concedei-nos a graça de invocarmos sempre * o vosso nome poderosíssimo, * pois é o nosso socorro durante a vida, * e a nossa salvação na ocasião da morte. * Ó Maria, Virgem Dulcíssima e Puríssima, * que vosso nome seja doravante * a aspiração de nossa alma [...] *Agradecemos ao Senhor* por vos ter dado este nome tão doce, * tão amável, * tão santo, * tão poderoso para nosso bem. * Mas não nos contentaremos de pronunciá-lo com amor; * queremos que o amor que vos dedicamos nos lembre, * sem cessar, * que vos devemos invocar: * Ó Mãe do Perpétuo Socorro (PARÓQUIA, 2021, p. 10-12).

TERCEIRA ORAÇÃO (singular)

Ó Mãe do Perpétuo Socorro, sois a despenseira de todas as graças, que Deus concede aos infelizes pecadores, e se Vos fez tão poderosa, tão rica e tão boa, foi para nos socorrer em todas as nossas misérias. Sois a advogada dos pecadores, mais abandonados que a Vós recorrem; socorrei-me, pois, que a Vós me entrego. [...]Temo somente deixar por negligência de me recomendar a Vós e assim causar a perdição de minha alma. Ó minha soberana, alcançai-me o perdão dos pecados, o amor de Jesus Cristo, a perseverança final e a graça de recorrer sempre a Vós, ó Mãe do Perpétuo Socorro.

TERCEIRA ORAÇÃO (plural)

Ó Mãe do Perpétuo Socorro, * sois a despenseira de todas as graças * que Deus concede aos infelizes pecadores, * e se vos fez tão poderosa, * tão rica e tão boa, * foi para nos socorrerdes em todas as nossas misérias. * Sois a advogada dos pecadores mais abandonados, * que a vós recorrem: * socorrei-nos, pois que a vós nos entregamos. * [...] * Tememos somente deixar, por negligência, * de nos recomendarmos a vós * e assim causarmos a perdição de nossa alma. * Ó nossa soberana, * alcançai-nos o perdão dos pecados, * o amor de Jesus Cristo, * a perseverança final * e a graça de recorrermos sempre a vós, ó Mãe do Perpétuo Socorro (PARÓQUIA. 2021, p. 12-13).

Na quarta oração, escrita por Santo Afonso dedicada a virgem Maria: “oração à Santíssima virgem” (LIGÓRIO. 2013, p. 5) sofreu a mesma alteração e adaptação para a linguagem comunitária. Essa proposta se dá pela compreensão de que a celebração da novena de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro é uma expressão fiel pela qual os devotos se reúnem para devocionar a mãe de Jesus de maneira comum, por isso foi reformulada para ser rezada na segunda pessoa do plural.

QUARTA ORAÇÃO: ORAÇÃO DE SANTO AFONSO (plural)

Santíssima Virgem Imaculada, Maria minha Mãe a Vós que sois a Mãe de meu Senhor, a Rainha do mundo, a advogada, a esperança, o refúgio dos pecadores, recorro hoje eu, que sou o mais miserável de todos. Aos vossos pés me prostro, ó grande Rainha e Vos dou graças por todos os benefícios que até agora me tendes feito, especialmente por me haverdes livrado do inferno, por mim tantas vezes merecido. Eu vos amo, Senhora amabilíssima, e pelo amor que Vos tenho, prometo servir-vos sempre e fazer quanto possa para que de todos sejais servida. Em Vós, depois de Jesus ponho todas as minhas esperanças, toda a minha salvação. Aceitai-me por vosso servo e acolhei-me debaixo do vosso manto, ó Mãe de Misericórdia. E já que sois tão poderosa para com Deus, livrai-me de todas as tentações ou impetrai-me forças para vencê-las até a morte. A Vós suplico o verdadeiro amor a Jesus Cristo; de Vós espero alcançar uma boa morte. Minha mãe, pelo amor que tendes a Deus, Vos rogo que me ajudeis sempre, mormente no último instante de minha vida. Não me desampareis enquanto não me virdes já salvo no Céu, bendizer-vos e a cantar as vossas misericórdias por toda a eternidade. Assim espero, assim seja. Amém.

QUARTA ORAÇÃO: ORAÇÃO DE SANTO AFONSO (plural)

Santíssima Virgem Imaculada, * Maria, nossa Mãe, * a vós, que sois a Mãe do Senhor Jesus, * a Rainha do mundo, * a advogada, a esperança, o refúgio dos pecadores, * recorremos hoje nós, * que somos os mais miseráveis de todos. * Aos vossos pés nos prostramos, * ó Grande Rainha, * e vos damos graças por todos os benefícios * que até agora nos tendes feito, * especialmente por nos haverdes livrado do inferno, * por nós tantas vezes merecido. * Senhora amabilíssima, nós vos amamos * e, pelo amor que vos temos, * prometemos servir-vos sempre * e fazer quanto possamos para que de todos sejais servida. * Em vós, depois de Jesus, * pomos todas as nossas esperanças, * toda a nossa salvação. Aceita-nos por vossos servos* e acolhei-nos debaixo do vosso manto, * ó Mãe de Misericórdia. * E já que sois tão poderosa para com Deus, * livrai-nos de todas as tentações * ou impetrai-nos força para vencê-las até a morte. * A vós suplicamos o verdadeiro amor a Jesus Cristo, * de vós esperamos alcançar uma boa morte. * Ó Mãe, pelo amor que tendes a Deus, * vos rogamos que nos ajudeis sempre, * mormente no último instante de nossa vida. * Não nos desampareis, enquanto não nos virdes já salvos no Céu * a bendizermos a vós * e cantarmos as vossas misericórdias * por toda a eternidade. * Assim esperamos, assim seja (PARÓQUIA. 2021, p. 14-15).

A primeira parte da celebração da novena é feita de maneira oracional e culmina numa posição estritamente mariana. Vale acrescentar que ao final de cada oração se reze uma “Ave Maria” em preparação para uma nova oração. Ao final das quatro orações, sendo na primeira terça feira do mês, como expressão plena de estreito laço de afeto e carinho é rezado o “ato de consagração”⁸ (PARÓQUIA. 2021, p. 17-18).

Por outro lado, nas outras terças-feiras, tradicionalmente, reza-se a “oração dos doentes e idosos” (PARÓQUIA, 2021, p. 16). Esta oração é uma súplica à Nossa Senhora do Perpétuo Socorro diante das enfermidades e aflições causadas pelos devaneios da vida.

Antes de qualquer suposição, a devoção à Nossa Senhora é carregada de sentimentos, de afeto, de carinho, de apego e de expressões amorosas. Todavia, é necessário ainda garantirmos que todo esse sentimentalismo não se resuma estritamente à sua identidade com o fim em si mesma nem apenas colocá-la com alguém que esteja submetida a nossos desejos, sendo ela o remédio para todas as nossas enfermidades. Neste contexto, um dos grandes desafios trazidos é perceber que muitos devotos não são de missas ou de uma integração comunitária, mas apenas de novenas.

⁸ Ver esta oração no livro da novena (p. 17-18) utilizado pelo santuário em todas as celebrações ao longo do dia.

Esse momento termina quando é rezada a oração dos doentes e idosos ou o ato de consagração, dando sequência a um novo momento da celebração. Esse novo momento acontece a partir do segundo hino, quando acontece a Liturgia da Palavra ou especificamente a proclamação do Evangelho.

b) Liturgia da Palavra

O segundo hino proclama a Palavra do Senhor e, ao mesmo tempo, explica a dignidade e a maternidade de Maria, que foi concebida de maneira diferenciada sem a marca do pecado original. É a nova Eva, uma direcionadora da esperança. Nesse momento, os pecadores entendem que por ela encontramos a luz que é Jesus e, ao mesmo tempo, assume a maternidade universal para o povo católico.

É um valor perpétuo configurado na história e na vida do povo fiel. Além de ser um canto oracional, é também uma súplica caracteriza para receber os devidos cuidados à mãe de Jesus.

SEGUNDO HINO

Ó Maria, concebida
Sem pecado original,
Quero amar-vos toda a vida
Com ternura filial.

**Vosso olhar a nós volvei,
Vossos filhos protegei!
Ó Maria, ó Maria, (bis)
Vossos filhos protegei!**

Sois estrela de bonança
Entre as trevas a brilhar.
Sois farol de esperança,
A quem sulca o negro mar (PARÓQUIA. 2021, p. 19).

Ao concluir o segundo hino, o celebrante direciona-se à mesa da Palavra e proclama o santo Evangelho. Ressaltamos que, neste momento, o Evangelho proclamado não é o do dia, mas do domingo anterior. Essa configuração dá-se justamente pelo fato de que muitos devotos têm o costume específico de participar da novena, porém, não tem uma prática de celebrar o preceito dominical.

A ideia, além de trazer presente a liturgia dominical, é proporcionar uma catequese que possa trazer à tona o princípio da fé que se dá pelo sacrifício eucarístico celebrado na santa missa. Augé (1996, p. 141), referindo-se à Palavra, fala de sua importância para a transformação pessoal.

A eficácia da palavra em si não deve levar ao esquecimento das condições para que tal eficácia se concretize de fato para a pessoa concreta e para a assembleia. A palavra não opera automaticamente aquilo que propõe. Ela exige uma escuta atenta que supere a mentalidade factual e intelectualista, destinada a favorecer o saber gnosiológico. É necessário que a escuta seja feita em nível de fé e com as devidas disposições pessoais.

Após a proclamação do Evangelho, o celebrante faz uma breve homilia, atualizando o texto bíblico com o contexto da devoção vivenciada naquele momento. Precisamos lembrar que o celebrante necessariamente não precisa ser um ministro ordenado, porém, desde que seja consagrado e inserido em um instituto religioso e almeje a vida religiosa como padres ou irmãos consagrados recebe a faculdade de poder celebrar a novena.

Esse celebrante que não tem o sacramento da ordem, na celebração da novena, recebe algumas ressalvas que somente o ministro ordenado pode realizar como, por exemplo, a bênção dos Santíssimo sobre a qual comentaremos ao longo deste tópico.

A leitura e partilha da Palavra de Deus (homilia), devem ser explicadas ao povo, de maneira clara e compreensível. É importante ressaltar que “é a palavra de um irmão, ministro da comunidade, que ajuda a entender e a aplicar à vida o que Deus nos disse nas leituras bíblicas” (ALDAZÁBAL. 2013, p. 166).

Esse autor continua a nos explicar sobre a grandeza de uma boa homilia:

Com a homilia, o presidente ‘conduz os irmãos a uma compreensão saborosa da Sagrada Escritura; abre as almas dos fiéis à ação de graças pelas maravilhas de Deus; alimenta a fé dos presentes acerca da palavra que na celebração se converte em sacramento pela intervenção do Espírito Santo; finalmente prepara os fiéis para uma comunhão fecunda e os convida a praticar as exigências da vida cristã’.

A dimensão que a novena proporciona, através da escuta da Palavra, revela a beleza desse momento, pois a explicação que ela traz atualiza e se torna presente este memorial culminado na Eucaristia. Além disso, nos coloca diante do próprio Cristo na pessoa do celebrante.

Compreendemos, também, que a Palavra é o alimento espiritual que nos preenche por inteiro, pois todo aquele que escuta a mensagem de Deus através de sua Palavra é seduzido ao ponto de deixar-se ser evangelizado por ela. A partir daí, pela escuta dessa mesma Palavra, a comunidade, que deixou ser evangelizada, passa a ser evangelizadora.

A ideia principal da “novena perpétua”, apesar de ter suas orações específicas e dimensionadas, é mostrar alguns aspectos que possibilitam ver que, através de Maria, podemos compreender melhor seu Filho, pois não existe alguém melhor para falar de seus filhos se não a própria mãe. O ideal encontrado em Maria é proporcionar que cada devoto entenda que olhar principal deve está voltado e fixado em direção ao Filho; para segui-lo, obedecê-lo, escutá-lo e viver sua Palavra.

c) Bênção do Santíssimo e comunhão

Depois de escutar a Palavra de Deus e refletir através da homilia, o celebrante convida-nos para acolhermos o Santíssimo Sacramento. O presidente da novena reveste-se do *véu umeral*⁹ auxiliado pelos coroinhas ou ministros extraordinários da Sagrada Eucaristia e coloca no ostensório o Santíssimo Sacramento, que posteriormente é conduzido ao altar.

Esse momento é acompanhado com o cântico tradicional (Glória Jesus) de acolhimento e adoração ao mestre. No momento em que o Santíssimo Sacramento é transladado do Sacrário, a comunidade o acolhe, reverenciando (ajoelhando-se) e glorificando a Jesus por sua presença real exposto sobre o altar. Da mesma forma, após o presidente expor o santíssimo sobre o altar, ajoelha-se até o momento de conceder a bênção aos devotos. Enquanto todo o acolhimento acontece, o cântico está sendo proclamado.

GLÓRIA A JESUS

Glória a Jesus na hóstia santa
Que se consagra sobre o altar
E aos nossos olhos se levanta
Para o Brasil abençoar.

**Que o Santo Sacramento,
Que é o próprio Cristo Jesus,
Seja adorado e seja amado
Nesta Terra de Santa Cruz.**

Glória a Jesus, prisioneiro
Do nosso amor, a esperar,
Lá no sacrário, o dia inteiro,
Que o vamos todos procurar (PARÓQUIA, 2021, p. 20).

⁹ Veste litúrgica usada nas procissões solenes do Corpo de Cristo ou nos momentos de adoração em que o Santíssimo Sacramento é exposto.

Ao término do cântico, se preferir, o presidente pode fazer um pequeno momento de adoração, prostrando-se diante do altar e contemplando a hóstia consagrada. Esse momento pode ser conduzido por um cântico de adoração ou simplesmente recitando algumas palavras.

Esse momento de adoração é verdadeiramente cristológico com toda sua dignidade, pois a centralidade da celebração não está especificamente no quadro de Nossa Senhora, apesar de carregar nos braços a imagem do menino Jesus, mas na própria Eucaristia onde Jesus se encontra. Após o momento de adoração, existe a preparação para iniciar a bênção do Santíssimo. Nesse momento, o presidente da novena convida a todos para cantar o “Tantum Ergo”¹⁰, o tão sublime Sacramento.

TANTUM ERGO

Tão sublime Sacramento
Adoremos neste altar,
Pois o Antigo Testamento
Deu ao Novo o seu lugar.
Venha a Fé, por suplemento,
Os sentidos completar.
Ao eterno Pai cantemos
E a Jesus, o Salvador.
Ao Espírito exaltemos,
Na Trindade Eterno Amor.
Ao Deus Uno e Trino demos
A alegria do louvor. Amém! (PARÓQUIA. 2021, p. 21).

O canto não exalta apenas Jesus na Eucaristia, mas a dignidade da presença trinitária no contexto reflexivo e misterial que acontece naquele momento. Esse é o momento de adoração. É a compreensão da presença divina selada de maneira plena sobre o altar colocando-se visível a todos os fiéis no mistério de nossa fé.

O Tantum Ergo tem uma história de louvor a Deus que alcança gerações ao longo do tempo. Este faz parte dos cânticos litúrgicos da Igreja e tem sua aceitação em todas as esferas celebrativas. Devemos entender que, na exposição ao Santíssimo Sacramento, apesar de vermos nos ostensórios diversas pomposidades, o destaque não está nele, mas sim na hóstia consagrada que ele expõe.

Esse canto abre um momento que direciona e prepara o presidente da celebração para a bênção do Santíssimo sobre os fiéis. Vale ressaltar que este momento de conduzir a bênção é reservado somente ao ministro ordenado, ele por

¹⁰ Este hino surgiu na Idade Média e foi escrito por São Tomás de Aquino.

excelência é o único que pode conceder aos fiéis a bênção do Santíssimo pelo sacramento da ordem que recebeu. Com esta jaculatória, começam os indicativos para a bênção do Santíssimo:

Sacerdote

Do céu lhes destes o pão
(T.P. Aleluia.)

Povo

Que contém todo sabor.
(T.P. Aleluia.)

OREMOS: Senhor Jesus Cristo, que neste admirável Sacramento nos deixastes o memorial da vossa paixão, concedei-nos tal veneração pelos sagrados mistérios de vosso corpo e de vosso sangue, que experimentemos sempre em nós a sua eficácia redentora. Vós que viveis e reinais pelos séculos dos séculos. Amém (PARÓQUIA, 2021, p. 21-22).

Essa jaculatória pode ser cantada ou rezada e, inicialmente, tem uma interação com os fiéis. Nesse sentido, mostra que a participação na celebração é comum, ou seja, todos os fiéis participam, interagem e vivenciam o mesmo momento de fé.

Depois dessa oração, somente o presidente coloca-se em pé para conceder a bênção aos que estão participando da novena. A bênção é feita de maneira solene e silenciosa, pois toda atenção naquele momento está sendo voltada a Jesus. O povo ainda de joelhos, louva e exalta o Senhor por sua bondade e complacência para com eles. É um momento de pedidos e agradecimentos enquanto o sacerdote está concedendo a bênção. Terminada a bênção o comentarista juntamente com toda assembleia inicia a proclamando os “louvores divinos”.

LOUVORES DIVINOS

Bendito seja Deus. Bendito seja seu Santo Nome. Bendito seja Jesus Cristo, verdadeiro Deus e verdadeiro Homem. Bendito seja o nome de Jesus. Bendito seja seu Sacratíssimo Coração. Bendito seja seu Preciosíssimo Sangue. Bendito seja Jesus no Santíssimo Sacramento do altar. Bendito seja o Divino Espírito Santo. Bendita seja a grande Mãe de Deus, Maria Santíssima. Bendita seja sua Santa e Imaculada Conceição. Bendita seja sua Gloriosa Assunção. Bendito seja o nome de Maria, Virgem e Mãe. Bendito seja São José, seu castíssimo esposo. Bendito seja Deus nos seus Anjos e nos seus Santos. - Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, - ROGAI POR NÓS (PARÓQUIA, 2021, p. 22-23).

Não é simplesmente uma louvação, mas sim uma forma de gratidão a Deus e a todos os seus santos pelos benefícios concedidos em nossas vidas. É a certeza que

Deus revelou-se e, ao mesmo tempo, temos consciência de sua presença entre nós. Consolidando este momento, segue-se para uma nova oração que é o Pai Nosso.

Por ser uma oração universal, a oração por excelência da Igreja, onde o próprio Cristo ensinou que é a oração do Pai Nosso (Lc 11,1-4; Mt 6,9-13), tem uma expressão concreta na liturgia da novena e faz parte de seu rito celebrativo. Após a proclamação dos louvores divinos o celebrante convida a assembleia a rezar ou cantar o Pai Nosso. Na celebração eucarística “podemos afirmar que o Pai-nosso atualmente é uma ponte entre a oração eucarística e o banquete do Senhor” (AUGÉ, 1996, p. 178).

Na oração do Pai Nosso, é o próprio Jesus que nos convida a reconhecer a paternidade de Deus e, conseqüentemente, tornando-nos uma família que se reúne e celebra a unidade nos convidando a sermos irmãos. É uma família que se reúne em torno da mesa. Mesa em que acontece o sacrifício, a entrega, a ação de graças que Deus concede a cada um de nós no repartir do Pão.

Após ser concluída a oração que Jesus ensinou, acontece o momento da comunhão. Augé (1996, p. 183) explicita que “a comunhão é um ato de toda assembleia e não somente do sacerdote”. Dentro do contexto da novena, antes de servir a comunidade o presidente ou diácono retira o Santíssimo para o sacrário enquanto a equipe de liturgia canta um canto apropriado para o momento.

O Catecismo da Igreja Católica diz que: “pela Eucaristia a comunidade une-se mais ao seu Senhor” (CIC. 1999, nº 1391). O Catecismo continua dizendo que a comunhão separa-nos do pecado. O corpo de Cristo que recebemos na comunhão é “entregue por nós” e o sangue que bebemos é “derramado por muitos para a remissão dos pecados” (CIC 1393). Para o fiel, este é um momento de suma importância, pois a Eucaristia é o sinal maior da sua fé e, ao mesmo tempo, é o alimento necessário que preenche todo o ser conduzindo-o a uma aproximação mais plena com a divindade de Jesus presente no pão consagrado.

Percebemos que, ao longo da celebração, foram pontuados alguns momentos específicos, que tratam da devoção a Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, como: o primeiro e segundo hino, as quatro orações, ato de consagração ou a oração dos doentes e idosos. Todavia, o rito apresenta e acentua aspectos próprios da cristologia, entendendo que a novena de Nossa Senhora não é meramente mariana, pois existem vários outros momentos já citados que promovem exclusivamente a fé cristã em todo seu contexto.

Esta novena tem sua grandeza, principalmente, porque a vivência devocional configura ou deve configurar um direcionamento para a própria pessoa de Cristo. É Maria que nos ensina a enxergar em tudo a presença de seu divino Filho e salvador da humanidade.

d) Ritos finais

Ao terminar a comunhão, ou seja, após os fiéis receberem a Eucaristia, o presidente da novena motiva os fiéis a se voltarem para o ícone de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro para cantar a consagração. Existem várias orações de consagração à Nossa Senhora, como também, alguns cânticos com essa finalidade, no entanto, há muito tempo vem sendo usado e cantado um cântico de consagração bastante conhecido. Este cântico é apresentado como parte integrante da novena, pois, quando ele é cantado, todos se voltam para o ícone em veneração:

Ó, minha Senhora, e também minha Mãe, eu me ofereço inteiramente, todo a vós e, em prova da minha devoção, eu hoje vos dou meu coração. Consagro a vós meus olhos, meus ouvidos, minha boca, tudo o que sou, desejo que a vós pertença. Incomparável Mãe, guardai-me, defendei-me como filho(a) e propriedade vossa. Amém. Como filho(a) e propriedade vossa. Amém (PARÓQUIA, 2021, p.31-32).

Esse cântico de consagração à Nossa Senhora é o mais tradicional, como também o mais conhecido e cantado para essa finalidade na Igreja do Brasil. Em muitos lugares, ele é utilizado para a consagração pessoal ou comunitária, principalmente em decorrência da novena. Existem, também, outras novenas marianas com títulos específicos do lugar que usam da mesma finalidade devocional e consagram-se à Maria, usando essa música.

Sabemos o quanto a Igreja é rica de ações e expressões litúrgicas em toda sua ritualística. Os cantos litúrgicos fazem parte dessa beleza e são muito importantes para uma boa celebração. É evidente que existe uma necessidade avaliativa e estudos apropriados para não estarmos inserindo na liturgia qualquer música como se fosse coerente para determinados ritos litúrgicos.

Guimaraes (2017, p. 148) faz uma crítica relacionada à “consagração à Nossa Senhora”, caracterizando esse cântico como um devocionismo exagerado que pode confundir ou divinizar Maria.

Como se pode observar, a figura de Maria é invocada na qualidade de uma deusa, dotada de dignidade e de poderes absolutos e divinos. A pessoa se coloca diante de uma soberana *Senhora* com ardente desejo de se tornar uma *propriedade* dela.

Os extremos da vivência da fé no modo de celebrá-la acontece, de maneira radical, para aqueles que não têm uma boa orientação catequética, pois, em diversas circunstâncias, pode substituir a centralidade da fé que é o mistério pascal de Cristo e implantar outras ações devocionais.

No mundo plural, onde nos encontramos, deve sempre haver aberturas para que não aniquilemos aquilo que surge, mas lapidar e integrar aquilo que surge. Existem alguns aspectos relacionados entre aquilo que é popular e a liturgia nesse universo plural.

Algumas vezes, o que começou como devoção popular, integrou-se, mais tarde, na celebração litúrgica: como as antífonas marianas, no final da recitação litúrgica, renovação das promessas batismais, na Vigília Pascal, e muitos elementos da Semana Santa, no tempo da reforma corológica. A relação entre devoções, religiosidade popular e liturgia nem sempre foi pacífica, às vezes, pela operacidade da liturgia, que impedia a fé do povo, e outras, pela sensibilidade menos comunitária e litúrgica de alguma época (ALDAZÁBAL, 2013, p. 117).

Nessa pluralidade, a consagração já faz parte do cotidiano religioso do povo católico que estreita seus laços com a mãe de Jesus. O momento de consagração é uma forma como o devoto também expressa seus pedidos a fim de aproximarem-se mais do divino de Maria. Depois da consagração, o celebrante motiva os devotos para a bênção final, concluindo o rito da novena e posteriormente o canto que a encerra. No entanto, após a bênção final e despedida, enquanto se canta o último hino, existe um momento de bênção individual, em que os fiéis, antes de irem embora, fazem enormes filas para receber a “bênção particular”¹¹.

Nesse momento, são impostas as mãos em suas cabeças e, conseqüentemente, nos objetos de devoção ou nos sacramentais enquanto os ministros ordenados fazem uma breve oração de bênçãos sobre cada um deles. É evidente que a novena de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro traz consigo uma devoção própria que alcança uma dimensão extraordinária. Ao mesmo tempo,

¹¹ Mesmo tendo acontecido a bênção final (geral) eles procuravam os religiosos para uma bênção pessoal e apresentavam os objetos religiosos para serem benzidos.

precisamos analisar sobre as motivações que atraem tantas pessoas, de muitos lugares, para participarem.

Ao fazer esta reflexão sobre o rito, vemos uma naturalidade de momentos que não expõem coisas extraordinárias, mas nos colocam-nos diante de aspectos comuns que fazem parte do dia a dia do fiel e são manifestadas de modo celebrativo. A novena de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro expõe um lado devocional à Maria e, ao mesmo tempo, não deixam de lado a pessoa de Cristo.

A Novena é uma paraliturgia que, ao longo do tempo, sofre algumas alterações, mas ela não está fechada em si mesma, pois pode sofrer mudanças, como já aconteceu em sua estrutura celebrativa durante esses quase 100 anos em que foi organizada. Essas alterações vão de acordo com a realidade em que ela é celebrada e a necessidade de uma melhor compreensão popular.

O centro da novena não se resume ao ícone de Nossa Senhora nem ao menos à imagem de Maria, ou seja, é a pessoa de Jesus. Ele é a referência maior encontrada em todo e qualquer ato litúrgico existente dentro da Igreja Católica. Ele é apresentado por Maria. Ele é a referência de nossa fé. É a fé em Jesus que faz manifestar a nossa devoção, assim, a novena de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro é riquíssima de expressões e tem diversas dimensões antropológicas.

Dessa forma, existem vários sinais que são próprios da devoção e que precisam ser analisados com zelo e críticas como: a entrega de flores no altar de Nossa Senhora, a entrada de joelhos da porta principal ao altar, a bênção individual impondo as mãos na cabeça e diversas expressões que caracterizam uma forma de religiosidade popular.

5.3 HORIZONTES DEVOCIONAIS

Os caminhos da devoção iniciam através da religiosidade popular. Para muitos católicos espalhados pelo mundo, principalmente aqueles que não são assistidos pela Igreja ainda sobrevivem graças a partilha da Palavra e a devoção aos santos e a Virgem Maria.

A devoção tem caminhos que muitas vezes não podemos compreender, porém, através dela, mantém viva a fé do fiel que amparados pelos santos seguem firmes a sua forma de ser Igreja. Assim, vemos que por muito tempo a devoção tem tomado espaço e mantém-se viva a fé do povo no cotidiano da religiosidade popular.

5.3.1 Expressões da devoção popular na novena perpétua

No contexto celebrativo da novena de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, existem diversas expressões devocionais que caracterizam esse jeito particular de viver a fé. São ações pessoais que somente o fiel sabe e reconhece seu verdadeiro valor, pois são apresentadas através dos gestos, das orações, das promessas, são expressões que somente eles sabem o valor da sua intenção.

Nesse campo das expressões devocionais, existem diversas manifestações que caracterizam a vida e a realidade do povo de um jeito próprio e particular de expressar a sua fé sem esquecer o fundamento da missa.

[...] não instrumentalizar a Missa para tudo. A celebração eucarística deve constituir o desabrochar maior da experiência de Deus, da comunhão com Ele em Cristo Jesus. Daí, valorizar a outras expressões culturais que não são os sacramentos, como expressão de conversão, de encontro com Deus e de memória do mistério pascal, pela oração, nas suas diversas formas, em sua expressão eclesial erudita, como a liturgia das horas e a celebração da Palavra de Deus, e em suas expressões populares, como rosário, o Angelus, a Via-Sacra, as Horas Santas e a Benção do Santíssimo e Celebrações de bênçãos (BECCKHAUSER, 2007, p. 65).

Das diversas expressões manifestadas, pudemos selecionar quatro que podem mostrar-nos determinado radicalismo ou uma postura lúcida de agradecer ou suplicar a intercessão de Nossa Senhora. Dessas manifestações destacamos: o gesto de entrar de joelhos até o altar de Nossa Senhora; benção individual e o toque na cruz; as promessas e a entrega de flores a Nossa Senhora.

São diversos gestos, orações, sinais que fazem parte do cotidiano ou das expressões contidas na novena, mas destacaremos essas quatro manifestações de fé para entendermos melhor as diversas ações contidas na devoção popular que adentram nas ações celebrativas da Igreja.

a) A entrada de joelhos até o altar de Nossa Senhora

A maneira em que cada devoto expressa sua fé pode ser manifestada de modo muito particular. Essas expressões são vistas de diversas formas, pois o jeito de percebê-las nem sempre são iguais, pois cada pessoa se comporta de maneira diferente.

A Igreja é rica em expressões graças à forma em que cada indivíduo expõe seu jeito de manifesta sua religiosidade. A novena de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro apresenta situações pessoais que nos permitem compreender os diversos episódios de devoção, seja na linha comunitária ou pessoal.

Para o Documento da CNBB, Com Maria rumo ao novo milênio (1998, p. 24) fala que:

Cada devoção popular a Maria tem uma história. Começou em determinado momento, para responder a uma necessidade religiosa do povo. Mas o tempo mudou e o povo também. Por isso, é necessário purificar aquelas coisas que endurecem como barro seco.

Uma das expressões devocionais predominante na novena é a entrada de joelhos que alguns fiéis exercem. Essa caminhada de joelhos acontece da porta principal da igreja até o altar de Nossa Senhora Mãe do Perpétuo Socorro. Em muitos momentos, podemos perceber que esse gesto expressa uma conotação de sacrifício, causando desconforto pela maneira em que os fiéis resolvem agradecer a Deus por alguma graça alcançada, pela intercessão de Maria ou por ter feito alguma promessa.

Quando falamos de gestos, o Diretório Sobre a Piedade popular e liturgia (2003, nº 14) diz o seguinte:

A linguagem verbal e gestual da piedade popular, embora conservando a simplicidade e a espontaneidade de expressão, deve ser cuidada de modo a fazer transparecer em todos os casos, juntamente com a verdade da fé, a grandeza dos mistérios cristãos.

O gesto de se ajoelhar revela submissão, respeito e reverência, Jesus se ajoelhou para lavar os pés dos discípulos como João fala no capítulo 13 de seu Evangelho. Humanamente falando, não é simplesmente o status ou o poder que define a grandeza do homem, Jesus nos fala que a grandeza está, também, em ser humilde (Mt 5,5), de ser o último (Mc 9,35), de servir a todos (Jo 12,26. Mc 10,45).

O sentido de ajoelhar-se tem uma expressão bastante forte, na santa missa, por exemplo, podemos contemplar a transubstanciação do pão e do vinho quando o sacerdote faz a oração consagratória: “santificai, pois, estas oferendas, derramando sobre elas o vosso Espírito, a fim de que se torne para nós o Corpo e + o Sangue de Jesus Cristo, vosso Filho e Senhor nosso” (MISSAL ROMANO. 2012, p. 478). Nesse momento, a assembleia se prostra em reverência ao Cristo presente na hóstia

consagrada. Referente à prática de se ajoelhar, Aldazábal (2013, p. 192) revela não apenas, esse gesto de forma particular, mas associa a oração a essa postura:

Orar de joelhos é a postura mais espontânea de adoração e de súplica humilde. É a atitude que encontramos tantas vezes na Bíblia, quando alguém quer expressar a sua veneração e súplica: em Joze, antes de ressuscitar a mulher, 'Pedro [...] pôs-se de joelhos e orou' (At 9,40); [...] tinha sido também a atitude de Jesus quando, na sua agonia no horto, "pondo-se de joelhos, começou a orar, dizendo: Pai se quiseses [...] (Lc 22,41,42).

O ato de se ajoelhar se apresenta em vários momentos da vida, sejam eles marcados por alguma liturgia ou numa ação espontânea de cada fiel. Quando falamos desse momento na celebração da novena, queremos demonstrar que a expressão devocional está além do ato de ajoelhar-se, mas está em um padrão diferenciado que é o fator: "caminhar de joelhos". Esse modo de se expor está intimamente ligado a uma ação meramente devocional, onde cada pessoa encontra nessa forma de viver a devoção a melhor maneira de corresponder seu modo religioso de ser, seja para pedir ou agradecer.

Figura 6 e Figura 7- Caminhada De Joelhos Ao Altar De Nossa Senhora



Fonte: O autor, 2022.

Por outro lado, caminhar de joelhos não é uma forma mais adequada e confortável de expressar a fé, porém, é a maneira de como o fiel entende que

determinado sacrifício é necessário para alcançar aquilo que busca no altar de Nossa Senhora. É um caminho, muitas vezes, de dor que se associa aos sofrimentos de Jesus diante das labutas da vida.

A forma de expressar a fé ou devoção, de joelhos, propõe uma determinada reflexão que implica um questionamento: diante de várias práticas religiosas e devocionais a serem expostas para expressar súplicas e agradecimentos, por que usar de “sacrifícios” já que segundo o próprio evangelista Mateus (9,13) diz “Misericórdia quero, e não sacrifício”?

Para Aldazábal (2013, p. 334), quando fala de sacrifício diz que é uma prática de fé e confiança ao Senhor com o intuito de buscar graças ou reparação. “Entende-se o sacrifício como expressão da entrega à divindade, ou por humilde reconhecimento da sua dependência, para lhe dar graças, para expiar pecados, ou para suplicar sua ajuda”.

Essa prática de se ajoelhar e caminhar somente o devoto sabe o motivo que implicou naquela prática devocional e, entendemos a partir daí, a preferência de Deus que busca no coração de cada pessoa a sinceridade, revelando-se de modo compassivo, pois Deus age de misericórdia para os que o buscam.

Todavia, a dinâmica da devoção nem sempre é um padrão comum, pois muitos enxergam a forma devocional de agir não apenas de modo comunitário, mas de um jeito individual que complementa a pluralidade de expressões devocionais que ocupa um espaço dentro do seio da igreja.

b) As bênçãos e o toque na cruz

Uma das expressões devocionais que fazem parte da dinâmica da novena está ligada a benção na cabeça e o toque na cruz. Fizemos questão de expor essas duas formas devocionais ocorridas na novena de maneira conjunta, pois ambas estão ligadas e tem uma sintonia específica para esse momento.

A novena de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro está repleta de espiritualidade e, mais ainda, é considerada uma fonte de expressões devocionais. Sabemos que em qualquer ato litúrgico ou algum momento orativo a benção é a característica comum ao término de cada momento celebrado, seja na missa, na novena, momentos de oração, encontros formativos de cunho religioso etc.

Beckhauser (2007, p. 28), quando fala sobre o sentido da bênção, relaciona-a como o ato de benzer e bendizer:

Quando falamos em bênção, pensamos logo em abençoar. Em benzer, em receber benefícios. Este é apenas um aspecto da bênção. Em português existem dois verbos: benzer e bendizer. Benzer significa dá a bênção, conceder benefício, ao passo que bendizer significa atribuir os benefícios recebidos àquele que os concedeu.

No rito da novena, existem três momentos de bênções: bênção do Santíssimo, bênção final e bênção na cabeça, em que cada devoto recebe a bênção de maneira individual do sacerdote. No entanto, diante do exposto, iremos priorizar a bênção na cabeça como parte principal da expressão devocional e religiosa.

É evidente que, pelo ato litúrgico, a bênção do Santíssimo Sacramento tem a sua excelência na celebração da novena e, necessariamente, não haveria necessidade de conceder uma nova bênção (bênção final), nem ao menos implantar uma terceira bênção, mesmo tendo terminado a celebração.

No dicionário bíblico, encontramos algo muito interessante quando referenciamos a bênção como uma ação necessária e eficaz para o crente. O grande valor desse gesto e, ao mesmo tempo, a finalidade em que ela propõe dimensiona para o grande valor fundamental dessa expressão de quem abençoa e quem é abençoado.

lahweh é o único que abençoa: os homens só abençoam no desejo e na prece para que *lahweh* se disponha a abençoar. Esse auspício de bênção é particularmente eficaz quando é pronunciado por uma pessoa de autoridade, como um rei, um sacerdote, um chefe de família; nesse caso, a pessoa que possui uma bênção pode transmiti-la a outra (MCKENZIE, 2011, p. 104).

Mckenzie (2011), na mesma página, acrescenta que Deus é o único a conceder a bênção, pois ele é o autor das bênções, é dele que parte esta ação de grandeza, pois em nossa pequenez e necessidades não podemos abençoar a Deus. Todavia, entendemos que Deus é a fonte de toda bênção.

Por outro lado, ressaltando “O Dicionário Enciclopédico da Bíblia” (2013, p. 228) menciona que “a bênção faz parte da experiência cotidiana dos homens do AT. Recebem-se e se deixam abençoar-se, e o verbo “abençoar”, por vezes, tem apenas o sentido de “saudar”.

Beckhäuser (2007, p. 68), por sua vez, explica que aquele que é abençoado torna-se fonte de bênçãos e é chamado aabençoar. A partir dessa conjuntura, brota a dimensão apostólica, que compromete o fiel a ser abençoador por vias da bênção recebida. Esta bênção é recebida em toda experiência contida santuário, principalmente, nas celebrações eucarísticas.

Relacionado ao Santuário de Aparecida, não sabemos, de maneira exata, quando iniciou essa prática de bênção individual, no processo de implantação das novenas. Deduzimos que a novena tenha sofrido alteração em algum momento de sua história, mas não temos dados exatos que comprovem essa agregação.

Todavia, compreendemos que essa bênção revela para o devoto um jeito particular de sentir a graça de Deus atuando em suas vidas, mesmo diante das circunstâncias e dificuldades enfrentadas, principalmente, pelo toque que recebem na cabeça ao serem abençoadas pelas mãos ungidas do sacerdote. O toque, na cruz, por sua vez, revela um sentimentalismo devocional que agrega a postura do fiel a um jeito próprio de se aproximar à dor de Cristo motivado por um pequeno momento de oração. A cruz, como referência de doação e redenção manifesta aos fiéis o sacrifício de Cristo integrado aos sacrifícios humanos.

Desse modo, Bogaert *et al.* (2013, p. 354-355), no Dicionário Enciclopédico da Bíblia (2013), referindo-se ao conceito da cruz, faz referência ao cristianismo e diz que:

Para a teologia a cruz tornou-se a figura da existência cristã em conformidade coma de cristo (Mt 10,38; 16,4; Rm 6,6). Sinal da redenção dos homens por Cristo, que por eles suportou todo o sofrimento, os ultrajes, a morte infamante (Fl 2,8; Hb 11,26; 12,2; 13,13), a cruz aparece como um escândalo para os judeus (1 Cor 1,23; Gl 5,11); de fato, por ela tornou-se 'maldição para nós'.

Um dos símbolos mais importantes do cristianismo é o crucifixo ou simplesmente a cruz. Ela faz referência ao próprio Cristo que foi crucificado e morto para remir os pecados humanos. Na cruz, sentimos as dores de Cristo e o amor pela humanidade. A cruz não é o fracasso de um Deus humano, mas a vitória do humano de Deus.

No Santuário de Aparecida, existem dois crucifixos, um ao lado esquerdo da porta principal e outro, que é o crucifixo principal, fica no centro da igreja posterior ao altar. Ambos têm sua finalidade devocional que causa no fiel devoto uma expressão de sentimentos.

Essas expressões são geridas, de maneira particular e comunitária, pois somente o devoto pode sentir ao expressar seu sentimento ao tocar por alguns instantes na cruz e fazer suas orações pessoais caracterizando a própria cruz de Cristo. O toque na cruz, com esse sentido devocional, expressa a forma de buscar na própria imagem do Cristo crucificado a cura para suas enfermidades.

Este momento de integração da bênção individual na cabeça e o toque na cruz acontece da seguinte maneira: ao terminar a novena com a bênção final, o sacerdote dirige-se com seus auxiliares à frente do altar onde se encontra o povo em volta do presbitério. Dirigindo-se a cada pessoa individualmente, o sacerdote concede a bênção na cabeça.

Posteriormente, os fiéis sobem ao altar e vão tocar no crucifixo que se encontra no centro do presbitério. Esse momento da bênção individual e toque na cruz (crucifixo) não faz parte do roteiro da novena, do rito, mas são expressões individuais que têm ganhado espaço na vida do devoto.

Figura 8 e Figura 9 - Depois da bênção da cabeça e toque na cruz



Fonte: O autor, 2022.

O povo devoto de Manaus, em suas expressões religiosas, procura através do toque (relacionado aos objetos religiosos) e de ser tocado (quando o sacerdote impõe as mãos para a bênção) meios que, na concepção particular, gera um sentimentalismo

capaz de sentir ao ser tocado ou simplesmente ao tocar, a graça resultante de uma fé que brota do coração. Vemos como testemunho aquela mulher que por anos sofria de hemorragias e procurou tocar nas vestes de Jesus relatado pelos Evangelhos sinóticos (Mt 9,20-22; Mc 5,25-29; Lc 8,43-48).

Dessa forma, a bênção (com o toque do sacerdote na cabeça do fiel) e o toque na do fiel na cruz de Cristo proporcionam mais uma expressão devocional que encontramos dentro do contexto da novena de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro. Talvez, para alguns, sejam apenas gestos, mas para aquele que sentem essa necessidade tem um valor de cura e graça divina.

c) As promessas

Um dos fatores predominantes, que ocorrem dentro da religiosidade popular, são as promessas. Esses compromissos são decorrentes das crenças em detrimento as próprias expressões da fé. As particularidades e as necessidades de cada pessoa revelam um jeito de buscar um ideal para sanar ou merecer algumas situações pertinentes da vida.

Essas são situações que estão ligadas ao sentido da bênção por via de determinadas promessas que foram feitas, para que, diante de sua realização, fossem “pagas” por alguma forma de retribuição. As promessas são pedidos relacionados a Deus, por meio dos santos, e são retribuídas em forma de penitência ou caridade.

Beckhauser (2007, p. 68) explicita que quando o fiel faz referência ao cumprimento ou pagamento da promessa deve passar por um processo de purificação e conversão por uma realidade difícil que passou.

O cumprimento de uma promessa pode ser considerado como um exercício de conversão, que teve seu início quando a pessoa, talvez em alguma dificuldade, voltou-se para Deus em atitude de fé e de confiança em seu poder e em sua bondade. Fazer uma promessa é reconhecer a soberania de Deus, o seu poder. Constitui, pois, um ato de fé e de confiança em Deus.

Precisamos entender que, quando fazemos uma promessa, não teremos garantias de que ela será cumprida. A atitude divina de retribuir, pela intercessão aos santos, não proporciona a veracidade de sua realização. A motivação, através da fé, muitas vezes, rompe as barreiras das incertezas, proporcionando ao fiel uma realização do pedido que foi correspondido pela graça alcançada.

Vale ressaltar que a promessa feita proporciona uma consciência que retribui ao divino ou aos santos a graça alcançada. O grande cuidado, diante dessa forma de “merecer” a graça pela bondade de Deus através da promessa feita e não ser retribuída, pode gerar uma forma de incredulidade. Ao mesmo tempo, ao fazer uma promessa, colocamos determinada forma de recompensar através dos “sacrifícios” o benefício que foi alcançando.

Beckhauser (2007, p. 67), refletindo sobre essa forma do então chamado catolicismo popular e referindo-se ao pagamento de promessas, menciona que:

O povo vai aos santuários mais em busca de bênçãos, ou de ‘pagamento’ de promessas, depois de ser atendido no seu pedido de graça, de bênção. Trata-se do pobre, do desvalido, em busca da satisfação de suas necessidades básicas, como a vida, o alimento, o emprego, a saúde, a paz e em geral, em busca de milagres.

Muitas dessas formas de promessas são feitas de maneira egoísta e pouco eclesial e comunitária. O grande problema perante essa forma de buscar algo para suprir as necessidades é colocada de maneira individual, dando um parecer que ninguém mais precise de paz, de alimento, de emprego, saúde etc.

A forma como as promessas são realizadas acontece em vista das condições de urgência relacionadas a um bem pessoal. Pelas condições de extrema necessidade, muitos fiéis usam das delas para alcançar determinada graça. O CIC (1999) fala das promessas feitas à Santíssima Trindade, à Virgem Maria e aos santos que devem ser realizadas com respeito e fidelidade.

As promessas feitas a outrem em nome de Deus empenham a honra, a fidelidade, a veracidade e a autoridade divinas. Devem, pois, em justiça ser respeitadas. Ser-lhes infiel é abusar do nome de Deus e, de certo modo, fazer de Deus um mentiroso (CIC 2147).

Todo aspecto que exprime um agradecimento pelo cumprimento de uma promessa mostra, através de gestos ou ações, formas próprias de retribuição. A Igreja não inibi as questões da piedade popular, principalmente, relacionadas às buscas de graças, através de promessas, porém, é necessário alertar para que determinadas formas de promessas, que não são cumpridas pelas impossibilidades, não caiam no banalismo.

Da mesma forma, em muitas ocasiões, quando alguém faz um pedido aos santos ou à Virgem Maria para que, pela sua intercessão, alcance graça, através de

um pedido direcionando a outrem, a finalidade de cumprir a promessa. Precisamos ter um devido cuidado para com essa forma de promessa, pois sabemos que a responsabilidade é, especificamente, daquele que prometeu.

Nos aspectos da devoção popular, é muito comum esse tipo de expressão da fé, por isso, não é diferente nas celebrações da Novena de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro. Muitos devotos, pelas diversas situações da vida, colocam-se aos pés do ícone de Maria e fazem seus pedidos com intenção de que, após a graça ser alcançada, procurarão cumprir seus deveres prometidos.

d) Entrega das flores

As flores fazem parte das simbologias não apenas da igreja, mas de todo aspecto social ou cultural. Elas expressam seu valor nas relações humanas e têm uma representação muito forte quando falamos de sentimentos. Na vivência religiosa, as flores expressam não apenas uma expressão simbólica, mas um valor sentimental. Elas são usadas para diversas ações como forma de expressar um sentimento pessoal ou comunitário de pessoas que a utilizam dessa simbologia querendo demonstrar alguma finalidade.

Das diversas utilidades que podemos exprimir no uso dessa simbologia, podemos destacar que elas são usadas para ornamentar andores para procissões, ambientar com arranjos nossos templos com decorações, utilizá-las em encenações como coroação de Nossa Senhora, dentre várias outras manifestações que expressam de modo religioso um sentimento próprio de cada fiel.

Aldazábal (2013, p. 150), quando se refere às flores nas celebrações litúrgicas, vê nelas um sinal do quanto é precioso, o lugar onde acontece a celebração pelo embelezamento que elas dão.

Todos entendem a linguagem das flores! Um ramo na mesa festiva, ou oferecido como presente, ou colocado diante da imagem da Virgem, ou no cemitério sobre o túmulo da pessoa querida, dispensam explicações de apresentação. A partir da exuberante oferenda floral à Virgem, em alguns santuários famosos, até a decoração generosa do Santíssimo, na noite de Quinta-feira Santa, ou que se coloca diante do sacrário, ou ainda a flor solitária que alguém oferece a outra pessoa, constitui um gesto de fé e de amor ou gratidão.

Nas novenas de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, entra mais um aspecto de conotação devocional com a participação dessa simbologia de maneira muito

espontânea e pessoal. Chamamos este momento como “a entrega das flores”. É evidente que, quando compramos ou colhemos as flores em algum lugar, procuramos a princípio expressar alguma demonstração que revele o que possivelmente queremos transmitir.

Dessa forma, a expressão e o sentimento que cada devoto carrega quando coloca no altar de Nossa Senhora um arranjo, um buquê ou simplesmente uma rosa, expressa um sentimento de afeto, de carinho, de zelo, apreciação, de agradecimento, de amor e tantos outros sentimentos que somente a pessoa pode sentir e explicar. Nesse gesto de entregar as flores no altar de Nossa Senhora, há uma expressão de devoção pessoal de cada fiel.

O Pe. José de Anchieta Tavares (2011, p. 42), em sua música “Pensando em teu Coração”, demonstra o afeto daqueles que entregam flores à Nossa Senhora como uma expressão de coração para coração, na música nosso compositor diz o seguinte: “de todo nosso coração, pensando em teu coração, trazemos estas lindas flores, ó Mãe, e as colocamos em tuas mãos”. São flores que significam a beleza e a singeleza de Maria.

A entrega das flores no altar de Nossa Senhora proporciona uma reflexão que nos coloca diante da beleza do afeto e do agradecimento. O afeto é a expressão mais humanizada que o indivíduo pode oferecer a outro. É uma atitude pura que não se limita e nem impõe barreiras. Ele é dado a quem se ama. Por outro lado, o agradecimento é um reconhecimento proporcionado por alguém que recebeu algo; é uma atitude recíproca de consideração e respeito.

Vale ressaltar que diversos devotos, ao longo das novenas, enchem o altar de Nossa Senhora com arranjos e buquês de flores, de várias espécies, embelezando o ícone de Maria. A beleza de todo esse momento manifesta-se, de modo pleno, quando os devotos voltam-se para o ícone em contemplação.

Figura 10 e Figura 11 - Altar de Nossa Senhora e entrega de flores



Fonte: O autor, 2022.

Esse momento revela a particularidade de cada devoto que expressa sua fé, seu agradecimento através desse gesto tão humanizador que é a entrega das flores. É interessante ressaltar que essa expressão não é algo organizado pela igreja ou que faça parte do rito celebrado, é uma expressão advinda da própria realidade devocional de cada pessoa.

Pela grande quantidade de arranjos e buquês oferecidos e deixados no altar de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, há a necessidade de tirá-los para que ao longo da semana possa ser utilizado na ornamentação da igreja.

Assim, compreendemos como parte fundamental que expressa um jeito próprio de cada fiel se relacionar com Maria esse gesto faz parte da dimensão popular de manifestar seu carinho, zelo e admiração por aquilo que Nossa Senhora significa para suas vidas.

Conclusão

A novena de Nossa Senhora tem a sua raiz no ícone e através da participação popular ela ganha horizontes que ressaltam sua importância e, ao mesmo tempo, propõe uma reflexão sobre a sua coerência nesta forma de expressar a fé. Quando falamos de suas singularidades, queremos expor aquilo que é própria de sua ação sem distanciar da verdade cristã.

Há uma integralidade em toda a ação da novena, pois ela não acontece de modo aleatório ou superficial, ela tem sua raiz a partir de uma pessoa que está intimamente ligada à pessoa de Jesus. Dessa maneira, alcança dimensões que norteiam seu real valor.

As dimensões contidas dentro da organização e do conteúdo da novena são caminhos que não se afastam da Igreja, pois existe o aspecto cristão que está ligado à Maria e vive-versa, à dimensão eclesiológica, orientada e direcionada pela Igreja; a dimensão espiritual, que é o teor e a ressonância do fiel numa relação marial e cristológica, bem como é apresentado a dimensão mariológica que propõe o lugar de Maria e o direcionamento proposto por essa devoção há um aproximação mais concreta com Cristo.

Apesar de termos essa clareza sobre a finalidade da devoção mariana, para uma prática de fé mais lúcida, o grande desafio, que não podemos deixar de fora, é a forma particular, individual em que cada fiel numa prática devocional pode manifestar. Essas manifestações vão além do rito proposto, e as singularidades existentes na novena podem dimensionar a uma prática vazia e instrumentalizada por particularidades advindas do meio popular.

Em decorrência de determinados gestos terem seu valor, seja em nível pessoal ou comunitário, precisamos levar sempre em consideração como esses meios podem ajudar-nos a compreender a fé, de maneira coerente, sem que estejamos fortificando manifestações que não agregam valores minimizados por uma devoção vazia.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Refletir sobre o estudo mariológico, a partir do contexto celebrativo da novena de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, na realidade da Igreja de Manaus, é trazer presente a devoção de milhares de pessoas que têm um zelo imenso pela mãe do Filho de Deus.

A partir dessa pesquisa e a finalidade que nos debruçou em estudar sobre Maria e suas manifestações devocionais, não olhando especificamente sua atuação histórica, mas dando uma conotação a partir da prática da piedade popular, procuramos revelar essa manifestação popular que é tão aceita e vivida na região norte. Essa compreensão fez-nos indagar sobre o seu papel e como os fiéis identificam-se, de modo prático, com esta mulher. Sendo assim, identificamos alguns elementos que colocam em pauta o valor ou não de uma devoção tão grandiosa que é a devoção mariana.

Percebemos que Maria ocupa um lugar singular na vida e no coração das pessoas. Além disso, o papel que ela exerce no plano da salvação divina e a contribuição que nos oferece para vivermos uma fé madura, sensata longe de qualquer visão particular ou reducionista fez-nos perceber seu valor para a Igreja na evangelização dos povos.

Por outro lado, existem alguns percalços que devem ser levados em consideração quando falamos da importância e o valor dessa devoção a partir da novena perpétua. A novena é um instrumento de evangelização que, através da devoção a Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, por meio do rito celebrado, prepara os fiéis para adorar e receber Jesus na Eucaristia. No entanto, sem uma base contundente e explicativa sobre cada detalhe da novena e sua importância, a fé cristã pode ser confundida com meras expressões devocionais, pois a falta de compreensão vai gerar fiéis que têm uma participação ativa nas novenas e esquecem o valor e a grandeza da missa, além de não se inserirem em uma comunidade eclesial assumindo serviços pastorais.

Como foi ressaltado ao longo dessa pesquisa, a proposta não foi querer dizimar as expressões decorrentes de uma religiosidade popular particularizada ou comunitária com é a novena, mas perceber algumas fragilidades decorrentes dessas expressões, pois quando falamos da fé, se entende que cada um carrega um jeito

próprio de vivê-la e, anulá-la é impedir uma religiosidade que vem sobrevivendo por muito tempo.

Boff (2006) aborda essa temática a partir de uma perspectiva mariológica na relação não apenas eclesial, como é mencionada nesses últimos séculos, mas a partir de uma mariologia integrada à realidade social, ou seja, não deve haver um domínio a partir de uma compostura da Igreja.

Temos, pois por um lado, a mariologia e, por outro, o compromisso social. O simples confronto dessas duas dimensões, respectivamente doutrinária e moral, da fé cristã e sobretudo instrutivo. Ele nos faz ver que existe entre elas um certo divórcio. Há uma dicotomia básica entre Maria e sociedade. Assim, a devoção mariana e o empenho social correm mais ou menos paralelos: nem a devoção mariana inspira o empenho social, nem este se abre acolhedoramente à inspiração mariana (BOFF, 2006, p. 22).

O grande desafio está na integralidade que é necessária e salutar para termos uma mariologia que não se feche em si mesma, mas que busque corresponder a partir de uma visão social uma postura que gere proximidade e mantenha-se presente na vida do povo. Por isso, percebe-se que a devoção a Nossa Senhora e aos santos tem se tornado uma grande expressão na igreja de Manaus, pois os fiéis dessa região têm manifestado sua fé através desse horizonte. A prática de fé que os devotos manifestam é o fator principal que faz com que o Santuário de Aparecida, nas terças-feiras, tenha grande expressão de pessoas para a celebração da novena de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro.

Por outro lado, identificamos que, apesar da novena acolher fiéis de todos os lugares de Manaus e cidades vizinhas, sua menção demonstra o sentido de viver uma fé conjunta, ou seja, não há reservas quanto a sua dinâmica celebrativa, pois o padrão dessa ação se dá de maneira comunitária. Em vista disso, a beleza proporcionada pela unidade celebrativa, vivenciada pelas novenas, revela que a devoção não é meramente uma simples expressão de fé, vazia e sem sentido, mas traz consigo a comunhão de pessoas, sem levar em conta o perfil, a raça, a cor, o status, pois todos revelam o mesmo objetivo: a fé.

Diante disso, percebeu-se que a novena é uma forma de devoção manifestada através da crença do povo e para o povo e, nessa junção comunitária, vários leigos conduzem-na em diversos momentos da celebração. Esse é o modo como muitos fiéis sentem-se inseridos na liturgia, excluindo aquele pensamento clerical, que faziam com que as celebrações se resumissem apenas aos sacerdotes. Dessa maneira, vemos

que a novena valorizar não apenas o valor empregado na liturgia, mas todos os leigos em sua ação evangelizadora como parte fundamental de uma comunidade de crentes que participam do mesmo seguimento.

Além de entender que a novena tem destaque comunitário, vemos que outra forma de entender o motivo pelo qual a novena permanece expressiva com a constância de pessoas em todos os horários celebrados ao longo do dia se dá de maneira cultural. O contexto cultural de cada devoto é o principal responsável por prezar as raízes dos valores religiosos entre as gerações, por meio dos quais as famílias herdam e transmitem seus costumes, modo de vida, culinária e, até mesmo, a fé através de suas histórias. Por via disso, as novenas têm se tornado uma ação cultural entre as pessoas (famílias) que se debruçam numa prática a partir daquilo que adquiriram de seus antepassados.

A grande expressão da novena, além de ocorrer de maneira cultural, também acontece através da conveniência de pessoas que participam de maneira conjunta ou por estarem passando por algum problema pessoal. É por meio da novena que as pessoas encontram abrigo na igreja/novena, buscando algum refúgio para as dificuldades que estão enfrentando. Deve-se levar em consideração que determinadas manifestações sociais e pessoais atuam através de uma prática momentânea de religiosidade que, em vista de interesses, muitas vezes, não agregam fiéis convictos que aderem à vivência comunitária.

Todavia, analisando esses aspectos de interesses que acontecem em decorrência das novenas e da ação pastoral do Santuário, percebe--se grandes manifestações de cunho econômico. Esse é o grande cuidado que o Santuário de Aparecida e os demais santuários do Brasil precisam ter para que a fé não seja uma barganha que dimensione ao capital. Esse ambiente econômico constitui-se não apenas nas dimensões internas do Santuário, mas em todo o entorno.

Pela dimensão histórica em que acontece as novenas com um grande número de fiéis na igreja e, posteriormente, no Santuário de Aparecida, foi dando visibilidade não apenas para os devotos, mas para comerciantes que buscam a partir dela uma fonte de renda. Em vista dessa percepção, criou-se, no entorno do Santuário, uma feira ambulante que perdura por anos e acontece somente nos dias das novenas (terças-feiras), quando os comerciantes que implantaram suas lojas de artigos religiosos, vendedores ambulantes e vários outros meios que buscam através da expressão populacional da novena algum tipo de lucro.

Esses meios que usam da ação religiosa um modo de ter algum benefício, seja ele positivo (onde muitas famílias encontram uma fonte de renda) seja negativo (em decorrência das ações religiosas, aproveitam a dimensão expressiva de pessoas como meio para impor a prática do comércio) podem causar transtornos na ação religiosa do Santuário.

Além disso, as diversas paróquias e suas campanhas procuram no Santuário um refúgio para promover bingos, rifas, venda de objetos religiosos etc. Esses agentes aproveitam o público que participa das novenas para essa finalidade econômica. É um grande desafio que é encontrado não apenas no Santuário, mas em todas as paróquias da arquidiocese de Manaus. A Fé e o mundo capitalista, em alguns momentos, caminham juntos.

Todavia, devemos garantir que a devoção mariana seja apresentada ou anunciada, de maneira clara e coerente, não fazendo dela um mecanismo de interesse econômico como é implementado neste mundo capitalista. Este tem sido um grande problema que nos faz questionar: até que ponto os interesses financeiros têm influenciado no contexto religioso ou no monopólio da fé? Esse questionamento tem suas razões, pois, em diversos lugares de expressão religiosa, onde a participação popular é constante, tem se constituído uma estrutura de comércio em que essa finalidade é uma voz gritante que tem beneficiado várias pessoas e no Santuário de Aparecida em Manaus não é diferente.

Precisamos entender, também, que, mesmo havendo condições desafiadoras propostas por um caminho social elucidado em decorrência da mariologia, precisamos estar cientes que existem dimensões que, visíveis ou não, estão presentes dentro do contexto da Igreja como a política, a cultura e os aspectos econômicos.

Apesar disso, diante de todos esses desafios, Maria tem se tornado para muitos caminhos de graça que conduz a Jesus para uma caminhada de fé. Para outros, ou seja, aqueles que não procuram compreender teologicamente ou espiritualmente, Maria é somente alguém que teve um papel usual na história da salvação e que é utilizada para confundir a fé do povo. Todavia, refletir sobre Maria, não é apenas falar da piedade popular, mas fazer parte de uma experiência única agraciada que lhe envolveu plenamente com o divino.

No entanto, o grande problema que acontece em relação à mariologia e, conseqüentemente, no contexto celebrativo da novena perpétua é proporcionar através dela uma devoção exacerbada visando priorizar e enaltecer aquilo que é

prático da veneração a Maria esquecendo a prioridade cristã. Esta se apresenta de maneira secundária quando o devoto tem uma prática celebrativa a partir das novenas e não tem uma vivência comunitária depositando nas ações litúrgicas o valor do sacrifício eucarístico e sua grandeza. O que se percebe é que grande parte dos fiéis que participam das novenas e não têm uma prática de missas se expõem de maneira vulnerável a uma fé alicerçada no Cristo.

Este é um problema que fere o sentido pastoral do Santuário, vendo nessa prerrogativa um desafio a ser superado. Esse desafio talvez, em decorrência das questões culturais e pastorais enfrentadas e vividas ao longo do tempo, proporciona uma tendência para as devoções aos santos e santas, pois essa era a maneira que os leigos experienciavam, de maneira prática, a devoção através da celebração da Palavra, das novenas, ofícios etc., sua dimensão religiosa.

Essa experiência deve ser celebrada, vivida e sentida de diversas formas, por isso os fiéis procuram mostrar, através das novenas, reza do terço, ofícios de Nossa Senhora, celebrações, encontros em família e outros um jeito inspirador de se dedicar e viver ao jeito de Maria. A partir dessas reflexões, emerge a importância de refletir sobre a presença de Maria na vida do Povo, e não somente na vida da Igreja.

Todavia, analisar a novena como uma forma específica de estudo da mariologia é sentir o jeito popular e religioso de viver a fé numa prática de oração, contemplação/veneração e de sentir uma humanidade tão próxima que nos acumula de zelo e lucidez as respostas a proposta de Deus. Ao mesmo tempo, as razões que fazem da devoção um valor extraordinário para a Igreja são as mesmas que colocam a Igreja em dimensões de questionamentos, pois a vivência desorientada de muitos limita a credibilidade do seu valor.

REFERÊNCIAS

- ALDAZÁBAL, José. **Vocabulário básico de liturgia**. São Paulo: Paulinas, 2013.
- BECKHÄUSER, Alberto. **Religiosidade e piedade popular, santuários e romarias**. Petrópolis: Vozes, 2007.
- BOFF, Clodovis M. **Mariologia Social, o significado da Virgem para a Sociedade**. 4. ed. São Paulo: Paulus, 2017.
- BOFF, Clodovis. **Teoria do Método Teológico**. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2015.
- BOGAERT, Pierre-Maurice; DELCOR, Mathias; JACOB, Edmond; LIPINSKI, Édouard; ACHARD, Robert; PONTHOT, Joseph. **Dicionário Enciclopédico da Bíblia**. São Paulo: Loyola: Paulus: Paulinas: Academia Cristã, 2013.
- CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. Brasília: CNBB, 1998.
- CNBB. **Cristãos leigos e leigas na Igreja e na Sociedade**. Doc 105, 6. ed. São Paulo: Paulinas, 2017.
- CNBB. **Comunidade de comunidades uma nova paróquia**. Doc. 104. São Paulo: Paulus, 2013.
- CONSTITUIÇÕES E ESTATUTOS DA CONGREGAÇÃO DO SANTÍSSIMO REDENTOR. ROMA, 2004.
- DOCUMENTO DE APARECIDA. **Texto conclusivo da V conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe**. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2007.
- GONZALES, Carlos Ignacio. **Maria evangelizada e evangelizadora**. São Paulo: Loyola, 1990.
- GRZYWACZ, José. **Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, mãe carinhosa**. São Paulo: Paulus, 2016.
- GUIMARAES, Valdivino. **Maria na liturgia e na piedade popular**. São Paulo: Paulus, 2017.
- KATER FILHO, Antônio Miguel. **O marketing Aplicado à Igreja Católica**. 3. ed. São Paulo: Loyola, 1999.
- KRIEGER, Murilo S.R. **Maria na piedade popular**. Vol. 1, Coleção Mãe de Deus. edições CNBB, 2016.
- LIGÓRIO, Afonso. **Glórias de Maria**. 13. ed. São Paulo: Santuário, 2000.
- LIGÓRIO, Afonso. **Visitas a Jesus Sacramentado e Nossa Senhora**. 38. ed. São Paulo: Santuário, 2013.
- MCKENZIE, John L. **Dicionário Bíblico**. 10. ed. São Paulo: Paulus, 2011.
- MEMORIABILIAN. **Vice Província de Manaus**. 2020.

MESQUITA, Fábio Azevedo. A veneração aos santos no catolicismo popular brasileiro: uma aproximação histórico-teológica. **Revista Reveleto- PUCSP**. Vol 9, n 15, 2015.

PAULO VI. MISSAL ROMANO. 16. ed. São Paulo: Paulus, 2012.

MUCKERMAN, Norman J. **Redentoristas na Amazônia**. Os primeiros cinquenta anos. Manaus. [s.n], 1993.

MURAD, Afonso. **Maria toda de Deus e tão humana**. 3. ed. São Paulo: Paulinas, 2014.

OLIVEIRA, Vicente André. **À vossa proteção recorreremos, Mãe do Perpétuo Socorro**. São Paulo: Santuário, 2007-2008.

PAIVA, Gilberto. **A Vice-Província de Manaus**. São Paulo: Santuário, 2017.

PAPA FRANCISCO. **Exortação Apostólica Evangelii Gaudium**, A Alegria do Evangelho. São Paulo: Paulinas, 2013.

PAREDES, José Cristo Rey García. **Mariologia, Síntese bíblica, histórica e sistemática**. 3. ed. São Paulo: Ave Maria, 2018.

PAROQUIA SANTUÁRIO DE NOSSA SENHORA APARECIDA. **Novena em honra da Mãe do Perpétuo Socorro**. Manaus: S.E., 2021.

PARRON, Joaquim. **História e mensagem do ícone de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro**. Curitiba: Peregrina, 2013.

PARRON, Joaquim. **História e mensagem do ícone de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro**. Curitiba: Peregrina, 2013.

PAULO VI, Papa. Exortação Apostólica Marialis Cultus. **Documento pontifício 186**. Petrópolis: Vozes, 1974.

PAULO VI, Papa. **Exortação Apostólica Evangelii Nuntiandi** (Sobre a evangelização no mundo contemporâneo). São Paulo: Loyola, 1976.

PEREIRA, José Carlos. **Como gerir uma paróquia**. São Paulo: Paulus: 2020.

PULGA, Ivani. **Pontifício Conselho para a Pastoral dos Migrantes e Itinerantes: O Santuário**. São Paulo: Paulinas, 1999.

RATZINGER, Joseph. **A filha de Sião, a devoção mariana da Igreja**. 3. ed. São Paulo: Paulus, 2018.

ROCHA, Dom Jaime Vieira. **Devoção x devocionismo**. Artigo lançado no dia 25 de maio de 2012. Disponível em: <http://www.tribunadonorte.com.br/noticia/devocao-x-devocionismo/220992>. Acesso em: 14 jul. 2020.

SCHNEIDER, Antônio. **Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, história, culto, devoção**. 11. ed. São Paulo: Santuário, 2004.

SENA, Luan da Silva. **Maria e a piedade popular**: uma abordagem histórica, bíblica e teológica sobre a devoção mariana e sua importância para a igreja e o povo amazônida. Manaus: TCC, 2021.

TAVARES, José Anchieta. **Pensando em teu coração**. Novena e festa da padroeira do Brasil. Manaus: Santuário Aparecida, 2011. Disponível em: <https://www.acn.org.br/quem-se-aproxima-da-igreja-deve-encontrar-portas-abertas-e-nao-fiscais-da-fe/>: Acesso em: 09 jun. 2022.